

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CCE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGED
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

WANDERSON WILLIAM FIDALGO DE SOUSA



**OS "CORRES" COMO AÇÃO AFIRMATIVA: JOVENS COTISTAS
PENSADORAS/ES DA PERMANÊNCIA NA UFPI**

TERESINA/PI

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CCE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGED
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

WANDERSON WILLIAM FIDALGO DE SOUSA

**OS "CORRES" COMO AÇÃO AFIRMATIVA: JOVENS COTISTAS
PENSADORAS/ES DA PERMANÊNCIA NA UFPI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), na Linha de Pesquisa: Educação, Diversidade/Diferença e Inclusão do Mestrado em Educação, como um dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Pesquisador Responsável:

Wanderson William Fidalgo de Sousa

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Shara Jane Holanda Costa
Adad

TERESINA/PI

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Educação
Serviço de Representação da Informação

S725c Sousa, Wanderson William Fidalgo de
Os "Corres" como ação afirmativa : jovens cotistas
pensadoras/es da permanência na UFPI / Wanderson William
Fidalgo de Sousa. – 2025.
141 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí,
Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em
Educação, Teresina, 2025.

“Orientadora: Prof.^a Dr.^a Shara Jane Holanda Costa Adad.”

1. Jovens adultos. 2. Jovens Cotistas. 3. Lei de Cotas.
I. Adad, Shara Jane Holanda Costa. II. Título.

CDD 305.242

Bibliotecário: Hernandes Andrade Silva – CRB-3/936


WANDERSON WILLIAM FIDALGO DE SOUSA

**OS "CORRES" COMO AÇÃO AFIRMATIVA: JOVENS COTISTAS
PENSADORAS/ES DA PERMANÊNCIA NA UFPI**


Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Piauí, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em: 27/03/2025


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **SHARA JANE HOLANDA COSTA ADAD**
Data: 05/04/2025 12:22:20-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Shara Jane Holanda Costa Adad

Documento assinado digitalmente
 **FRANCIS MUSA BOAKARI**
Data: 29/03/2025 09:12:50-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Francis Musa Boakari

Documento assinado digitalmente
 **MARIA ZENAIDE ALVES**
Data: 29/03/2025 16:39:41-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Maria Zenaide Alves
Examinadora Externa

À minha avó,
Dona Teresa.

Agradecimentos

Agradeço ao meu corpo e a tudo aquilo que se encarnou em mim durante minha jornada no Mestrado em Educação.

Bença, vó-cidreira.

Agradeço aos meus familiares da casa de barro e da casa de tijolos.

Agradeço a Marcos Antônio, Josy Gomes, Marlia Ribeiro, Sabrina Thainara, Claudiney Saraiva, Sérgio Santhos, Wesley Rodrigues, Paloma Vanessa, Hortência Rocha, Júlia Paz e Samuel Carvalho. Obrigado por suas vozes e ouvidos.

Agradeço ao chão que foi território de acolhimento e ao grupo-pesquisador por caminhar comigo e produzir conhecimento com a sensibilidade dos dedos.

Agradeço à Prof^a. Dr^a. Shara Jane Holanda Costa Adad por me acolher em seu ninho. Com você, aprendi a voar e a pousar no chão para senti-lo.

Agradeço à Prof^a. Dr^a. Maria Dolores dos Santos Vieira pelos ensinamentos ao longo da minha trajetória acadêmica, que me potencializaram.

Agradeço à Prof^a. Dr^a. Maria do Socorro Borges da Silva. Você foi como uma ventania em minha caminhada e, como professora-vento, sacudiu meus galhos, fazendo-me sentir forte.

Agradeço à banca examinadora por suas contribuições na qualificação e defesa.

Agradeço aos membros do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Cidadania (NEPEGECI) e ao Observatório das Juventudes e Violências na Escola (OBJUVE).

Agradeço à CAPES pelo fornecimento da bolsa que me ajudou a garantir a permanência no Mestrado em Educação.

SOUSA, Wanderson William Fidalgo de. Os “corres” como ação afirmativa: jovens cotistas pensadoras/es da permanência na UFPI. Dissertação (Mestrado em Educação). 141 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, 2025.

Resumo

A pesquisa está inserida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí - UFPI, na linha de pesquisa Educação, Diversidade/Diferença e Inclusão e no Núcleo de Estudos e Pesquisas em “Educação, Gênero e Cidadania” - NEPEGECI e no Observatório das Juventudes e Violências na Escola - OBJUVE. O tema-gerador é: a permanência de jovens cotistas. Temos como objetivo geral: Analisar os modos de permanência de jovens cotistas do Curso de Pedagogia, UFPI, Campus de Teresina/PI e os seguintes objetivos específicos: Identificar os conceitos de permanência produzidos por jovens cotistas do Curso de Pedagogia, UFPI, Campus de Teresina/PI e Elencar os problemas e as táticas criadas por jovens cotistas do Curso de Pedagogia, UFPI, campus de Teresina/PI para sua permanência. As leituras para construção do trabalho são: Adad (2014), Gauthier (2010, 2012), Petit (2014, 2019) para compreendermos a Sociopoética; Carneiro (2023), Evaristo (2020), Gomes (2017), Kilomba (2019) nos estudos de racialidade/negritude; Jesus (2021), Vaz (2022) a respeito da Lei de Cotas e Martins (2021) na perspectiva do corpo como episteme, entre outras/os. Na pesquisa, o diário de itinerância foi utilizado pelo grupo-pesquisador de forma coletiva como escrita-viva a partir das experiências do grupo-pesquisador nas oficinas e para produção de dados foi utilizada a técnica artística “Mutante”. No estudo dos dados do grupo-pesquisador a partir da técnica artística “Mutante”, identificamos os seguintes confetos na relação com a permanência de jovens-cotistas do Curso de Pedagogia: **efeito-manada**, que são jovens-cotistas que têm a necessidade de aprovação e, por não saber lidar bem com a solidão, abrem mão de sua personalidade para pertencer a um grupo. Em movimento contrário, temos jovens-cotistas que não abrem mão de sua identidade para ir no efeito-manada e, como consequência, enfrentam efeito-deixado-de-lado e, por não seguirem os padrões estabelecidos, são alvos de chacota; também evidenciado a **turma-bolha**, que são pessoas tão envolvidas com os seus que esquecem as outras pessoas. Nessa junção, jovens-cotistas fazem uma crítica à prática dos professores/as que estimulam isto, pois começam a dar preferência a um grupinho que gostam e jovens-cotistas que não fazem parte do grupo acabam no **efeito-deixado-de-lado**. Na dimensão do “corre”, temos **corre-parado-da-permanência**, que são os “corres” que as/os despotencializam, fazendo-se sentir incapazes, poucas/os e pequenas/os; em oposição a este pensamento, as/os jovens-cotistas apresentam o confeto **corre-movimento-da-permanência**, que potencializa jovens-cotistas em um **devir-água**, as/os tornando maleáveis para enfrentar os desafios para permanecer. **Ocorre-movimento-da-permanência** possibilita a jovens-cotistas viver a universidade. Outro ponto foi o acolhimento na universidade em duas dimensões: o **acolhimento-institucional** e o **acolhimento-com-entre-nós**; o primeiro é de caráter institucional, acontecendo na Semana dos Calouros, tem como finalidade a introdução ao Curso de Pedagogia e às funcionalidades da universidade e é promovido pela Coordenação do Curso. O segundo é fomentado pelo Centro Acadêmico do Curso de Pedagogia, promovendo (palestras, rodas de conversa, tutoriais, tour pela universidade e o trote); e o outro ponto de destaque é a compreensão de que ser jovem-cotista não é uma diminuição, é um direito conquistado e as cotas não são um favor. Desse modo, a pesquisa analisou os modos de permanência de jovens-cotistas do Curso de Pedagogia, identificando os confetos na relação com a permanência e os problemas e táticas, enquanto “corres” para permanecer.

Palavras-Chave: Jovens Cotistas; Lei de Cotas; Permanência; Curso de Pedagogia. Sociopoética.

SOUSA, Wanderson William Fidalgo de. The “corres” as affirmative action: young quota students who think about staying at UFPI. Dissertation (Master in Education). 141 f. Graduate Program in Education, Education Sciences Center, Federal University of Piauí, 2025.

Abstract

The research is part of the Postgraduate Program in Education at the Federal University of Piauí - UFPI, in the research line Education, Diversity/Difference and Inclusion and in the Center for Studies and Research in “Education, Gender and Citizenship” - NEPEGECEI and in the Observatory of Youth and Violence in Schools - OBJUVE. The generating theme is: the permanence of young quota students. Our general objective is: To analyze the ways in which young quota students of the Pedagogy Course, UFPI, Teresina/PI Campus, remain in the school and the following specific objectives: To identify the concepts of permanence produced by young quota students of the Pedagogy Course, UFPI, Teresina/PI Campus and to list the problems and tactics created by young quota students of the Pedagogy Course, UFPI, Teresina/PI Campus for their permanence. The readings for the construction of the work are: Adad (2014), Gauthier (2010, 2012), Petit (2014, 2019) to understand Sociopoetics; Carneiro (2023), Evaristo (2020), Gomes (2017), Kilomba (2019) in the studies of race/ethnicity/blackness; Jesus (2021), Vaz (2022) regarding the Quota Law and Martins (2021) from the perspective of the body as an episteme, among others. In the research, the itinerant diary was used by the research group collectively as living writing based on the experiences of the research group in the workshops and for data production the artistic technique “Mutante” was used. In the study of the data from the research group using the “Mutant” artistic technique, we identified the following effects in relation to the retention of young quota students in the Pedagogy Course: the herd effect, which is when young quota students need approval and, because they do not know how to deal well with loneliness, give up their personality to belong to a group. In the opposite direction, we have young quota students who do not give up their identity to follow the herd effect and, as a consequence, face the left-out effect and, because they do not follow the established standards, are the target of ridicule; also highlighting the bubble class, which is when people are so involved with their own people that they forget about other people. In this connection, young quota students criticize the practice of teachers who encourage this, because they start to give preference to a small group that they like and young quota students who are not part of the group end up in the left-out effect. In the dimension of “running”, we have running-stopped-of-permanence, which are the “runnings” that de-empower them, making them feel incapable, few and small; in opposition to this thought, the young quota students present the confection running-movement-of-permanence, which empowers the young quota students in a becoming-water, making them malleable to face the challenges to remain. The running-movement-of-permanence allows the young quota students to experience university. Another point was the welcoming at the university in two dimensions: institutional welcoming and welcoming-among-us; the first is of an institutional nature, taking place during Freshers' Week, and its purpose is to introduce students to the Pedagogy Course and the university's functionalities, and is promoted by the Course Coordination. The second is promoted by the Academic Center of the Pedagogy Course, promoting (lectures, discussion groups, tutorials, tours of the university and hazing); and the other highlight is the understanding that being a young quota student is not a reduction, it is a right that has been earned, and quotas are not a favor. Thus, the research analyzed the ways in which young quota students in the Pedagogy Course remain, identifying the conflicts in relation to remaining and the problems and tactics, while “running” to remain.

Keywords: Young Quota Holders; Quota Law; Permanence; Pedagogy Course. Sociopoetics.

Lista de Imagens

Imagem 1: Mesa redonda “Juventudes, Ensino Superior e Ações Afirmativas”.

Imagem 2: Abordagem Sociopoética e outras Práticas Instituintes de Pesquisa.

Imagem 3: Exposição dos mapas de escuta.

Imagem 4: Homenagem a Nêgo Bispo.

Imagem 5: Produção do painel “Abismos nunca mais”.

Imagem 6: Oficina “17ª Semana do Orgulho de Ser do Grupo Matizes”.

Imagem 07: *Slogan* “Cotas abrem portas!

Imagem 8: Alunos cotistas processam USP.

Imagem 9: Movimentação pela sala.

Imagem 10: Segurando-se pelos braços e jogando o corpo para trás.

Imagem 11: Através da janela eu vejo e sinto.

Imagem 12: Assinatura do TCLE.

Imagem 13: Fazendo a ciranda.

Imagem 14: Registro no diário do grupo-pesquisador.

Imagem 15: Deitados/as no chão.

Imagem 16: Tateando o chão.

Imagem 17: Tocando os cabelos.

Imagem 18: Esticado o corpo.

Imagem 19: Distribuição da argila.

Imagem 20 e 21: Produção Mutante.

Imagem 22: Mutante-Ele.

Imagem 23: Mutante-Flor.

Imagem 24: Mutante-Toggy.

Imagem 25: Mutante-Aquarela.

Imagem 26: Cumprimentando-se com os pés.

Imagem 27: Cumprimentando-se com a cabeça.

Imagem 28: Os pés das copesquisadoras e copesquisador.

Imagens 29, 30, 31 e 32: Portais.

Lista de Quadros

Quadro 1: Perfil do grupo-pesquisador.

Quadro 2: Roteiro da viagem imaginária.

Quadro 3: Relato oral e escrito - Mutante-Ele.

Quadro 4: Relato oral e escrito - Mutante-Flor.

Quadro 5: Relato oral e escrito - Mutante-Toggy

Quadro 6: Relato oral e escrito - Mutante-Aquarela.

Quadro 7: Roteiro da viagem imaginária.

Quadro 8: Estudos de relatos orais - Martinez.

Quadro 9: Estudos dos relatos escritos - Toggy.

Quadro 10: Estudos das imagens - Blue.

Quadro 11: Falas do grupo-pesquisador das oficinas e vivências na universidade.

Quadro 12: Estudo das produções plásticas pelo grupo-pesquisador.

Quadro 13: Identificação das categorias por número.

Sumário

Linhas introdutórias da pesquisa	14
“Corre” I: Escrivências do pesquisador e da pesquisa	
1. Escrivências do pesquisador-encarnado	20
1.1 Pesquisador-andarilho: os rastros percorridos ao encontro da pesquisa	25
1.2 Encantamento-poético: na experiência do sociopoeta-pesquisador	29
“Corre” II: Conversação - Movimento Negro, Lei De Cotas e corpo fora do lugar	
2. Breves considerações sobre o Movimento Negro	35
2.1 Cotas abrem portas, e não são as portas dos fundos: Lei de Cotas no Ensino Superior	38
2.2 Juventude negra - corpo fora do lugar: racismo e dispositivo de racialidade	46
“Corre” III: Nas trilhas da Sociopoética	
3. Itinerário metodológico: a Sociopoética como método de pesquisa da malandragem	50
3.1 O coser da pesquisa: território e perfil do grupo-pesquisador	53
3.2 Experimentação da técnica artística com integrantes do OBJUVE/NEPEGECI	59
“Corre” IV: Oficinas com o grupo-pesquisador	
4. Primeiro “corre”: oficina de negociação e formação do grupo-pesquisador	62
4.1 Escrivências: jovens-cotistas copesquisadoras e copesquisador da pesquisa	69
4.2 Segundo “corre”: oficina de produção de dados “Jovens Cotistas Mutantes da permanência	70
4.3 Terceiro “corre”: oficina de estudo das produções pelas copesquisadoras e copesquisador	83
“Corre” V: Estudo das produções pelo Facilitador	
5. Estudo plástico das mutações do grupo-pesquisador pelo facilitador: o que eu sinto, do que eu vejo	89
5.1 Estudo classificatório: categorias nos relatos orais e escritos produzidos pelo grupo-pesquisador na oficina de produção de dados	93
“Corre” VI: Contra-Análise e estudo transversal da permanência de jovens cotistas na UFPI	
6. A contra-análise dos estudos transversais do pensamento juvenil sobre a permanência na UFPI	98
Conclusão: o “corre” final ou o início de outros?	115
Referências	120
Apêndices	126
Anexos	134



Fonte: Grupo-pesquisador (2025)

Participar deste projeto abriu meus olhos para diversas formas de viver e enxergar a universidade, além dos desafios diários para nela permanecermos. Pude me ver nos relatos de outros estudantes, comentar sobre nossas dificuldades – tanto dentro quanto fora da universidade – e me conectar com os demais. A universidade é linda e, a cada dia, tenho mais vontade de permanecer e vivenciá-la. Apesar de todas as dificuldades, ela nos permite conhecer novas pessoas e abre diversas portas para nossas vidas. É incrível que, apesar de serem experiências diferentes, ainda consigamos nos identificar com cada história. Ser cotista, por um momento, fez-me questionar a minha capacidade e se eu era tão merecedora quanto os outros, mas, após este projeto, pude perceber que sou tão merecedora e capaz quanto eles.

(Grupo-pesquisador, 2025)

Linhas introdutórias da pesquisa

Esta pesquisa insere-se no Observatório das Juventudes e Violências na Escola – OBJUVE, que se articula às investigações do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Cidadania – NEPEGECI, na linha de pesquisa Educação, Diversidades/Diferença e Inclusão do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí – UFPI.

A pesquisa integra o projeto intitulado “Juventudes, Corpo e Educação no OBJUVE/NEPEGECI: inventário das pesquisas sociopoéticas produzidas com/entre jovens desde 2010 – A contribuição da abordagem sociopoética para a produção do pensamento juvenil coletivo, crítico e inventivo na Educação”. Trata-se da produção de um inventário das pesquisas sociopoéticas realizadas com/entre jovens desde 2010, com o objetivo de destacar a contribuição da abordagem sociopoética para a produção do pensamento juvenil coletivo, crítico e inventivo na educação.

Nesse contexto, ao ingressar no Mestrado em Educação, recebi um convite da minha orientadora, a Prof^a. Shara, para acompanhá-la como ouvinte no projeto de pesquisa vinculado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí - FAPEPI, intitulado “Avaliação dos Impactos das Políticas de Ações Afirmativas nos Programas de Pós-graduação das Universidades Públicas no Estado do Piauí”.

Nesse sentido, ao participar como ouvinte dos encontros do projeto da FAPEPI, fui me territorializando com a temática pesquisada e, a partir dos atravessamentos, realizei um deslocamento em meu projeto de pesquisa, saindo da dimensão do gênero para a questão racial, compreendendo, contudo, que ambas são categorias interligadas. Dessa forma, passei a habitar esse novo campo de pesquisa que se encarna em mim. Nesse novo movimento, precisei mudar de direção, seguir novos rumos e circular para conhecer.

Dia: 20/05/2023, Teresina/PI

Fui e re-fui cotista

Ser cotista na graduação era uma dimensão de múltiplos vazios, não emergia enquanto problemática. Ser cotista não era atravessado pela perspectiva política de acesso proporcionada pela Lei de Cotas; ser cotista era uma dimensão "dada" como natural por ser negro e oriundo de escola pública. Compreendi a dimensão política de ser cotista a partir de provocações no Mestrado em Educação. A racialidade era uma categoria de análise que ficava em segundo plano; eu me visualizava como homem e, depois, como negro. Ingressei no Mestrado pelas Ações Afirmativas com um pensamento semelhante ao da graduação, mas, a partir de todas as experiências e vivências, fui me constituindo de outro modo.

Nessa perspectiva, esta pesquisa é uma produção do grupo-pesquisador (facilitador, copesquisadoras e copesquisador) a partir das experiências. Sobre a experiência, estabeleço diálogo com Jorge Larrosa quando afirma que “[...] é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (2022, p. 18). Além da experiência, a pesquisa é encarnada, pois sou incorporado, absorvido, acrescentado, adicionado e agregado em todo o seu tecer coletivo, porque trata-se de estarmos vivos ao pesquisar (Denise Najmanovich, 2001). Estar vivo é um ato político, e dar vida à pesquisa é criar junturas, tornando-a vivíssima, isto é, uma pesquisa de carne viva.

Inicialmente, a pesquisa estava em fase de amadurecimento e buscava pistas nas orientações, encontros, aulas, eventos, cursos e na revisitação de memórias a partir do meu próprio rodopiar interior. Em uma das muitas conversas com minha orientadora, falei sobre meu desejo de pesquisar com/entre jovens cotistas da graduação da UFPI, campus de Teresina. Assim, de forma dialógica, surge uma nova linha de constituição na pesquisa: a graduação.

A princípio, tinha o desejo de pesquisar com/entre jovens cotistas da UFPI, independentemente do curso. Inclusive, o projeto submetido para avaliação ao Comitê de Ética apresentava essa proposta. No entanto, nessa dinamicidade que é o pesquisar e a partir de leituras, passei a refletir sobre o território a ser pesquisado. Em uma das orientações, fui provocado a refletir sobre meu território de pertencimento dentro da universidade, sendo o Centro de Ciências da Educação – CCE e o curso de Pedagogia, do qual sou egresso como jovem cotista. E escrevo o seguinte no diário:

Dia: 06/05/2024 - 21h39 - Teresina/PI

Com/entre orientação

Hoje foi um dia daqueles de correria. Das 8h40 às 12h, estive em orientação com a Prof.^a Shara na sala do OBJUVE. Gosto muito desses momentos, pois é quando consigo sentir a concretude da pesquisa – ela ganha vida e consistência, a pesquisa rende, parafraseando Nêgo Bispo. Como de costume, eu estava atento às colocações e pistas da Prof.^a Shara, e o lápis performava sobre o caderno, que, em questão de minutos, tinha suas linhas preenchidas. Durante a orientação, revisitamos a dissertação de Maria do Livramento, intitulada “Jovens Bailarinas de Vazantina: conceitos de corpo nos entrelaces afroancestrais da dança na Educação”. Folheando a dissertação, novas pistas eram gravadas em meu caderno a partir das falas empolgantes da Prof.^a Shara. Devemos ter empolgação na pesquisa, pois um/a pesquisador/a empolgado/a realiza uma pesquisa feliz. Durante o momento, pude rapidamente perceber meu encontro com a Sociopoética e como fiquei encantado com esse método de pesquisa. Essa memória emergiu a partir das páginas folheadas das dissertações observadas. Foi uma orientação com/entre uma orientação de muitas vezes. O que marcou nessa orientação foi a definição do território da pesquisa, pois até então tinha como território a UFPI de modo geral. E, durante a orientação e vendo as produções anteriores, pude perceber a importância de pesquisar a partir dos nossos territórios de pertencimento – em meu caso, o Curso de Pedagogia no CCE. Justamente nesse processo de perceber meu corpo-memória e todas as constituições que o marcam, volto para onde tudo começou (Martins, 2021). O interessante

durante a pesquisa são os caminhos nos quais estamos certos de percorrer. Porém, durante esse processo, estou certo de que o importante não é o caminho, é a caminhada. E, mais importante ainda, as pessoas que caminham com você/comigo. Não sabemos ao certo qual será o ponto de chegada e o que nos espera; apenas sabemos que caminhamos. A orientação mexe comigo porque sinto que estou no caminho, e as pedras que encontro levo comigo – são histórias.

Dessa forma, territorializadas as águas do rio-pesquisa, passam a fluir tranquilamente pelos muitos encontros de confluências (Antônio Bispo dos Santos, 2023). Sentia a vivacidade da pesquisa e, durante as confluências agregadoras, tive como ponto de partida a problematização da permanência de jovens cotistas do Curso de Pedagogia.

Destaco que, ao longo desta dissertação, faço uso do termo “corre” pensando-o a partir da dimensão da permanência de jovens cotistas, bem como dos “corres” do facilitador/pesquisador na realização da pesquisa. Assim sendo, nesta pesquisa, o “corre” emerge como categoria relevante para pensar as táticas criadas por jovens cotistas para permanecer na universidade. Tática, como propõe Michel de Certeau (1998, p. 100-101):

[...] a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei da força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é o movimento “dentro do campo de visão do inimigo”, como dizia von *Bulow*, e no espaço por ele controlado. Ela não tem portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia.

Dessa maneira, as táticas aqui compreendidas a partir dos apontamentos configuram-se como movimentos instituintes rápidos que têm como finalidade responder às necessidades cotidianas, recontextualizando a permanência de jovens cotistas do Curso de Pedagogia na UFPI.

O “corre” nesta pesquisa é um deslocamento realizado ao ler o artigo “A filosofia do corre e a impossibilidade da liberdade” (2023), de Gislene Aparecida dos Santos. A autora enfatiza que o “corre” é a referência às ações políticas cotidianas necessárias para a transformação da sociedade, mas também para a própria sobrevivência, ou seja, um pensamento-ação.

A autora apresenta o “corre” a partir das experiências de mulheres negras, uma vez que o “corre” e a impossibilidade da liberdade se relacionam, pois estas estão sempre no “corre” como ativistas, trabalhadoras formais e informais, acadêmicas e em tantas outras funções que desempenham. O “corre” exige um afastamento forçado de suas sociabilidades, pois, como destacado no escrito, vivemos no tempo da necessidade e não no tempo da vontade.

Contextualizando, penso o “corre” como uma possibilidade afirmativa de jovens cotistas do Curso de Pedagogia para permanecerem de diversos modos na universidade. Aqui, o “corre” é o movimento e suas formas de resistência para permanecer na instituição. Dessa forma, o problema de pesquisa é: Como jovens cotistas do Curso de Pedagogia criam meios para a permanência na UFPI?

O objetivo geral: Analisar os modos de permanência de jovens cotistas do Curso de Pedagogia da UFPI, Campus de Teresina/PI e os seguintes objetivos específicos: Identificar os conceitos de permanência produzidos por jovens cotistas do Curso de Pedagogia da UFPI, Campus de Teresina/PI e Elencar os problemas e as táticas criadas por jovens cotistas do Curso de Pedagogia da UFPI, Campus de Teresina/PI, para sua permanência.

Para atender a esses objetivos, utilizo a Sociopoética como método de pesquisa e visão de mundo e, para isso, recorro às dissertações e teses do acervo do OBJUVE/NEPEGEI. Dessa forma, buscando evidenciar as produções do acervo, escolhi apresentar as referências da seguinte forma no corpo da dissertação: nome completo do autor/a e título da dissertação ou tese. Ressalto que os/as demais autores/as que compõem este escrito são, em sua maioria, negros/as; em vista disso, utilizo seus nomes completos para referenciá-los/as, pois “negro tem que ter nome e sobrenome, senão os brancos arranjam um apelido ao gosto deles” (Lélia Gonzalez apud Luiza Bairros, 1999, p. 4). Aos autores/as citados/as mais de uma vez, para não tornar a leitura repetitiva, decidi mencionar apenas seus sobrenomes.

Destaco que, no decorrer do texto, apresento os diários escritos para rememorar a trajetória da pesquisa. Nesse sentido, compreendo o diário como um dispositivo de memória-escrita do/a pesquisador/a e concordo com Sandro Soares de Souza (2019, p. 170) quando afirma que “embora me prendendo ao tema da pesquisa, não posso me furtar de deixar transparecer minhas implicações, vinculações e transversalidades com o mundo ‘fora da pesquisa’, expor minhas ‘linhas de fuga’”.

Dia: 07/02/2024 - 08h35 - Teresina/PI

Falando de diário

Cada diário parte de afetos que emergem do corpo-sujeito-pesquisador. Neste momento, estou na sala de estudos do Mestrado; tudo em silêncio; sou o único aqui; lá fora, ouço o arrastar de chinelos no chão, e o dia está nublado. Penso o diário como um dispositivo vivencial da pesquisa e do pesquisador. Quando escrevo, apresento partes de uma escrita viva, desejante, e tenho prazer em escrever. Os meus diários são vivos e apresentam a pesquisa, assim como as minhas implicações. Cada linha tecida parte da experiência de um corpo vivo com seus medos, inseguranças, alegrias, desejos, tristezas, prazeres, devaneios e sonhos. Busco sempre apresentar uma racionalidade ao mesmo tempo em que poetizo a escrita e a pesquisa. O diário é uma forma de fazer reflexões poético-científicas de dentro para fora ou de fora para dentro sobre a pesquisa ou não.

Dessa forma, ao escrever os diários, sempre busco caminhar dentro do campo de investigação da pesquisa, estabelecendo uma relação com minha temática, além de apresentar outros rumos que fazem parte dessa trajetória – tanto da pesquisa quanto do/a pesquisador/a – sejam eles um medo, uma alegria, novas pistas, entre outros elementos. É importante compreendermos que, ao escrever os diários, criamos pistas não científicas dentro da pesquisa, como sentimentos e desejos, embora não percamos de vista a cientificidade da própria investigação (Souza, 2019).

Neste tópico, apresentei a pesquisa e minhas implicações como pesquisador vivo de uma pesquisa encarnada e, para isso, realizei uma breve cartografia do meu pensamento caminhante e minhas escolhas ao tecer este trabalho. Após as “linhas introdutórias da pesquisa”, a dissertação é dividida em VII “corres”, a saber: “Corre” I - Escrevivências do pesquisador e da pesquisa. Aqui, apresento minhas escrevivências e incômodos atravessados em meu corpo desde a graduação, os caminhos que percorri para habitar a pesquisa e meu encontro-desejo com a Sociopoética. No “Corre” II - Conversação: Movimento Negro, Lei de Cotas e corpo fora do lugar, estabeleço uma relação com/entre teóricos/as, pontuando o Movimento Negro, a Lei de Cotas e a discussão da juventude negra como um corpo fora do lugar na universidade, perpassado pelo racismo e pelo dispositivo de racialidade.

“Corre” III - Nas trilhas da Sociopoética, apresento o método de pesquisa e sua potência como prática contracolonial, além de narrar o território da pesquisa e o perfil dos/as participantes. Finalizo com a experimentação da técnica artística “Mutante”. “Corre” IV - Oficinas com o grupo-pesquisador: desenvolvo as etapas da pesquisa Sociopoética, desde a oficina de negociação até a oficina de estudo das produções pelas copesquisadoras e pelo copesquisador. “Corre” V - Estudo das produções do grupo-pesquisador: realizo o estudo plástico das produções do grupo-pesquisador –

momento em que escuto as imagens e apresento a cartografia do pensamento das copesquisadoras e do copesquisador a partir das categorias identificadas no estudo classificatório.

No “Corre” VI - Contra-análise e estudo transversal da permanência de jovens cotistas na UFPI, narro a oficina de contra-análise com o grupo-pesquisador e o estudo transversal, apresentando o pensamento coletivo das copesquisadoras e do copesquisador e suas implicações a partir do texto transversal. Finalizo este escrito no “corre” final, apresentando minhas implicações e os achados produzidos sobre a permanência por jovens cotistas do Curso de Pedagogia.

“Corre” I: Escrevivências do pesquisador e da pesquisa

1. Escrevivências do pesquisador-encarnado

As escrevivências do pesquisador encarnado surgem ao ler Conceição Evaristo e Denise Najmanovich. A escrevivência é um ato de escrever na vivência, que nasce do cotidiano e das lembranças, memórias e experiências de vida (Evaristo, 2020). O pesquisador encarnado apresenta minhas experiências como um pesquisador sensível, isto é, um pesquisador que sente e vive a pesquisa em todos os seus modos (Najmanovich, 2001).

Em complemento a essa escolha de escrita, Grada Kilomba (2019, p. 58-59) nos diz que:

Meus escritos podem ser incorporados de emoção e de subjetividade, pois, contrariando o academicismo tradicional, as/os intelectuais *negras/os* se nomeiam, bem como seus locais de fala e de escrita, criando um novo discurso com uma nova linguagem. Um discurso que é tão político quanto pessoal e poético [...].

Nesse sentido, escrevo como um forasteiro de dentro, como um andarilho da margem; tenho uma escrita implicada, emocionada, subjetiva, objetiva, racionalizada, encarnada e poético-política. Minha escrita é em primeira pessoa e com pessoas, é uma escrita com muita gente, é uma confluência, pois “quando a gente confluência, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente - a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida” (Santos, 2023, p. 15).

Ao fazermos uma ciência com nossas próprias narrativas e experiências, realizamos um ato para pesquisadores/as que estão dispostos/as a se aventurarem, a saírem de suas zonas de conforto, das linhas retas e dos padrões eurocêtricos. Afinal, “quando pensamos na pesquisa como um movimento desestabilizador, sem formas perfeitas, esse processo pode se dar em meio a incertezas e inseguranças, e talvez sejam elas que enriqueçam esse processo/movimento do fazer pesquisa” (Emanuella Geovana de Magalhães Souza, 2023, p. 103).

Falando de entradas e começos, apresento algumas experiências-escrevivências e os caminhos andarilhados por mim. Para tanto, irei apresentar tais caminhos em movimento espiralar. Assim, busco lembrar-me das práticas miúdas na educação que me possibilitaram aprender a desaprender para aprender de outro modo, a partir de leituras, momentos e encontros (Luiz Rufino, 2021). O referido autor dirá que desaprender é um

ato político e poético e que “[...] a desaprendizagem não seja entendida como uma anulação da experiência, é necessário credibilizar o que aprendemos de maneira processual e não em uma lógica acumulativa” (Rufino, 2021, p. 20).

O referido autor nos apresenta as práticas miúdas, e estabeleço uma relação com a Educação Menor apresentada por Silvio Gallo (2002, p. 173) ao afirmar que:

Uma educação menor é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira, como a toca do rato, o buraco do cão. Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro a quem ou para além de qualquer política educacional. Uma educação menor é um ato de singularização e de militância.

Nesse contexto, ao estabelecer uma relação entre a Educação Menor e as práticas miúdas, penso que a educação não pode estar a serviço do modelo dominante que a mercantiliza e a faz perder sua vivacidade, uma vez que ela é, em sua radicalidade, a força motriz que possibilita a descolonização. Isso porque a educação é uma esfera de autoconhecimento, responsabilidade, liberdade, esperança e cura, sendo assim, suas práticas de miudeza e menores (Rufino, 2021; Gallo, 2009).

Espirando, retorno para narrar as experiências ao ingressar na UFPI em 2018.1 no Curso de Licenciatura em Pedagogia como aluno cotista. Meu corpo, que antes era de fora, passou a ser de dentro; por isso, sou um forasteiro de dentro. Lembro-me do prefácio do livro de Frantz Fanon (2020), escrito por Kilomba (2020, p. 15), quando afirma que “só uma política de cotas é que pode tornar o ausente existente”. É a partir disso que pessoas negras e de grupos vulneráveis passam de ausentes a existentes na universidade e em demais espaços, por meio das Ações Afirmativas.

Acessando minhas memórias, recordo-me de que desde sempre tive o desejo de ser professor. Busquei revisitar meu corpo-acervo (Martins, 2019) na tentativa de encontrar o encanto por essa profissão. No entanto, não obtive respostas, pois a única certeza desde sempre era o desejo, não por influência, mas porque sempre foi espontâneo. Talvez as linhas que constituíram essa vontade tenham sido apagadas, mas não esquecidas, fazendo-me tornar um.

Nessa caminhada, o meu primeiro passo para desaprender foi o fascínio por uma educação comprometida com as diversidades/diferenças em suas múltiplas formas de existir e resistir. Todavia, durante o Curso de Pedagogia, apresentava incômodos ao sentir a ausência de temáticas emergentes em nossa formação inicial. Pensando nessa

ausência de temas emergentes no currículo, a autora Marlucy Alves Paraíso (2021, p. 30) afirma que “em um currículo há vidas que se movem. Há todo um processo sendo vivenciado [...]”. Assim, é necessário pensarmos em um currículo e uma prática educativa movente, capaz de sair do casulo e alçar voos.

Esse desconforto resultou em meu Trabalho de Conclusão de Curso, orientado pela Prof.^a Dr.^a Maria Dolores dos Santos Vieira, intitulado “(Des)construindo conceitos de gênero: metodologias sensíveis inspiradas na Sociopoética”, que tinha como problema: Como ocorre a Formação Inicial de professores e professoras do Curso de Pedagogia de modo a (des)construir conceitos de gênero? E o seguinte objetivo geral: Analisar a (des)construção de conceitos-afetos de gênero na Formação Inicial de professores e professoras do Curso de Pedagogia.

Durante a pesquisa do TCC, pude observar que a formação inicial de pedagogos/as na UFPI não é atravessada por marcadores de gênero no currículo e outras interseccionalidades, pois é ofertada apenas a disciplina optativa “Educação, relações étnico-raciais, gênero e diversidade” e “Relações étnico-raciais, gênero e diversidade na sala de aula”, sendo esta última a única a trabalhar, de forma implícita, com as categorias de gênero e raça. Nesse sentido, ainda temos uma formação engessada, como será apresentado posteriormente.

Na graduação, os incômodos de certas disciplinas eram substituídos pelo conforto em “Sociologia da Educação II”, ministrada pela Prof.^a Shara. Em suas aulas, a professora demonstrava um compromisso crítico-reflexivo-poético, realizando, de forma sensível, uma transversalização em sua prática educativa com questões da ordem do dia sobre a realidade.

Na dissertação de Thaysa Tâmara Maciel dos Santos, intitulada “Caixa de afecções sankofa 2015-2017: metodologias e dispositivos inventivos e afrorreferenciados de jovens na formação inicial desde a Lei nº 10.639/2003”, temos um ponto em comum, isto é, um ponto de encontro na formação inicial em pedagogia: a disciplina “Sociologia da Educação II”. A autora afirma que “[...] me encantei [...] pela matéria, pois as aulas falavam de nossa realidade social: da mulher, indígena e afrodescendente, e nos propiciava pensar as diversidades/diferenças no campo da escola pública [...]” (Santos, 2021, p. 33). Aqui, pude realizar uma juntura devido a uma brecha deixada em outra pesquisa.

Compartilho do mesmo sentimento da autora, pois sentia nas aulas a possibilidade de uma educação intercruzada nas experiências, desejos, alegrias, medos, sonhos,

afetos, prazeres, cumplicidade e empatia, oportunizando-nos uma educação e uma pedagogia do não embrutecimento, como destaca Mayara Danyelle Rodrigues de Oliveira em sua dissertação intitulada “O que se transcria na formação em pedagogia com alegria: lugares, experiências e saberes de jovens da Universidade Federal do Piauí” (2019, p. 111-112):

Para o não embrutecimento na Formação em Pedagogia, faz-se necessário a parte humana que se vai absorvendo da Bagunça-Gomelada, seja de interação e compreensão do outro. Pensar, então, a partir do confeto de Formação em **Pedagogia-Bagunça-Gomelada** em relação com os Saberes-lugar-acolhimento da Formação é reconhecer a diversidade e o acolhimento da diferença nos locais de Formação em Pedagogia na Universidade.

A Pedagogia-Bagunça-Gomelada nos faz pensar o reconhecimento da diversidade/diferença a partir da bagunça, pois “é normal haver diferenças que não se encaixam, é uma bagunça e é importante respeitar essa bagunça, essa diferença que acolhe, junta” (Oliveira, 2019, p. 109). Não podemos perceber a bagunça como ausência de ordem e indisciplina, porque a Pedagogia-Bagunça-Gomelada é um marcador da diversidade/diferença na formação inicial em pedagogia para o não embrutecimento dos/as futuros/as professores/as e na relação entre saberes, lugares e acolhimento da formação inicial.

Em 2019, passei a integrar o OBJUVE/NEPEGECEI, quando conheci a Sociopoética – sobre a qual falarei mais adiante. Minha trajetória acadêmica é marcada pelo encantamento com as possibilidades na educação; tive que sair da bolha que, por vezes, me protegeu e também me asfixiou. Pude fazer múltiplas conexões e pensar a educação como uma dimensão política, ética e estética, e como uma prática educativa comprometida com a diversidade das existências sociais. O OBJUVE/NEPEGECEI é um território fértil que nos nutre de agenciamentos coletivos para florescermos e enxergarmos a boniteza das multiplicidades e intersecções das alteridades.

Penso que sair dessa formação engessada é viver e sentir a educação como uma possibilidade que provoca rachaduras em nossos corpos, fazendo-nos perceber como seres viventes em nossas multiplicidades. Caminhando, atravessei novamente a fronteira dessa formação engessada ao participar da Iniciação Científica entre 2019 e 2020 no projeto de pesquisa intitulado “Metodologias sensíveis nas práticas formativas do Curso de Pedagogia: o gênero na abordagem Sociopoética”, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Maria Dolores dos Santos Vieira.

Ser aluno de Iniciação Científica oportunizou-me a experiência de ser pesquisador. Encontrei nesse mundo da pesquisa a possibilidade de investigar os incômodos da formação inicial em pedagogia. Foi uma reviravolta, e meu corpo, que apresentava rachaduras, foi rasgado por inteiro.

Após a finalização da Iniciação Científica, fui convidado pela Prof.^a Dr.^a Letícia Carolina Pereira do Nascimento a integrar o projeto de pesquisa intitulado “Um estudo multicêntrico sobre os perfis socioeconômicos, geográficos, culturais e de vulnerabilidades de travestis e transexuais”. A pesquisa era vinculada à Unidade de Estudos e Pesquisas em Saúde da Família do Núcleo de Estudos em Saúde Pública da Universidade de Brasília (NESP/UnB), em parceria com o Laboratório de Educação, Informação e Comunicação em Saúde (LabECoS/UnB) e instituições de ensino e pesquisa do Norte ao Sul do país.

O objetivo do projeto foi realizar uma pesquisa multicêntrica por meio de um censo nacional, com a finalidade de conhecer os perfis socioeconômicos, culturais e geográficos, bem como as vulnerabilidades de travestis e transexuais, a fim de subsidiar a elaboração e a promoção de políticas públicas para a superação dos desafios atuais, visando ao acesso e ao acolhimento dessa população aos equipamentos públicos no país (Plano do Projeto de Pesquisa, 2021).

Participar dessa pesquisa foi um “soco no estômago”, pois, ao realizar as entrevistas com travestis e transexuais, ocorreu um deságue, porque, em minha vivência, tinha uma breve noção de suas experiências de vida, mas ouvir a partir de suas próprias vozes foi um mergulho profundo que exigia pausas para respirar. Ouvir os relatos de suas experiências foi doloroso; as entrevistas duravam cerca de 1 hora, e, durante esse tempo cronológico, meu sentimento era de indignação e revolta. Nesse momento, meu corpo reagia e apresentava inquietações: o ser humano é cruel, e aqui o ser humano são homens brancos com seu Sistema de morte (Letícia Carolina Pereira do Nascimento, 2021).

Relembro da participação no projeto de pesquisa e dos atravessamentos que habitam em mim; concordo com Thiago Teixeira (2024, p. 13) ao afirmar que “[...] as políticas de extermínio foram profundamente orquestradas para despossuir vidas, negligenciar presenças, invalidar saberes e banalizar corpos que, nesse prisma, passaram a ser gerenciados como objetos [...] despossuídos de energia vital [...]”.

Outro marco importante na universidade foi minha entrada no Movimento Estudantil. Em 2019, entrei para o RUA – Juventude Anticapitalista, que é um

movimento de juventude, uma organização política que se insere nas mais diversas lutas em favor da juventude e da classe trabalhadora. Atuando no movimento estudantil, no movimento feminista, no movimento negro, no movimento LGBT, no movimento ambiental e no movimento indígena, nos movimentos das juventudes da periferia, na luta contra o extermínio, por saúde, cultura e educação, na luta antiproibicionista e pela legalização da maconha.

O movimento estudantil foi uma rede de afeto, acolhimento, luta, resistência e permanência na universidade. A entrada no RUA oportunizou-me compreender a dinâmica da universidade e a importância da atuação da juventude na luta pelo direito à educação e à permanência, entre outros direitos. O Movimento Estudantil, além de focalizar as problemáticas e demandas acadêmicas, serviu para mim como um aquilombamento para pertencer e permanecer: “aquilombar-se é o ato de assumir uma posição de resistência contra-hegemônica a partir de um corpo político” (Stéfane Silva de Souza Souto, 2020, p. 141).

1.1 Pesquisador-andarilho: os rastros percorridos ao encontro da pesquisa

Os rastros percorridos deram-me pistas para tecer este trabalho, que foi uma aventura ao desconhecido para conhecer. Em minhas implicações, fui criando meu território de pesquisa a partir dos fluxos, caminhos, encontros e desencontros com muita gente. Para minha territorialização, criei um chão que pudesse me acomodar e, ao mesmo tempo, causar incômodos ao pisar.

Desse modo, realizei movimentos para tornar a pesquisa um acontecimento possível. Ao realizar deslocamentos, pude produzir uma grande colcha de retalhos a partir das múltiplas experiências vividas. Essa grande colcha de retalhos representa as junções entre pesquisa, facilitador, acontecimentos, histórias, encontros e desejos. Cada pedaço é um começo, uma entrada e um encontro.

Nesse contexto, o primeiro pedaço do retalho foi acompanhar a Prof.^a Shara na condição de ouvinte no projeto da FAPEPI. Percebi que meu corpo-território precisava experimentar o mundo com leituras próprias, para sentir a energia vital presente no encontro com as outreridades (Eduardo Oliveira Miranda, 2020). Foi a partir daqui que meu caminhar tornou-se potência, e pude ver meus primeiros rastros de firmeza no chão do pesquisar.

Uma das formações que chamou minha atenção no projeto da FAPEPI foi com o Prof. Dr. Igor Thiago Silva de Sousa; no encontro, foi utilizado o texto “Radiografia das Políticas de Ação Afirmativa na Pós-Graduação das Universidades Federais” (2024), de Joaze Bernardino-Costa, Antonádia Borges, Maria Aparecida Chagas Ferreira, Gabriella da Conceição e Carlos. Nesse escrito, os/as autores/as trabalham as Ações Afirmativas a partir de ondas: a primeira, com a Lei de Cotas para os cursos de graduação pela Lei nº 12.711/2012; a segunda, pela adoção de Ações Afirmativas nos cursos de pós-graduação; e a terceira, das Ações Afirmativas em concursos públicos pela Lei nº 12.990/2012. A partir dessas ondas, começo a ter outros esboços para minha pesquisa e, principalmente, a partir da primeira onda.

Neste mesmo semestre, a Prof.^a Dr.^a Socorro Borges da Silva ofertou na Pós-Graduação em Educação a disciplina “Tópicos Especiais em Educação II - Educação em Direitos Humanos, Políticas Afirmativas e Diversidades Étnicas”. Durante os encontros, debruçamo-nos na leitura dos livros: Cotas Raciais, de Livia Sant’anna Vaz (2022); Lei de Cotas no Ensino Superior e Racismo Institucional: Conhecendo o Trâmite Legislativo da Lei 12.711/2012, de Vanessa Machado (2020); e A Efetivação da Política de Cotas como Estratégia de Enfrentamento ao Racismo, de Alan Jefferson Lima de Moraes (2022). Após a leitura dos livros, realizamos uma triangulação em ideias centrais por confluência, por bifurcação e por transversalidade. Logo, a disciplina serviu para criarmos novos rumos na pesquisa, que aos poucos era lapidada.

Caminhando em setembro de 2023, participei na Universidade Estadual do Piauí - UESPI do “III Seminário da Antropologia da Prática: o conservadorismo social e seus impactos nas políticas de ações afirmativas”. O evento tinha por objetivo reunir pensadores/as das temáticas das relações étnico-raciais, ações afirmativas, gênero, segurança pública e identidades emergentes no século XXI, com a perspectiva de apontar cenários para as políticas públicas e a produção acadêmica para as populações indígenas, quilombolas, pretas e pardas, no tocante ao acesso à educação e seus territórios rurais e urbanos, ao mesmo tempo em que se pensava a questão da segurança pública e do gênero numa implicação com raça/etnia (Folder do evento, 2023).

O evento foi marcante e sensível, e pude conhecer pesquisadores/as negros/as que investigam as Ações Afirmativas. Encantei-me especificamente pelas falas do Prof. Dr. Rodrigo Ednilson de Jesus, que partilhou sua obra “Quem quer (pode) ser negro no Brasil?” (2021) – livro que eu já havia lido e que me oportunizou pensar como a Lei de

Cotas fundamenta a constituição da identidade de jovens negros/as na universidade. O autor aborda o procedimento de heteroidentificação racial na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG e os impactos nos modos de pensar a identidade e a identificação racial no Brasil.

No mesmo ano, associei-me à “Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as – ABPN” e participei da 2ª edição da Escola de Políticas e Ações Afirmativas – EPAA. No EPAA, tivemos 8 encontros com pesquisadores/as que investigam as Ações Afirmativas em uma perspectiva transversal/interseccional. Participar dessa formação oportunizou-me pensar em inúmeras questões para minha pesquisa. Se antes as Ações Afirmativas eram uma temática desconhecida, a essa altura elas me envolviam de tal modo que pareciam estar sempre comigo. Desse modo, sair da minha zona de conforto e do casulo foi um ato de querer me aventurar em novas direções. Esta pesquisa, que antes era uma pequena semente com medo de não brotar, agora é uma árvore forte de raízes profundas que se agarra ao chão com muita força.

Outro marco importante para a pesquisa foi participar do IX Jubra - Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira, que teve como tema "Juventudes e outros modos de viver: rebeldias, resistências e autonomias". Foi um encontro de muita gente, a partir de uma cosmoexperiência de vida daqueles/as que pesquisam as juventudes em suas interseccionalidades (Teixeira, 2024). A seguir, um diário da minha vivência no IX Jubra:

Dia: 02/12/2023 - 21h26 - Altos/PI

Jubrevivi

Uma vez vi um vídeo de Conceição Evaristo, onde ela dizia que “escrever é uma maneira de sangrar”; parafraseando-a, penso que viver é fazer sangrar. Estou sangrando, e meu corpo vivo pulsa sangue. Sangrar não é morrer, é se perceber vivo. Meu corpo sangrando conviveu, dançou, relaxou, acolheu, tremeu, correu, suou, degustou, abraçou, conheceu, perdeu-se, encontrou-se e viveu.

Durante o IX Jubra, fui mediador da mesa redonda “Juventudes, Ensino Superior e Ações Afirmativas”, que teve como palestrantes a Prof.^a Dr.^a Lúcia Izabel da Conceição Silva, da Universidade Federal do Pará (UFPA), e o Prof. Dr. Rodrigo Ednilson de Jesus, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Imagem 1: Mesa redonda “Juventudes, Ensino Superior e Ações Afirmativas”.



Fonte: Arquivo do pesquisador (2023).

Além da mediação da mesa, participei como coordenador do grupo de trabalho intitulado “Do acesso à permanência na graduação e pós-graduação: experiências/trajetórias educacionais e estratégias de ingresso e permanência na universidade”, ligado ao eixo temático: 19 - “Juventudes, ensino superior e ações afirmativas”. O grupo de trabalho também foi coordenado pelas professoras doutoras: Maria Isabel Silva Bezerra Linhares, da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA); Shara Jane Holanda Costa Adad, da Universidade Federal do Piauí (UFPI); e Maria Zenaide Alves, da Universidade Federal de Catalão (UFCAT).

O grupo de trabalho focalizou os processos pelos quais as juventudes constroem disposições no tempo presente e quanto ao futuro, em relação à sua inserção no Ensino Superior e à constituição do sonho profissional, que supostamente resultaria num futuro promissor. Nesta perspectiva, o grupo de trabalho propôs conhecer as experiências dessas juventudes, suas trajetórias escolares e estratégias de ingresso no Ensino Superior e na Pós-Graduação, de modo especial daquelas cujo acesso se dá através da garantia das políticas afirmativas nas universidades brasileiras (Descrição do Grupo de Trabalho feita pelas/os Coordenadoras/o).

Outro marco de grande potência em minha formação humana e de pesquisador foi a participação no evento anual do Roda Griô - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Educação e Afrodescendência, organizando o CONGEAfro – “Congresso sobre Gênero, Educação e Afrodescendência”. Minha primeira participação foi em 2020 e teve como tema “Políticas públicas e diversidade: quem precisa de identidade?”. Foi

quando apresentei meu primeiro trabalho científico em colaboração com a Prof.^a Dr.^a Maria Dolores dos Santos Vieira, intitulado “Que cultura afro-brasileira a escola ensina?”, e desde então venho participando dessa rede de afeto, acolhimento e autovalorização. Em 2024, aconteceu o XI CONGEAfro – “De pés descalços para narrativas de (auto)valorização”. Então, o Roda Griô é um rastro que percorro com muita gente.

Desse modo, apresentei os rastros percorridos por mim, o pesquisador-andarilho que circulou bastante. Nessa caminhada de pés cansados, permito-me realizar pequenas pausas para ganhar fôlego e continuar a caminhada. Convido você, leitor/a, a caminhar comigo e, quando estivermos cansados/as, iremos nos deitar no chão para nos vitalizar e continuar.

1.2 Encantamento-poético: na experiência do sociopoeta-pesquisador

Meu encantamento pela Sociopoética aconteceu ao cursar a disciplina “Sociologia da Educação II” ainda como graduando do Curso de Pedagogia, além de todas as experiências sociopoéticas vividas desde a participação em oficinas como copesquisador, facilitador e cofacilitador. Nesse sentido, apresentarei aqui algumas experiências vivenciadas na minha trajetória acadêmica que levaram à minha troca de pele e à constituição do sociopoeta-pesquisador.

Nesse sentido, penso na troca de pele a partir de Miranda (2020, p. 54), quando nos apresenta Oxumarê como corpo-território e corpo-serpente que troca de pele, pois “tal flexibilização advém do ato da desterritorialização e reterritorialização das peles, processo que torna necessário o desapego de uma série de subjetivações para inventar outras possibilidades”.

A Sociopoética foi o primeiro método de pesquisa que conheci, e busquei conhecê-lo cada vez mais (foi amor à primeira vista). Na perspectiva do incômodo, a Sociopoética agregou-se ao meu desejo de pesquisar de outro modo, levando-me a trocar de pele durante minhas experiências e aproximação. Lembro-me de que meu desejo inicial era ser sociopoeta, e o ser pesquisador foi um efeito. Ser/tornar-me um sociopoeta era atravessado pela dúvida, uma vez que não havia uma receita pronta.

Dia: 08/04/2023, Altos/PI

Sou sociopoeta?

Hoje estou lendo a dissertação de Lucivando Ribeiro Martins, intitulada “Entre ocós, truques e ataques: A Produção de Confetos sobre as Experiências de Educadoras Trans do Projeto TRANS FORMA AÇÃO”. Dessa vez, começo a ler de outro modo e dou início pela metodologia, onde o autor irá falar sobre sua constituição como sociopoeta. Fecho meus olhos antes; está chovendo; ouço o barulho da chuva; sinto cheiro de terra molhada; sinto uma brisa fria em meus pés, que entra pela porta entreaberta; no quarto ao lado, meu irmão está deitado na rede, balançando-se, e me sinto incomodado com o rangido. Apresento essa narrativa, pois é uma experiência e são acontecimentos do agora. Lendo a metodologia da dissertação, pergunto-me: sou um sociopoeta? Esse questionamento surge, pois, nesses últimos dias, tenho apresentado medos e anseios em relação ao projeto de pesquisa. O que me constituirá sociopoeta? Quais experiências me tornaram um? Sei o suficiente da Sociopoética para realizar uma pesquisa? O que vejo na Sociopoética? Por que escolhi a Sociopoética? A chuva começou a ficar intensa. Meus pensamentos estão em conflito. Estou explodindo. Ouço trovões. Tento me encontrar, mas não consigo. Respiro. E penso: Lucivando apresenta suas experiências na Sociopoética durante a graduação e em outros espaços, e suas vivências o tornaram um sociopoeta em movimento. Ele apresentou suas implicações na Sociopoética em sua vida-pesquisador. Penso: eu também tenho experiências-vivências com a Sociopoética. Então, assim como a chuva encarnou-se na terra, a Sociopoética encarnou-se em mim. Talvez ainda faça este questionamento, pois, como diz Vanessa Nunes dos Santos (2021), não nascemos sociopoetas; constituimo-nos a partir das experiências.

Meu grande medo era não conseguir ser sociopoeta. Acreditava/acredito que ser um/a sociopoeta vai além de uma formação acadêmica; é uma formação sensível, que parte de dentro com o desejo de fazer diferente e de outro modo. Creio que minha constituição como sociopoeta se forjou ao participar da Iniciação Científica que tinha a Sociopoética como método, juntamente com o pesquisador.

O sociopoeta-pesquisador é minha evocação desejante de pesquisar sempre com/entre um coletivo de pessoas. É uma forma de pesquisar pelas inquietações das experiências-vivências cotidianas, atravessadas e sentidas no/do corpo. O sociopoeta-pesquisador produz conhecimento pelas invencionices e gambiarras. É esse corpo inquieto, que se arrisca e que, mesmo com medo, vai.

No meu primeiro semestre do mestrado, cursei o componente curricular intitulado “Tópicos Especiais em Educação I - Abordagem Sociopoética e outras Práticas Instituintes de Pesquisa”, ministrado pela minha orientadora. A disciplina foi marcada pelos Mapas de Escuta, criação metodológica da Prof.^a Shara, sendo um dispositivo artístico de registro cartográfico da aula a partir dos textos discutidos, mas que não nos impedia de registrar outros elementos como (letras de músicas, poesias, desenhos, citações, entre outros elementos). Além dos Mapas de Escuta, o diário tornou-se uma prática rotineira.

Imagem 2: Abordagem Sociopoética e outras Práticas Instituintes de Pesquisa.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2023).

O registro acima é de um encontro do componente curricular mencionado anteriormente. Estamos sentados/as em cadeiras, mas ser sociopoeta-pesquisador é sempre sentar no chão quando possível, à luz de velas; nessa ocasião, elas servem para derreter o giz de cera, possibilitando-nos o registro no Mapa de Escuta. Esse movimento nos possibilita criar a partir de uma prática educativa não rotineira. E, mesmo “caindo” na rotina, conseguimos estranhar o conhecido, como destacou Claudiney no encontro de experimentação da técnica artística no dia 05/08/24. Assim, o estranhamento é potência no processo criativo.

A Sociopoética me encanta, e gosto de fazer outros/as encantarem-se por ela. Digo isso, pois na disciplina “Sociologia do Corpo”, cursada no Programa de Pós-graduação em Sociologia e ministrada pelas professoras Maria Rosangela de Souza e Rita de Cássia Cronemberger Sobral, em uma das aulas eu, Andréia e Claudiney ficamos responsáveis pela conversação “A Sociopoética e seus dispositivos artísticos para pesquisar”.

Lembro-me de que a turma estava curiosa para conhecer a Sociopoética. Nossa conversação aconteceu após o intervalo da aula. Rememoro que, durante o intervalo, resolvemos ficar para organizar o espaço. Assim, colocamos lã por toda a sala e, no chão, fizemos uma exposição de alguns Mapas de Escuta produzidos na disciplina com nossa orientadora. Desse modo, a lã distribuída por todo o espaço fez a turma entrar na sala de outro modo, e isso gerou estranhamento.

Durante a apresentação, a turma levantou os seguintes questionamentos: Qual o rigor da Sociopoética? Como fazer uma pesquisa com um grupo-pesquisador? Como

fazer o grupo-pesquisador experimentar tudo? Os questionamentos foram todos respondidos, e ressaltamos a importância de vivenciar a Sociopoética.

Imagem 3: Exposição dos mapas de escuta.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2023).

Outro momento que gostaria de deixar registrado neste trabalho foi a homenagem que fizemos ao semeador de palavras, Nêgo Bispo, na disciplina “Sociologia do Corpo”.

Imagem 4: Homenagem a Nêgo Bispo.



Fonte: Arquivo do pesquisador (2023).

Ao longo da minha trajetória acadêmica, vivi a Sociopoética de diferentes modos, da graduação até a entrada na pós-graduação. Durante muitas incertezas no percurso acadêmico, a Sociopoética era a certeza de “[...] um ato de rebeldia, não contra a academia, mas contra mim mesmo, contra minha e toda palavra comum, contra minha e

toda escrita habituada, contra o que penso, sinto, ajo e desejo hodiernamente” (Sônia Maria Clareto e Ana Lygia Vieira Schil Veiga, 2016, p. 35).

No segundo semestre do mestrado, realizei o Estágio Obrigatório na disciplina “Sociologia da Educação II” no Curso de Pedagogia, no turno da noite, com minha orientadora e professora da disciplina. A experiência do estágio foi um retorno a um dos meus começos com a Sociopoética. Vivo em eterno estado de encantamento e, ao passarinho com a Prof.^a Shara, pude perceber que é possível um processo de ensino-aprendizagem poético e criativo no Ensino Superior, onde podemos deitar no chão, ficar de cócoras e nos lambuzar de tinta.

Durante o componente curricular, tivemos como tema-gerador “Abismos nunca mais”, que foi a transversalidade problematizada em cada aula. A experiência que gostaria de compartilhar foi a produção de um grande painel coletivo pela turma no encerramento do componente curricular, a partir do tema-gerador mencionado.

A produção do painel “Abismos nunca mais” foi um fazer de muitas mãos, como construir uma casa de barro. A turma vivenciou o chão da universidade, deixou os pés respirarem e usou a poética das mãos sujas de tinta para produzir conhecimento.

Imagem 5: Produção do painel “Abismos nunca mais”.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2024).

Outro momento que gostaria de lembrar foi a oficina realizada por mim e Sabrina na 17ª Semana do Orgulho de Ser do Grupo Matizes. Nossa oficina, intitulada “Pretagogia com Juventudes no Matizes para desbloquear nossos afrossaberes”, teve como implicação nossa participação no curso Pretagogia no Currículo: Bases Teóricas-Práticas (Módulo I - Pertencimento Afro, Módulo II - Ancestralidade e Módulo IV - Transversalidade), ministrado pela Prof.^a Dr.^a Sandra Haydée Petit. Em

nossa oficina, inspiramo-nos no curso e na Sociopoética para potencializar os/as jovens a desbloquear seus afrossaberes e, a partir disso, o grupo fez emergir saberes recalcados em seus corpos, como: uso da fita vermelha como amuleto de proteção contra o mau olhar, quebranto e energias negativas; uso de ervas medicinais; experiências em terreiros de umbanda e candomblé; relação afetiva com avós e avôs; contação de histórias; estética negra; relação com o chão; a relação do eucalipto com a espiritualidade. A seguir, vejamos as produções desta oficina:

Imagem 6: Oficina “17ª Semana do Orgulho de Ser do Grupo Matizes”.



Fonte: Arquivo do pesquisador (2023).

Existem outras experiências Sociopoéticas que, por enquanto, ficarão guardadas em minha caixa de afecções. Finalizo este tópico feliz e ciente da beleza da Sociopoética, assim como de tudo aquilo que venho vivenciando desde sempre. Ser sociopoeta é não ter pressa, é caminhar observando e reparando cada detalhe ao redor. No “corre” III desta dissertação, falarei do método de pesquisa e, nas partes seguintes, do processo de realização da pesquisa com/entre jovens cotistas do Curso de Pedagogia.

“Corre” II: Conversação - Movimento Negro, Lei de Cotas e corpo fora do lugar

2. Breves considerações sobre o Movimento Negro

Escrever sobre a Lei de Cotas e as Ações Afirmativas implica uma cartografia do Movimento Negro e seus saberes construídos nas lutas por emancipação, como destaca Nilma Lino Gomes. A autora afirma que o Movimento Negro “[...] conquistou um lugar de existência afirmativa no Brasil. Ao trazer o debate sobre racismo para a cena pública e indagar as políticas públicas e seu compromisso com a superação das desigualdades raciais, esse movimento social ressignifica e politiza a raça [...]” (Gomes, 2017, p. 21). Desse modo, o Movimento Negro tornou-se basilar ao trazer para o debate público raça e racismo, realizando uma desmitologização da democracia racial no Brasil.

Nesse sentido, com a concretização do Movimento Negro Unificado (MNU) em 1979, passam a ser pautadas na esfera pública duas questões específicas. De um lado, temos as reivindicações e denúncias na esfera legislativa, com a finalidade de torná-la uma questão judicial; de outro lado, exigem o acesso ao sistema educacional para a população negra, ancorados em indicadores que demonstram o tamanho da desigualdade racial, especialmente no que se refere ao acesso à educação (Ângela Randolpho Paiva, 2013).

Nesse contexto, ser branco no Brasil não é apenas fazer parte de um grupo racial igualmente identificado por suas características fenotípicas. A branquitude segue sendo um modelo idealizado e, como tal, não pode ser alcançado por todos/as. O mito da democracia racial no Brasil tem início no período de industrialização na década de 1930, que aos poucos se vinculou aos interesses de garantir as bases de coesão nacional e harmonia racial entre brancos e não brancos. Nesse cenário, o mestiço na sociedade brasileira passou a desempenhar um papel estratégico, pois a mestiçagem se tornou uma expressão de modernização nacional (Jesus, 2021). O referido autor reitera ainda que “[...] esse pardo, visto como mestiço, não se vê nem como negro nem como branco” (2021, p. 46-47).

O Movimento Negro se destaca por sua atuação nas esferas jurídica, política, social e econômica, por meio de cobranças de garantias de oportunidades iguais e direito ao acesso à educação, bem como na esfera acadêmica, pela demanda de implementação das políticas de Ações Afirmativas exclusivamente na perspectiva das cotas raciais, visando à democratização do acesso e à garantia de permanência. Se antes o Movimento Negro denunciava o racismo com a construção de práticas sociais e

educativas, a partir dos anos 2000 sua estratégia de ação tem como fundamento a implementação de políticas sociais que contemplem a racialidade, isto é, políticas de igualdade racial, a exemplo da Lei de Cotas (Gomes, 2017).

O Movimento Negro representou diversas tendências que questionavam a ideia de democracia racial, que persistiu durante tanto tempo. Além das demandas de ampliação do acesso à educação para negros e negras, pautadas em indicadores sociais que denunciavam a desigualdade na escolaridade dos não brancos e brancas devido à ausência de políticas específicas a esse grupo que compõe metade da população do país, passaram a pautar também novas questões na esfera pública, como o direito dos quilombolas e a revisão da historiografia para corrigir o papel dos negros e negras na formação social do país, o que resultou na Lei nº 10.639/2003 (Paiva, 2013).

No campo epistemológico, Luís Thiago Freire Dantas (2021, p. 360) nos tensiona a pensar o epistemicídio das experiências e dos saberes produzidos por grupos marginalizados. O autor afirma que “[...] o enegrecimento universitário é uma retomada de uma vivência ancestral que foi apagada pelas patologias do “vitalismo da branquitude””. A leitura de seu escrito nos proporciona pensar e conhecer os saberes outros, pois, como destaca Renato Nogueira (2014, p. 27):

[...] a colonização implicou na desconstrução da estrutura social, reduzindo os saberes dos povos colonizados à categorias de crenças ou pseudossaberes sempre lidos a partir da perspectiva eurocêntrica. Essa hegemonia, no caso da colonização do continente africano, passou a desqualificar e inviabilizar os saberes tradicionais, proporcionando uma completa desconsideração do pensamento filosófico desses povos. Neste sentido, o racismo antinegro assume uma categoria específica que se denomina racismo epistêmico.

O racismo epistêmico são essas múltiplas formas de fazer morrer os conhecimentos de grupos étnicos e, quando não os fazem morrer, criam mecanismos para torná-los crenças, invalidando-os; é um conhecimento que será desqualificado, não científico, descritível e não legitimado.

No Brasil, o Movimento Negro ressignifica e politiza afirmativamente a ideia de raça, entendendo-a como potencializadora de emancipação e não como uma regulação de forças conservadoras, uma vez que ela opera na construção de identidades étnico-raciais. Na operação da raça e sua ressignificação, o movimento social problematiza a própria história do Brasil e dos/as sujeitos/as negros/as na construção de novos enunciados e mecanismos teóricos, ideológicos, políticos e analíticos para explicar como o racismo à brasileira opera não somente na estrutura estatal, mas também na vida cotidiana de suas próprias vítimas (Gomes, 2017).

Pensando no racismo cotidiano, Kilomba (2019, p. 78-80) nos diz que:

Refere-se a todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares [...]. No racismo cotidiano, a pessoa negra é usada como tela para projeção do que a sociedade branca tornou tabu. O racismo cotidiano não é um “ataque único” ou um “evento discreto”, mas sim uma “constelação de experiências de vida”, uma “exposição constante ao perigo”, um “padrão contínuo de abuso” que se repete incessantemente ao longo da biografia de alguém - no ônibus, no supermercado, em uma festa, no jantar, na família.

Nesse sentido, a partir das discussões sobre raça e racismo, o Movimento Negro, ao politizar a raça, desvela sua construção como dispositivo de poder nas relações sociais e rompe com visões distorcidas, negativas e naturalizadas sobre os/as negros/as, sua história, cultura, práticas e conhecimentos. É responsável pela retirada desses/as sujeitos/as do lugar de suposta inferioridade racial pregada pelo racismo e interpreta afirmativamente a raça como construção social que emerge das discussões sobre o mito da democracia racial (Gomes, 2017).

Desse modo, é importante compreendermos a potência do Movimento Negro ao destacar as dimensões mais reveladoras do seu caráter emancipatório, reivindicativo e afirmativo, que o caracteriza como um importante ato político e como um educador de pessoas, coletivos e instituições sociais ao longo da história. A raça, como categoria estrutural e estruturante, permite-nos compreender as desigualdades no Brasil a partir do Movimento Negro, e, aos poucos, as discussões passam a ocupar um espaço nas análises sociológicas e entre os formuladores de políticas públicas (Gomes, 2017).

2.1 Cotas abrem portas, e não são as portas dos fundos: Lei de Cotas no Ensino Superior

Compreendo o movimento de escrever como um ato político, e este deslocamento escrito-político foi realizado ao pensar nesse título, por dois motivos. Primeiro, pelo slogan “Cotas abrem portas!”, circulado nas mídias digitais em 2023 devido à reformulação da Lei de Cotas que tinha previsão de revisão após 10 anos de implementação (Brasil, 2012). Como podemos observar na imagem a seguir:

Imagem 07: Slogan “Cotas abrem portas!”



Disponível em:

<https://ptnosenado.org.br/lei-de-cotas-promoveu-revolucao-pacifica-na-educacao-brasileira-destaca-lula/>

Em segundo, porque participei, em setembro de 2023, na Universidade Estadual do Piauí - UESPI do “III Seminário da Antropologia da Prática: o conservadorismo social e seus impactos nas políticas de ações afirmativas”. Sobre o evento e seus objetivos, já os compartilhei anteriormente no tópico “pesquisador-andarilho: os rastros percorridos ao encontro da pesquisa”.

Nesse contexto, na mesa redonda “Experiências/práticas no processo de acesso das populações pretas, pardas, indígenas, quilombolas e pessoas com deficiência e outros grupos vulneráveis no Ensino Superior e na pós-graduação”, tinha como palestrante a Prof.^a Dr.^a Vera Regina Rodrigues da Silva, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). Em um dos momentos, ela nos apresentou seu artigo intitulado “Cotas raciais: caminhos abertos entre o “facão” e o “bisturi”. O texto apresenta uma escrita a partir das experiências da autora com a Lei de Cotas, e, ao ler seu escrito, sou atravessado pelo seguinte trecho: “você é muito bem-vinda ao programa de pós-graduação na minha universidade, desde que não seja pela porta dos fundos” (Silva, 2023, p. 3).

Nesse sentido, a autora infere que o ingresso no Ensino Superior pela Lei de Cotas aos cursos de graduação ou o acesso na condição de docente por concurso público, conforme a Lei 12.990/2014 que determina a reserva de vagas para negros/as em certames públicos (Brasil, 2014), é legitimado por terceiros que ocupam posições de privilégio como uma entrada pelas “portas dos fundos” das universidades, fazendo uma alusão de desmerecimento àqueles/as que são beneficiários/as da política pública.

Além disso, podemos fazer uma relação direta com o racismo institucional, que é compreendido por Kilomba (2019) como aquele que não é apenas um fenômeno ideológico estruturante, mas também institucionalizado e cujo termo tem como padrão o tratamento desigual nas operações cotidianas, como, por exemplo, em sistemas e agendas educativas, mercados de trabalho, justiça criminal, entre outros espaços; ou seja, o racismo institucional opera de tal forma que sujeitos/as brancos/as têm vantagens diretas em relação a grupos racializados.

A Lei de Cotas como Ação Afirmativa no Ensino Superior apresenta problematizações mesmo diante de sua institucionalização. Nessa perspectiva, a condição de ser cotista dentro das instituições de Ensino Superior é um marcador institucional que atravessa os/as jovens beneficiários/as, posto que o termo "cotista" passou a ter atribuições negativas, operando sobre seus corpos durante sua trajetória acadêmica

Sobre isso, Samantha Oliveira e Carlos Henrique Martins (2015, p. 420) destacam que:

[...] ser cotista passou a ser um fardo, pois estes são estigmatizados, menosprezados e caracterizados como inferiores. A questão se agrava quando este cotista é negro, momento em que o preconceito racial entra em cena. Parece, assim, haver um incômodo vivido por certos alunos que não aceitam dividir o espaço com alunos que têm o direito ao acesso por meio da política de cotas garantido através da legislação em vigor. Para alguns alunos que têm acesso por ampla concorrência, o fato de estar no mesmo espaço que cotistas gera uma classificação que tensiona e revela a meritocracia, a discussão entre os melhores e os piores [...].

Em concepções reducionistas, corpos racializados são percebidos/as como desautorizados/as ao acesso e à permanência em espaços de poder marcados majoritariamente pela branquitude. Nesse sentido, a branquitude institucional opera da seguinte forma: “[...] se configura nesse contexto na atuação especialmente focada em impedir o avanço das agendas antirracistas” (Marcos Napoleão do Rêgo Paiva Dias Filho, 2022, p. 87). Complementando o pensamento do autor, Cida Bento (2022, p. 18-19) nos apresenta o pacto narcísico da branquitude como fenômeno de:

[...] cumplicidade não verbalizada entre pessoas brancas, que visa manter seus privilégios. E claro que elas competem entre si, mas é uma competição entre segmentos que se consideram “iguais”. Ou seja, se constatamos representações excessivas de pessoas brancas nos lugares mais qualificados é porque elas merecem isso, e a ausência de negras e negros e de outros segmentos deve-se ao fato de não estarem devidamente preparados.

Este pacto aos poucos vai sendo enfraquecido, e a entrada de jovens de grupos vulnerabilizados e racializados no Ensino Superior pela Lei de Cotas promove rupturas na universidade, visto que este espaço sempre foi marcado por grupos hegemônicos. Dessa forma, a partir da Lei de Cotas, corpos que eram de fora do lugar passam a ser de dentro e, nessa dinamicidade de entrada, esses/as jovens se institucionalizam, pois, para continuar dentro, é necessário criar condições de permanência: o “corre”.

Nesse viés, a Lei de Cotas e as Ações Afirmativas relacionam-se com a inclusão social e a justiça social de grupos étnico-raciais marginalizados e vulnerabilizados, para atenuar os efeitos negativos e violentos decorrentes de um passado histórico de discriminações institucionais e estruturais disseminadas na sociedade. As políticas públicas têm como fundamento o princípio constitucional da igualdade, em específico a compreensão das noções de igualdade de oportunidades e igualdade de resultados (Vaz, 2022).

É importante problematizar que a reivindicação de cotas e Ações Afirmativas não desqualifica o grupo negro; pelo contrário, representa sua afirmação como sujeitos/as de direitos, conscientes do passado histórico que promoveu o acúmulo de riquezas pela exploração do trabalho escravo, não ofereceu nenhum tipo de reparação aos negros e negras na abolição e permanece com um sistema necropolítico intensivo sobre seus corpos, negando a integração social, da qual o não acesso à educação é uma das mais perversas (Sueli Carneiro, 2011).

Sobre a necropolítica, Achille Mbembe (2018) nos apresenta como um dispositivo de poder exercido pelo Estado, onde é legitimada a decisão sobre quem vive e quem morre. O autor afirma que a necropolítica é o processo de instrumentalização da vida, mas também a destruição de corpos ditos/lidos como abjetos e/ou inexistentes socialmente, isto é, um corpo sem valor social. Nessa compreensão, percebemos que a necropolítica é deixar morrer e fazer morrer.

As Ações Afirmativas não podem ser utilizadas como sinônimo de cotas no espaço acadêmico, e sim como uma política que tem por finalidade corrigir as distorções sociais, garantindo a equidade de direitos a grupos historicamente discriminados. A promotora de justiça Livia Vaz (2022, p. 79) nos apresenta quais são as medidas adotadas no campo das Ações Afirmativas para tal correção/reparação:

1- Criação de mecanismos de reparação/compensação em favor de indivíduos pertencentes a grupos objeto de discriminação adversa, sistemática e estrutural;

- 2- A consequente redução dos privilégios dos grupos hegemônicos;
- 3- A tendência a desestabilizar a densa estrutura racialmente hierarquizada das sociedades contemporâneas;
- 4- Mais aproximação da igualdade de resultados (pontos de chegada) do que outras ações afirmativas.

As medidas apresentadas pela jurista levam-nos a um entendimento a respeito das Ações Afirmativas como política reparatória ou compensatória. São constituídas como medidas especiais e temporárias que buscam remediar um passado histórico de desigualdade racial e objetivam acelerar o processo com o alcance da igualdade por parte de grupos socialmente vulneráveis, bem como as minorias étnico-raciais. Assim, é uma ação concreta que busca viabilizar o direito à igualdade de acesso e condição na educação e demais espaços marcados sobremaneira por corpos hegemônicos (Flávia Piovesan, 2005; Gevanilda Santos, 2009).

Na compreensão das Ações Afirmativas como ação reparadora, Kilomba (2019) afirma que a reparação é o reconhecimento do/a indivíduo/a na realidade social, ou seja, é o ato de reparar o mal causado pelo racismo estrutural, institucional e cotidiano por meio de mudanças nas estruturas sociais, agendas, espaços, posições, dinâmicas, relações subjetivas, vocabulário, isto é, pelo abandono dos privilégios. A autora afirma ainda que esses processos revelam o racismo não como uma questão moral, mas sim como um processo psicológico que exige trabalho.

Nesse processo de compreensão das Ações Afirmativas, estas têm outras finalidades de atribuição na dimensão da Lei de Cotas, como apresenta Vaz (2022, p. 80-81), sendo:

- 1- O fomento da convivência com a diversidade;
- 2- A mobilidade social, por possibilitar a ascensão social de pessoas dos grupos raciais subalternizados [...];
- 3- O favorecimento do desenvolvimento econômico, já que muitos países têm sua população formada por maioria ou significativa parcela de indivíduos pertencentes a tais grupos, como é o caso do contingente negro no Brasil;
- 4- O estímulo a outros eventuais destinatários da política pública [...];
- 5- A desconstrução de estereótipos negativos, que perpetuam o estigma de inferioridade dos membros de tais grupos vulnerabilizados;
- 6- O aproveitamento de talentos desperdiçados e apagados pelo racismo e outras formas de opressão que com ele se interseccionam.

Nesse panorama, é importante compreendermos a força política da Lei de Cotas para acesso ao Ensino Superior, além de perceber sua extensão no campo das Ações Afirmativas, como as Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008, que são vistas como Ações Afirmativas epistemológicas. É necessário visualizarmos essas ações como uma dimensão macropolítica implementada em múltiplos espaços, dando condições de

acesso a grupos que historicamente e sistematicamente tiveram o acesso negado a tais espaços. Em complemento, a autora Vanessa Machado (2020, p. 60) nos diz que:

A aplicação principal das ações afirmativas concentra-se nas áreas da educação e do mercado de trabalho. Em se tratando de mercado de trabalho as possibilidades de medidas são, entre outras, a garantia de um percentual de capacitação para a parcela beneficiária, mas a qualificação e promoção na carreira. No âmbito educacional as práticas mais comuns são: garantia de um percentual de vagas nos processos seletivos e auxílio permanência para os beneficiários. Portanto, as ações afirmativas têm como objetivo central incluir em espaços de privilégio e poder alguns grupos que teriam o acesso a esses lugares total ou parcialmente negados.

Dessa forma, contextualizando no segmento educacional, uma das primeiras universidades a adotar cotas raciais no vestibular foi a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 2003, e, em seguida, a Universidade de Brasília, em 2004, para os/as egressos/as de escolas públicas, negros/as e pessoas com deficiência física. Ressalto o pioneirismo das instituições citadas para a promulgação da Lei de Cotas em 2012, além do forte ativismo do Movimento Negro. Desse modo, o acesso ao Ensino Superior brasileiro entrou em uma nova fase a partir da institucionalização da lei e com a implementação da política pública nas universidades federais, que tiveram até 2015 para pensar políticas de inclusão (Djamila Ribeiro, 2019; Paiva, 2013).

É importante fazermos uma ponderação a respeito da Lei de Cotas, que é percebida apenas como racial; no entanto, a categoria raça é um dos critérios na seleção, pois, em síntese, na legislação brasileira não há cotas exclusivamente raciais, a categoria raça é uma subcategoria dentro da Lei de Cotas (Vaz, 2022). Em dialogicidade, “a chamada Lei de Cotas, que não apresenta apenas a especificidade racial, mas também inclui a escola pública e a renda como critérios para sua implementação (vindo mais tarde, em 2016, a incluir as pessoas com deficiência) está em vigor” (Jesus, 2021, p. 12).

A seguir, podemos observar as modalidades presentes no Edital da UFPI pelo Sistema de Seleção Unificada (SISU) para ingresso nos cursos de graduação na modalidade presencial e a distância para o ano de 2024:

- I - (EP 2) integralmente em escola pública, independentemente de renda;
- II - (PCD 2) integralmente em escola pública, independentemente de renda, que sejam pessoas com deficiência;
- III - (Q 2) integralmente em escola pública, independentemente de renda, que se autodeclarem quilombolas;
- IV - (PPI 2) integralmente em escola pública, independentemente de renda, que se autodeclarem pretos, pardos ou indígenas;
- V - (EP 1) integralmente em escola pública, com renda familiar bruta igual ou inferior a 1 (um) salário mínimo per capita;

VI - (PCD 1) integralmente em escola pública, com renda familiar bruta igual ou inferior a 1 (um) salário mínimo per capita, que sejam pessoas com deficiência;

VII - (Q 1) integralmente em escola pública, com renda familiar bruta igual ou inferior a 1 (um) salário mínimo per capita, que se autodeclarem quilombolas; e

VIII - (PPI 1) integralmente em escola pública, com renda familiar bruta igual ou inferior a 1 (um) salário mínimo per capita, que se autodeclarem pretos, pardos ou indígenas (UFPI, 2024, p. 22).

Podemos perceber a interseccionalidade para a democratização do acesso ao Ensino Superior, uma vez que raça não é o marcador unânime na perspectiva da política pública. A partir desses múltiplos marcadores sociais que atravessam as corporeidades dos/as sujeitos/as, a jurista Livia Vaz (2022) propõe uma Ação Afirmativa interseccional tendo como fundamento o Feminismo Negro, além de apresentar a interseccionalidade não apenas como uma categoria analítica, mas como um mecanismo relevante para o planejamento e execução de políticas públicas.

Além disso, a Lei de Cotas e as Ações Afirmativas estão relacionadas diretamente com as categorias e conceitos como apresentado anteriormente. Desse modo, não podemos pensá-las sem que tenhamos uma perspectiva epistemológica que tenha como arcabouço raça/etnia, identidade, classe, gênero e outros marcadores sociais que perpassam o público beneficiário, para assim irmos ao encontro da proposta de uma Ação Afirmativa interseccional (Fonseca, 2009).

A Lei de Cotas tem relação com a constituição da identidade desses/as jovens no Ensino Superior, pois, no que diz respeito à racialidade-étnica, a autodeclaração (negro, preto, pardo, indígena ou quilombola) é um dos critérios na política pública. Na obra “Quem quer (pode) ser negro no Brasil?” de Rodrigo Ednilson de Jesus (2021), é-nos apresentado que a lei possibilita o reconhecimento étnico-racial, pois, além de possibilitar uma compreensão de si, também contribui para a permanência do/a jovem cotista no Ensino Superior, visto que favorece o sentimento de pertencimento no espaço acadêmico, mesmo diante das experiências de discriminação racial e das dificuldades para permanecer.

No processo seletivo a partir da política pública, além da autodeclaração como mencionado anteriormente, para a efetivação da lei, aqueles/as que se autodeclaram passam pelo procedimento de heteroidentificação nas instituições. Nesse sentido, não podemos maldosamente acusar as comissões de heteroidentificação como tribunais raciais (Gabriela Machado Bacelar Rodrigues, 2023), pois, segundo Jesus (2021, p. 100-101):

O princípio fundamental é que o procedimento de heteroidentificação não se “define” como uma verificação, uma busca pela verdade, já que se trata de um procedimento complementar à autodeclaração. No que se refere ao público alvo, trata-se de identificar aqueles candidatos socialmente vistos como pessoas negras, considerando a variabilidade interna desse grupo (pretos e pardos), e no que se refere aos critérios da heteroidentificação cabe reforçar que eles se restringem ao conjunto de características fenotípicas visíveis no corpo dos(as) candidatos(as).

O conjunto de características fenotípicas ao qual o autor se refere são as seguintes: cor da pele, os traços faciais e a textura do cabelo. A heteroidentificação é um mecanismo legal no que se refere à efetivação da lei, tendo em vista que a autodeclaração não é suficiente, como é apresentado pelo autor. Assim, ambos os procedimentos são de fundamental importância para a concretude da política pública de acesso à educação pela modalidade de reserva de vagas, visto que ocorrem casos de fraude no sistema de cotas.

A partir dos casos de fraude com o objetivo de burlar a lei, Vaz (2022, p. 148-150) nos alerta que:

[...] podemos denominar de afroconveniência ou afro-oportunismo, isto é, uma espécie de *apropriação da identidade racial por mera conveniência*. Pessoas socialmente brancas, que nunca se identificaram como negras, passam a reivindicar uma *negritude de ocasião* com o intuito de usufruírem do direito às vagas reservadas em universidades e concursos públicos [...]. Uma ação afirmativa que é para todas/os, não é para ninguém. E, com isso, perde completamente o seu escopo. Se pessoas socialmente brancas, simplesmente por possuírem ascendentes negros, independentemente do grau, acessarem as vagas reservadas, não teremos a ampliação da presença negra nos espaços de poder. Além disso, nas realidades em que impera o preconceito racial de marca, o racismo opera a partir da imagem da própria pessoa, não sendo a aparência de seus ascendentes determinantes para que sofra ou deixe de sofrer discriminação racial.

Nesse viés, é imprescindível a formação dos/as membros/as que fazem parte das bancas de heteroidentificação das instituições, visando sua atuação sob a perspectiva das relações étnico-raciais para que operem de forma justa em seus pareceres. Essa formação é necessária, pois, às vezes, jovens dentro dos critérios são reprovados/as pelas comissões de heteroidentificação. A seguir, apresento um exemplo:

Imagem 8: Alunos cotistas processam USP.



Disponível em:

<https://www.metropoles.com/sao-paulo/alunos-cotistas-processam-usp-apos-ter-matricula-negada-por-comissao>

Nesse contexto, apresentado acima, a comissão de heteroidentificação da instituição entendeu que os alunos não tinham características de pardos e negou suas matrículas na instituição. Dessa forma, ao processar a instituição, a justiça determinou a realização de suas matrículas. De maneira localizada, “[...] o processo de heteroidentificação na UFPI teve início em 2019, organizado pelas ações da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação - (PREG) [...]” (Caryne Maria da Silva Gomes, 2023, p. 68).

Dia: 27/08/2024 - 20h08 - Altos/PI

A entrada

*Em minha experiência como jovem cotista do Curso de Pedagogia, ingressando em 2018.1 pela Lei de Cotas, o único procedimento realizado foi a autodeclaração, visto que a heteroidentificação teve início em 2019. Na época, não pensava na dimensão política da Lei de Cotas e encarei o processo como uma possibilidade de ingresso na universidade, além de não perceber naquele momento a autodeclaração como um reconhecimento de minha racialidade. Lembro-me de estar na sala da Coordenação do Curso de Pedagogia realizando a matrícula institucional, e foi-me perguntado: “você se autodeclara negro?” Respondi que “sim”, pois me visualizava. Durante minha trajetória e experiências na universidade e fora dela, fui percebendo-me negro para além da autodeclaração, pois fui parado por policiais para um baculejo por ser um negro-suspeito, fui chamado de m***** na companhia de uma amiga negra por uma funcionária da universidade, tive meu cabelo crespo invadido por mãos brancas para sentir sua textura, entre outros atravessamentos positivos e negativos que foram potencializados.*

Em suma, hoje, em meu processo de constituição como sujeito de direito, evoco minha corporeidade negra e compreendo minha potência política, ética e estética. Agora percebo a autodeclaração como um processo de autodeterminação negra a partir do

reconhecimento racial: “[...] ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro” (Neusa Santos Souza, 2021, p. 115).

2.2 Juventude negra - corpo fora do lugar: racismo e dispositivo de racialidade

"Juventude negra - corpo fora do lugar" é uma contextualização da experiência narrada por Kilomba em seu livro “Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano” (2019). A autora narra que, ao entrar na biblioteca da universidade, é questionada por uma funcionária: “você não é daqui, é? A biblioteca é apenas para estudantes universitários/as” (Kilomba, 2019, p. 62). Após a narrativa, a autora destaca que sentiu que seu corpo não foi lido como corpo acadêmico, isto é, como um corpo do lugar. Assim, podemos perceber que o corpo negro é percebido como um corpo de fora do lugar, aquele que não pertence a certos espaços como, por exemplo, o acadêmico.

Dessa forma, apesar dos avanços nas políticas públicas como a Lei de Cotas, jovens negros/as, em suma, sentem-se não pertencentes à universidade como espaço de pertencimento, e muitos/as nem sequer chegam a ingressar no Ensino Superior, devido à necropolítica e às diversas formas de fazer morrer seus corpos que são marcados, pois “ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarar o corpo e os ideais do ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro” (Souza, 2021, p. 25).

Para Teixeira (2024, p. 13), a necropolítica são políticas de extermínio que “[...] foram profundamente orquestradas para despossuir vidas, negligenciar presenças, invalidar saberes e banalizar corpos que, nesse prisma, passaram a ser gerenciados como abjetos, coisas, artefatos despossuídos de energia vital e submetidos ao escárnio público, enquanto carne”.

Dentro desse contexto, corpos de jovens negros/as são construídos socialmente como impróprios e desautorizados, isto é, como corpos fora do lugar e, portanto, não pertencentes a certos espaços como o espaço acadêmico. Ao contrário de corpos brancos, que são construídos socialmente como próprios e autorizados, estes são corpos que pertencem ao lugar (Dantas, 2021).

Com o ingresso desse grupo, a assistência estudantil passou a ser tensionada e repensada dentro da universidade, como a permanência acadêmica, condições dignas de estrutura física, bibliotecas, renovação curricular, mais bolsas de pesquisa, extensão e

assistência, e melhores condições que garantam aos/às discentes, sujeitos/as das Ações Afirmativas, que completem seus estudos e sua continuidade (Gomes, 2017).

Ao pensar em juventude negra e seu corpo fora do lugar, lembro-me do livro de Bárbara Carine (2023, p. 89-90), intitulado “Querido estudante negro”. Escrito no formato de cartas que trazem as experiências de racismo e outras problemáticas de uma jovem negra na educação básica e no Ensino Superior, as cartas são endereçadas ao seu amigo, um garoto negro. Em uma das cartas, ela diz:

Os professores aqui são péssimos mesmo, vivem dizendo coisas que me fazem sentir vergonha, com vontade de sumir daquele lugar, sabe? Em uma prática de laboratório, assim que eu entrei na sala a professora comentou que a minha calça era horrorosa, e toda a turma riu do comentário dela e, conseqüentemente, de mim. Qual a necessidade de uma professora que forma profissionais trazer uma fala dessas em sala de aula, reforçando o elitismo e o racismo ali já tão evidentes?

Pensando ainda na dimensão deste corpo fora do lugar, Teixeira (2021) nos apresenta duas concepções de corpo: um corpo público e outro político. Nesse sentido, faço um deslocamento para pensar essas duas dimensões na perspectiva da Lei de Cotas e o acesso à universidade, visto que o corpo público é forjado nas violências cotidianas a partir de práticas de controle e subordinação, isto é, este corpo é desautorizado. Já o corpo político é constituído nas alianças e assumindo diferentes rotas de resistência. Dessa forma, recontextualizando, este corpo público que é desautorizado passa a ser de dentro e, em seus processos na universidade, torna-se um corpo político.

Nesse sentido, a partir das práticas de controle exercidas sobre o corpo público, esse é percebido como uma mercadoria e, por fim, um corpo alvo; e este processo de desautorização perpassa por muitos lugares. A noção de corpo fora do lugar é caracterizada pelo processo de expulsão atravessado por práticas de racismo estrutural e institucional; ou seja, o corpo fora do lugar se torna um corpo alvo que, por múltiplos processos de controle e vigilância, sente-se de fora (Teixeira, 2021).

Em contrapartida, penso que a Lei de Cotas e as Ações Afirmativas são responsáveis por forjar o corpo político de jovens negros/as, pois se reafirmam no lugar. Esse processo ocorre mediante as alianças e tensões, assumindo diferentes formas de resistência sem atingir a própria existência. Nesse prisma, o racismo, a discriminação e o preconceito racial são elementos responsáveis por essa construção (Teixeira, 2021). Sobre o racismo, Kilomba (2019, p. 75-76) afirma que:

No racismo estão presentes, de modo simultâneo, três características: **a primeira é a construção de/da diferença**. A pessoa é vista como “diferente” devido a sua origem racial e/ou pertença religiosa. Aqui, temos de perguntar: quem é “diferente” de quem? É o sujeito negro “diferente” do sujeito branco ou o contrário, é o branco “diferente” do negro? Só se torna “diferente” porque se “difere” de um grupo que tem o poder de se definir como norma - a norma branca. Nesse sentido, não se é “diferente” tornar-se “diferente” por meio do processo de discriminação. A característica é: essas diferenças construídas estão **inseparavelmente ligadas a valores hierárquicos**. Não só o indivíduo é visto como “diferente”, mas essa diferença também é articulada através do estigma, da desonra e da inferioridade. Tais valores hierárquicos implicam um processo de naturalização, pois são aplicadas a todos os membros do mesmo grupo que chegam a ser vistas/as como “a/o problemática/a”, “a/o difícil”, a/o perigosa/o” [...]. Por fim, ambos os processos são acompanhados pelo **poder**: histórico, político, social e econômico. É a combinação do preconceito e do poder que forma o racismo. E, nesse sentido, o racismo é a supremacia branca. Outros grupos raciais não podem ser racistas nem performar o racismo, pois não possuem esse poder.

A constituição do racismo é atravessada pela construção da diferença, do/da diferente, por valores hierárquicos e pelo poder. A partir disso, podemos identificar/perceber quem são os/as sujeitos/as que determinam a normalidade e quem por eles/as são compreendidos/as como o/a outro/a e o/a diferente; e nisso, “[...] para se afirmar ou para se negar, o negro toma o branco como marco referencial” (Souza, 2021, p. 56).

No que se refere à discussão sobre raça, o termo não tem mais um sentido biológico, mas é utilizado como um conceito necessário para uma exposição das relações de poder e dominação no período colonial. Ressaltando a necessidade de compreendermos a raça como uma construção sociológica e não biológica, além de ser uma categoria indispensável para analisar as relações de poder, privilégios e dominação que se estabeleceram nas sociedades pós-coloniais, como a brasileira. Esse panorama é necessário para um embasamento na construção de políticas públicas no enfrentamento das desigualdades raciais, a exemplo, a Lei de Cotas (Machado, 2020).

Outro ponto que emerge para uma reflexão a partir dos apontamentos é o conceito de dispositivo de racialidade apresentado por Carneiro (2023). Para a referida autora, o dispositivo de racialidade ganha uma dimensão específica ao operar em conjunto com o biopoder. Nesse contexto, promove a vida da raça considerada sadia e pura e promove a morte das raças consideradas inferiores. A autora apresenta que o dispositivo de racialidade impõe barreiras, levando ao processo de exclusão social dos/as negros/as, principalmente no que tange ao acesso, à permanência e ao sucesso no sistema educacional do país.

O dispositivo de racialidade é elaborado a partir do conceito de dispositivo em Michel Foucault e é estabelecido para a compreensão das relações raciais no Brasil. Ele opera na sociedade brasileira por múltiplas vias de articulação e elementos, que configuram a racialidade como um mecanismo de domínio que produz poderes, saberes e subjetividades pela negação e interdição de outros poderes, saberes e subjetividades; “[...] instaura, no limite, uma visão ontológica, uma vez que a afirmação do ser das pessoas brancas se dá pela negação do ser das pessoas negras” (Carneiro, 2023, p. 13). Nesse sentido, o dispositivo de racialidade tem sua operação na determinação racial, que tem a finalidade da afirmação do eu e da negação do/a outro/a.

Nesta perspectiva de negação e morte, este corpo é atravessado pelas normas de gênero, raça, sexualidade, classe e território; assim, será percebido como um corpo brutalizado. Desse modo, será desvencilhado de todas as suas possibilidades de humanidade que, neste jogo de poder, será reduzido a carne e a uma vida despossuída de vitalidade: “o corpo público, ao ser tratado como abjeto, é brutalizado e submetido ao silêncio radical, à morte, simbólica e objetiva, para que se consolide a perda de sua humanidade” (Teixeira, 2024, p. 67-68).

Dessa maneira, as Ações Afirmativas tocam de maneira nuclear na cultura política e nas relações de poder, seja para confirmar ou refutar. Assim, as universidades passam a dedicar parte de seu tempo a perceber que os/as jovens negros/as existem e que grande parcela deles/as não está presente nos bancos das universidades públicas, e que eles/as lutam pelo direito de entrar neste lugar, permanecer e partilhar desse espaço de produção de conhecimento (Gomes, 2017).

Desse modo, a juventude negra passou a circular nos espaços que antes lhe eram interditados; assim, a consciência racial e periférica ganhou novos contornos e um perfil problematizador de denúncia. A juventude negra, ocupando esses espaços, passa a assumir uma estética afirmativa, com a valorização dos cabelos crespos e uma valorização da estética atrelada à periferia, que passa a ser valorizada (Gomes e Laborne, 2018).

“Corre” III: Nas trilhas da Sociopoética

3. Itinerário metodológico: a Sociopoética como método de pesquisa da malandragem

Ao apresentar a Sociopoética pelo viés da malandragem, o sentido é reconceituado enquanto epistemologia, isto é, a malandragem como ato de resistência aos saberes hegemônicos eurocentrados. Dessa forma, compreendemos que não temos uma ausência metodológica e epistemológica; a pesquisa não é menos trabalhosa; que produzimos conhecimento; e que a poética não é acientífica. Nossa malandragem é perceber que “qualquer forma de saber que não se enquadre na ordem eurocêntrica de conhecimento tem sido continuamente rejeitada, sob o argumento de não constituir ciência credível” (Kilomba, 2019, p. 53).

A seguir, apresento um diário escrito a partir do livro de Rufino, intitulado “Vence-demanda: educação e descolonização” (2021), que apresenta a malandragem como epistemologia:

Dia: 28/05/2024 - 9h08 - Teresina/PI

Práticas miúdas na Educação

Somos levados/as para um saber capoeirístico e da ginga. Nessa malandragem epistemológica, aprendemos a pular cerca, fazer esculhambação e gambiarras como movimento espiralar-contracolonial. A partir das reflexões, criamos um saber das junturas, onde tudo é juntável: ciência-poesia, razão-emoção, malandragem-epistemologia. Na educação, devemos ter práticas miúdas que possibilitem uma política do encantamento. Caminhando por essa roça de palavras germinantes, aprendemos a desaprender para aprender de outro modo. Luiz Rufino nos apresenta que a desaprendizagem é um ato político e poético. O autor ainda traz a descolonização como processo de cura. Négo Bispo, em "(A terra dá, a terra quer)", apresenta a contracolônização como modo de vida. Assim, uma educação de práticas miúdas é fazer do chão da escola um território de adubação, ou seja, nutrir a prática educativa para florescer cura, afeto, liberdade, respeito, esperança, autoconhecimento e responsabilidade.

Desse modo, a respeito da Sociopoética, concordo com Vanessa Nunes dos Santos (2021, p. 87) quando diz em sua tese, intitulada “Formação Docente em Sociopoética como Metodologia Sensível e Inovadora na Convivência Escolar”, que:

Essa abordagem concentra metodologias que caracterizam o modo de pesquisar, implicadas nas relações cotidianas e na militância política, ao considerar a pesquisa e a produção do saber como modos de poder, modos de intervir no mundo politicamente. Como método inovador na ciência, propicia o encontro intercultural de saberes, produzindo uma espécie de direito às outras formas de produções culturais, que antes não eram valorizadas, sendo excluídas pela epistemologia cartesiana.

Nesse sentido, a Sociopoética, além de uma metodologia de pesquisa, é uma prática de vida. A Sociopoética serviu para mim como curandeira, e, ao ser benzido, pude

pensar de outros modos e, principalmente, compreender o corpo como fonte epistemológica de saberes. Martins (2021, p. 80) compreende o corpo como episteme e o chama de corpo-tela, como sendo:

[...] um *corpus* cultural que, em sua variada abrangência, aderência e múltiplos perfis, torna-se *locus* e ambiente privilegiado de inúmeras poéticas entrelaçadas no fazer estético. Um corpo historicamente conotado por meio de uma linguagem pulsante que, em seus circuitos de ressonâncias, inscreve o sujeito enunciador-emissário, seus arredores e ambiências, em um determinado circuito de expressão, potência e poder. [...] como vitrais que irradiam e refletem experiências, vivências, desejos, nossas percepções e operações de memória. Um corpo pensamento. Um corpo também de afetos.

Peço licença, pois, ao invés de comentar a citação, irei apresentar um diário escrito a partir de um encontro do NEPEGECI, que teve como objetivo discutir o livro da autora. O diário foi escrito a partir deste corpo que produz, sente e pensa:

Dia: 22/07/2024 - 11h26 - Teresina/PI

Rufem os tambores: é tempo de espiralar

De janelas abertas, o vento das pipas entra em meu quarto. Vento é movimento, intensidade e liberdade. Hoje nos aquilombamos, como disse Artenilde no encontro. Nosso quilombo foi liderado por Luciana Lis de Souza e Santos e suas contribuições a partir do livro de Leda Maria Martins. Nesta manhã, nosso corpo se fez gingado e viveu a experiência de sentir o conhecimento do/no corpo. Realizamos curvaturas que fizeram nossos ossos estalarem. Os saberes desta manhã foram corporificados e incorporados em nossas peles. A experiência do/no corpo é uma experiência poética. Temos saberes grafados na pele-corpo. O corpo se faz/constitui um corpo-tela que é um corpus cultural (Martins, 2021). A partir deste momento, lembro-me da tese de Emanuella de Souza (2023) quando diz que sua pesquisa é em movimento espiral. Espiralar é tempo, memória, território, corpo, experiência, subversão, são saídas e entradas não lineares de muitos modos. Devemos nos curvar ao tempo com respeito. Além do corpo-tela, temos o corpo-acervo, e penso-o como aquele que realiza uma escavação de si ao evocar seus saberes soterrados. Que rufem os tambores, pois o corpo-bailarina precisa dançar. Uma dança não ritmada, uma dança-vento. Vamos viver como redemoinhos em espiral. Precisamos aprender a rodopiar.

A Sociopoética, que nas palavras de Sandra Petit (2014) é um novo método de construção de conhecimento de forma coletiva, e que tem como pressupostos básicos que todos os saberes são de igual valor e que é possível fazer da pesquisa um acontecimento poiético (do grego *poiesis* = criação).

Gauthier (2010) afirma que o método é uma arte-pesquisa, assim como existe a arte-terapia ou a arte-educação, mas que não podemos esquecer que sempre buscamos os caminhos da arte para ampliação do conhecimento crítico, pois damos novas armas ao pensamento crítico ao poetizar a pesquisa. Ele afirma que “a crítica se faz pela mediação do poético e a poesia anda nas trilhas da crítica” (Gauthier, 2010, p. 97).

Em diálogo, Santos (2014) afirma que o método é uma prática filosófica que nos possibilita descobrir problemas que, de maneira não consciente, mobilizam os grupos sociais, favorecendo a criação de novos problemas ou novas maneiras de problematizar a vida. Esse movimento favorece a criação de confetos (conceito + afetos), tendo em vista a participação ativa e coletiva dos/as participantes do grupo-pesquisador.

Sobre os confetos, Petit (2019, p. 43) nos diz que “[...] esses conceitos, comumente metafóricos, produzidos mediante os dispositivos sociopoéticos e perpassados de razão, intuição, emoção, sensação”. Os confetos são produções dos/as facilitadores/as ao pensamento do grupo-pesquisador, criado a partir deste corpo inteiro e suas múltiplas linguagens evocativas a partir de um estudo sensível, pois não objetivamos, na Sociopoética, uma separação entre razão e emoção.

Dia: 25/06/2024 - 18h07 - Teresina/PI

Trajetos, desejos e afetos

Vejo a Sociopoética como uma epistemologia da vida, enquanto a ciência e as pesquisas cartesianas são percebidas por mim como uma epistemologia da guilhotina, que sempre busca separar a cabeça do corpo inteiro, levando à morte. Na Sociopoética, a epistemologia da guilhotina é quebrada e reinventada. Como sociopoetas, fazemos desse corpo decapitado de sua razão e emoção um corpo vivo.

A Sociopoética provoca em minha corporeidade um estado de encantamento e feitiço, que não foi lançado, mas capturado por mim; eu me deixei enfeitiçar. Ao pensar em feitiçaria, lembro-me da tese de Letícia Carolina Pereira do Nascimento (2023), intitulada “Modos de Educar entre Jovens Transvestigeneres: Cartografia Desejantes na Universidade”, quando a autora se denomina uma bruxa mestiça da Sociopoética. Ser bruxa e fazer bruxaria na pesquisa é um movimento de muitas entradas e possibilidades encarnadas, uma vez que é possível realizar múltiplos voos.

3.1 O coser da pesquisa: território e perfil do grupo-pesquisador

Dia: 20/05/2024 - 11h11 - Teresina/PI

Pesquisa-barro

Esses dias, meus pensamentos estão sinuosos como um zigue-zague; não estou na linearidade do pensamento. Primeiro, pela possibilidade de uma possível greve na universidade e pela demora do parecer do Comitê de Ética ao meu projeto de pesquisa. Já tive outros retornos; no entanto, havia pendências na documentação. Já estamos quase entrando em junho e ainda não realizei a parte prática da pesquisa (formação do grupo-pesquisador e as oficinas). Enquanto isso, estou escrevendo outras partes da dissertação. Esse processo de escrita é delicado, requer cuidado e atenção. A pesquisa está sendo costurada ou gestada, como gostamos de falar. Nesse momento, estou engravidando pelos ouvidos e parindo pelos dedos. Esses dias, rememorei que, durante muito tempo, morei em casa de taipa/barro na cidade de Altos/PI. A lembrança específica era a construção da casa. No fundo do quintal, cavávamos um buraco para tirar o

barro; fazíamos um grande monte com esse barro (no formato de um vulcão); em seguida, pegávamos água do poço e misturávamos ao barro. Agora vinha a parte divertida, que era pisar o barro com os pés até ficar uma mistura homogênea. Depois, entrávamos no mato para tirar cipós e as taipas. E, aos poucos, nossa moradia era construída. Em época de chuva, fazíamos isso com mais frequência, pois a chuva às vezes derrubava as paredes. Recontextualizando de outro modo, penso que o Comitê de Ética é a chuva e meu projeto, as paredes de barro. A chuva derruba as paredes como um aviso de que estas precisam ser melhoradas, fortificadas e construídas novamente. Nesse processo de cair e levantar paredes da pesquisa-barro é que vou me constituindo como sujeito-pesquisador e ganhando experiência. Uma hora dessas, a chuva virá e as paredes se manterão de pé.

Dia: 25/06/2024 - 18h07 - Teresina/PI

Trajetos, desejos e afetos

Em meio à greve e à demora do parecer do Comitê de Ética, estou realizando leituras em torno da temática de pesquisa. Hoje, por exemplo, resolvi ler a tese de Vanessa Nunes dos Santos. Ao realizar a leitura, compreendo que nós, pesquisadores/as, vivemos a pesquisa de modos distintos; por exemplo, Vanessa vivenciou em sua pesquisa a Covid-19. O que me aflige no momento não é a greve, mas a demora do parecer. É a partir da aprovação que vou para o campo e território de pesquisa. Será nesse momento que vou sentir o calor humano dos/as copesquisadores/as e vivenciar o tecer da pesquisa, que é coletivo. A pesquisa na Sociopoética é feita com gente, em uma construção coletiva de corpos inteiros. É uma pesquisa que só é possível com pessoas. Ler a tese me possibilitou pensar que é possível realizar uma pesquisa mesmo diante dos medos. Aqui, o medo é transformado em potência criativa. O medo na pesquisa é uma forma de nos percebermos como gente, pois o/a pesquisador/a não pode ser compreendido/a como uma figura inabalável, ou seja, o/a pesquisador/a também é gente, como diz Emanuella de Souza em sua tese em Educação.

Início com esses dois diários, pois eles dizem muito sobre o que estou chamando de coser da pesquisa e o processo de escrita até aqui, isto é, uma escrita da experiência do pesquisador que é compreendida como “[...] uma produção artística, em que os materiais são a vida cotidiana e a processualidade, que se insere na experiência da escrita, buscando, assim, a constituição ético-estético-política de nós mesmos” (Clareto & Veiga, 2016, p. 38). E apresento que, dentro da minha processualidade ao pesquisar, tinha medo do tempo institucional devido à demora da aprovação do Comitê de Ética, pois era como se a pesquisa estivesse congelada no que diz respeito à parte prática (formação do grupo-pesquisador e as oficinas).

A partir disso, recordo-me da tese de doutorado de Maria Dolores dos Santos Vieira (2018, p. 130), intitulada “Maria-José-pode-ser-o-que-quiser: jovens mulheres e as mutações do gênero na formação inicial em pedagogia”, e essa lembrança se deu porque a autora, em sua tese de doutorado, narra sua experiência com a Plataforma Brasil ao dizer que:

Nessa experiência de enviar o projeto ao Comitê de ética da Pesquisa (CEP), por meio do cadastramento, o processo de estratificação me fez andar em círculos até que eu pude perceber que me precipitar em queda suicida não significaria que eu morreria, era correr riscos, experimentar os imprevistos

dessa queda, prestando atenção que há aprendizagens em cair. Foram muitas as quedas, mas escapei com vida e mais fortalecida pelo que aprendi. Instalei-me no estrato Plataforma Brasil e experimentei as suas oportunidades, fui transformando cada nova terra em intensidades com as quais construí novo território de saberes. Refletindo sobre a experiência, reconheço a importância do não saber para os processos inventivos e isso vale para a vida.

Essas experiências que se assemelham a partir de pesquisas anteriores são importantes, pois são pontos que se cruzam ao fazer dos/as pesquisadores/as durante sua trajetória pesquisante. Gostaria de ressaltar que as pendências documentais ou até mesmo a reelaboração de certas partes do projeto a partir das recomendações de ajustes do Comitê de Ética não podem ser compreendidas por nós, pesquisadores/as, como uma fragilidade da pesquisa, visto que as recomendações tornam a pesquisa exequível na dimensão ética.

Nessa caminhada, no dia 10/07/2024, recebi um e-mail do Comitê de Ética informando que o parecer havia sido emitido novamente. Tive medo de olhar e aguardar por um instante, pois temia uma nova pendência. Quando entrei e vi (situação - Aprovado), senti um alívio e imediatamente informei minha orientadora, que também ficou contente pela aprovação. E, a partir disso, demos início ao que chamo de parte prática da pesquisa (formação do grupo-pesquisador e realização das oficinas). O comprovante de aprovação do Comitê de Ética está em anexo.

Ressalto ainda que, ao realizar a submissão do projeto ao Comitê de Ética, o desejo inicial era pesquisar com/entre jovens cotistas da UFPI, campus de Teresina, independentemente de seus cursos. No entanto, a partir dos caminhos da pesquisa e sua execução, resolvi pesquisar com/entre jovens cotistas do Curso de Pedagogia, visto que era um território de pertença. Assim, realizei esse movimento buscando pesquisar no chão que piso/pisei.

Nesse sentido, a partir da aprovação, criei um formulário Google buscando alcançar jovens cotistas do Curso de Pedagogia para participar da pesquisa. A divulgação aconteceu no Instagram do Centro Acadêmico de Pedagogia, da Associação Atlética de Pedagogia e nas minhas redes sociais. Pensei no Centro Acadêmico de Pedagogia por sua relação direta com os/as jovens do curso. De acordo com a União Nacional dos Estudantes (UNE), o Centro Acadêmico é “uma entidade que representa todos os estudantes de um curso. Cabe ao CA, entre suas tarefas, realizar as discussões com os estudantes do curso para encontrar soluções nos problemas enfrentados, seja na relação com os professores, temas vinculados aos conteúdos e currículos dos cursos ou

mesmo questões administrativas” (UNE, 2024, p. 1). E a Associação Atlética de Pedagogia é responsável pela integração dos/as alunos/as ao esporte e ao lazer.

Nesse contexto, o território da pesquisa é a Universidade Federal do Piauí, Campus Ministro Petrônio Portella, em Teresina, que foi criada em 1968 e instalada no dia 1º de março de 1971, a partir da fusão de faculdades existentes no Estado do Piauí. Participaram da fusão a Faculdade de Direito, a Faculdade Católica de Filosofia (FAFI), a Faculdade de Odontologia, a Faculdade de Administração (com sede em Parnaíba) e a Faculdade de Medicina (PPC, 2018).

De maneira situada, a pesquisa acontece no Centro de Ciências da Educação (CCE), que foi criado em 1975 pela resolução nº 10/75 e é constituído pelos Departamentos de Fundamentos da Educação, Métodos e Técnicas de Ensino e de Artes Práticas (PPC, 2018, p. 22). O Curso de Pedagogia, localizado no CCE, tem como objetivo geral, a partir do seu Projeto Pedagógico de Curso (2018, p. 34):

[...] formar o pedagogo para atuar na Docência, na **Educação Infantil**, nos **Anos Iniciais do Ensino Fundamental** e na **Gestão Educacional**, comprometido com as questões educacionais locais, regionais e nacionais e com a realidade social de um modo crítico e transformador. A partir do objetivo geral, o curso estará criando as possibilidades para formar um profissional capaz de resolver problemas decorrentes do seu trabalho, considerando as multidimensões: humana, ética, estética, política, técnica e social - que fundamentam seu ofício, delineado pelo perfil do egresso.

A partir do Projeto Pedagógico do curso, podemos observar sua transversalidade pelas áreas de atuação. O curso de Licenciatura em Pedagogia é presencial e o regime letivo é semestral, com entrada vinculada ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) por meio do Sistema de Seleção Unificada (SISU). Os turnos de oferta são: matutino, vespertino e noturno, sendo que anualmente são autorizadas 240 vagas (PPC, 2018).

A respeito da estrutura curricular, o curso visa formar profissionais para atuarem no magistério da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, bem como na Gestão Educacional. Para isso, o curso se sustenta nos princípios que norteiam a Base Nacional para a Formação Inicial, com “sólida formação teórica e interdisciplinar, unidade teoria e prática, trabalho coletivo e interdisciplinar, compromisso social e valorização do profissional da educação, gestão democrática, avaliação e regulação dos cursos de formação” (PCC, 2018, p. 37).

No site da graduação em números da Pró-Reitoria de Graduação (PREG) e Coordenação Geral de Graduação (CGRAD), temos algumas opções de busca, sendo

uma delas "discentes ativos" – aquele/a que tem vínculo com a instituição e não está com matrícula trancada ou concluindo o curso – e "discentes matriculados" – aquele/a que está inscrito em um curso. A respeito do Curso de Pedagogia, temos as seguintes informações (novembro de 2024): turno vespertino (337 ativos e 230 matriculados); noturno (350 ativos e 212 matriculados); e matutino (530 ativos e 403 matriculados).

Após essas breves informações sobre o Curso de Pedagogia da UFPI, irei apresentar como se deu este processo de recrutamento dos/as participantes para participação na pesquisa (termo usado pelo Comitê de Ética). Os critérios para participação na pesquisa foram os seguintes: ser estudante do Curso de Pedagogia da UFPI, em Teresina; ter ingressado pela Lei de Cotas; ter entre 18 e 29 anos de idade; e ter disponibilidade para participar das oficinas.

Realço que os primeiros inscritos/as via formulário Google não compareceram à oficina de negociação. Isto gerou certa ansiedade e medo de não conseguir fazer outra seleção com a finalidade de realizar a negociação e formação do grupo-pesquisador antes das férias. Diante disto, munido de coragem, o gesto de buscar jovens do Curso de Pedagogia no espaço de convivência do CCE foi a possibilidade encontrada.

Gostaria de ressaltar que este gesto realizado por mim não é habitual do método de pesquisa escolhido, a Sociopoética. Naquele momento, carregava comigo o sentimento “a pesquisa corre perigo” e destaco que, mesmo realizando este ato, segui todos os princípios éticos de uma pesquisa Sociopoética. E isso resultou na formação do grupo-pesquisador, como será apresentado na parte IV desta pesquisa.

A seguir, apresento o grupo-pesquisador a partir das respostas do formulário Google:

Quadro 01: Perfil dos grupo-pesquisador:

Pseudônimos	Perfil
Fada	Idade: 23 anos Período: 9º período Ano de ingresso: 2019 Turno: Manhã Autodeclaração: Preta Comissão de Heteroidentificação: Não Modalidade de ingresso: (PPI 2) integralmente em escola pública, independentemente de renda, que se autodeclarem pretos, pardos ou indígenas Identidade de gênero: Mulher Sexualidade: Prefiro não definir
	Idade: 19 anos

Blue	Período: 1º período Ano de ingresso: 2024 Turno: Manhã Autodeclaração: Parda Comissão de Heteroidentificação: Sim Modalidade de ingresso: (PPI 1) integralmente em escola pública, com renda familiar bruta igual ou inferior a 1 (um) salário mínimo per capita, que se autodeclarem pretos, pardos ou indígenas Identidade de gênero: Mulher Sexualidade: Heterossexual
Ikey	Idade: 21 anos Período: 1º período Ano de ingresso: 2024 Turno: Manhã Autodeclaração: Pardo Comissão de Heteroidentificação: Não Modalidade de ingresso: (PCD 2) integralmente em escola pública, independentemente de renda, que sejam pessoas com deficiência Identidade de gênero: Homem Sexualidade: Prefiro não definir
Martinez	Idade: 21 anos Período: 1º período Ano de ingresso: 2024 Turno: Manhã Autodeclaração: Preta Comissão de Heteroidentificação: Sim Modalidade de ingresso: (PPI 2) integralmente em escola pública, independentemente de renda, que se autodeclarem pretos, pardos ou indígenas Identidade de gênero: Mulher Sexualidade: Prefiro não definir

Fonte: Arquivo do pesquisador (2024).

A partir do perfil do grupo-pesquisador podemos perceber, que a presença de estudantes cotistas, como Ikey, cuja deficiência garantiu o ingresso sem passar pela Comissão de Heteroidentificação, e os demais que se autodeclaram pretos e pardos, reflete o impacto das políticas de ações afirmativas. Essas políticas, implementadas para mitigar desigualdades históricas e promover a inclusão de grupos sub-representados no ensino superior, buscam garantir o acesso a estudantes oriundos de escolas públicas, com baixa renda e/ou que se autodeclaram pertencentes a grupos étnico-raciais específicos.

A ausência de Fada na Comissão de Heteroidentificação devido ao seu ingresso anterior à implementação da política na UFPI em 2019 ilustra a evolução das políticas de acesso e a crescente preocupação com a garantia da autodeclaração e o combate a fraudes nos processos seletivos. A existência da Comissão de Heteroidentificação é um

reconhecimento da complexidade da identidade racial no Brasil e da necessidade de mecanismos para validar a autodeclaração, evitando que indivíduos não pertencentes aos grupos alvo se beneficiem indevidamente das cotas.

A condição de Ikcy, um jovem-cotista com deficiência visual, adiciona outra camada de complexidade à sua experiência universitária. Ele pode enfrentar barreiras de acessibilidade física, comunicacional e pedagógica que outros estudantes não vivenciam. Sua dispensa da Comissão de Heteroidentificação, mediante comprovação médica, demonstra um tratamento diferenciado para essa categoria dentro das políticas de cotas.

Apenas Blue declarou renda familiar bruta igual ou inferior a 1 salário mínimo per capita, enquanto os demais são independentes de renda, isso aponta para diferentes realidades socioeconômicas dentro do grupo de cotistas. Mesmo sendo oriundos de escolas públicas, suas condições financeiras podem variar, impactando suas necessidades de apoio e sua dedicação aos estudos.

A predominância de mulheres no grupo (3 copesquisadoras e 1 copesquisador) reflete a feminização do curso de Pedagogia, um fenômeno histórico e socialmente construído. As experiências dessas mulheres na universidade podem ser marcadas por questões de gênero, como estereótipos e expectativas sociais relacionadas à área da educação.

Dessa forma, a heterogeneidade do grupo-pesquisador não é apenas uma característica demográfica, mas um ativo que pode enriquecer a produção de conhecimento e as perspectivas de pesquisa no campo da Pedagogia. Compreender essas nuances dessas experiências é crucial para a formulação de políticas e práticas pedagógicas mais inclusivas e equitativas no ensino superior.

3.2 Experimentação da técnica artística com integrantes do OBJUVE/NEPEGECI

Aqui apresento a experimentação da técnica artística “Mutante” com integrantes do OBJUVE/NEPEGECI. Lembro-me que, no dia 01/08/2024, tive uma orientação para discutirmos a técnica artística que havia nomeado, no primeiro momento, de “Jovem Cotista Bicho da Permanência”; pensei nela após ler o trabalho de Clara Jane Costa Adad e Marta Gama, intitulado “Os corpos-bichos dos estudantes como mecanismos de fuga às identidades fixas: uma oficina sociopoética”.

Na orientação, fui provocado a arriscar-me e criar uma técnica artística que me permitisse sair da zona de conforto, pois em outro momento já havia experimentado uma técnica artística semelhante, mas na perspectiva da pesquisa acadêmica que tinha como tema “Se a pesquisa fosse um bicho, qual bicho seria?”.

Durante a orientação, percebi a potência da transformação que os/as jovens vivem ao ter acesso à/entrar na universidade. Transformação essa que pode ser considerada uma espécie de mutação. Assim, seguindo essa linha de pensamento, foi sugerido que realizasse a leitura do livro intitulado “Meninas pensadoras da casa de Zabelê: sociopoetizando corpos mutantes”. Dias depois, a técnica artística foi recriada e a denominei de “Mutante”.

A experimentação aconteceu na Sala dos Núcleos, no prédio da Pós-graduação em Educação, no dia 05/08/2024, a partir das 9h00. Como pesquisador-gente, meu corpo sentia ansiedade e medo na noite anterior. Lembro-me de estar em meu quarto organizando os materiais para uso no dia seguinte e conferindo inúmeras vezes a bolsa com os materiais. Na experimentação da técnica, a argila é o principal dispositivo; eu a havia comprado no dia 03/08/2024, no Polo Cerâmico, em um sábado de muito vento, vento das pipas.

Ao sentir a argila com as mãos, foi um encontro com o Wanderson criança, aquele que rolava no chão, pegava lama no fundo do açude e fazia casa de barro; rememorei pelo toque. Antes de dormir, mandei mensagem no grupo de WhatsApp do OBJUVE/NEPEGECI lembrando as pessoas da realização da oficina de experimentação da técnica, sendo elas: Josy, Sabrina, Samuel, Artenilde, Profª. Shara e Claudiney.

No dia seguinte, chegando à UFPI, na Sala dos Núcleos, a primeira coisa que fiz foi organizar o espaço: “Vamos desnudar os pés!”. Pensei nesse local a partir da orientação coletiva realizada no dia 02/08/2024, quando Claudiney falou sobre esse movimento de ficar descalço durante as oficinas.

Resolvi colocar este espaço na entrada da sala, visível ao abrir a porta. Era um chamado, a primeira informação vista ao entrar. Deu certo! Quando todos/as estavam presentes, comecei a realização da experimentação da técnica artística. Estava nervoso, como se fosse a primeira vez. Fui guiando as pessoas na realização dos movimentos: primeiro, solicitei que ficassem todos/as de pé no centro da sala para se espreguiçar; em seguida, pedi que caminhassem pela sala com movimentos rápidos, depois devagar, em câmera lenta, de costas, pulando e, em seguida, deitassem no chão. O curioso é que meu

corpo, naquele momento, queria participar de outro modo, isto é, como participante e não como facilitador.

Durante esse momento, antes da viagem imaginária, meu corpo estava acelerado, falava muito rápido; ao perceber que tudo corria bem, desacelerei, pois meus pés se firmaram ao chão. Deitados/as no chão e com os corpos relaxados, convidei-os/as para fazermos uma viagem imaginária. O roteiro da viagem imaginária será apresentado posteriormente na oficina de produção com o grupo-pesquisador, pois esse encontro teve como objetivo experimentar a técnica com o grupo.

Recordo-me que Wesley da Silva Rodrigues, em sua dissertação intitulada “Sociopoética de Jovens Gays nas Performatividades do Corpo Giz da Escola Pública do Piauí/Brasil”, ao fazer a experimentação de sua técnica artística, diz que “[...] foi, para mim, um divisor de águas, primeiro por identificar a potencialidade da técnica artística para produção dos dados; segundo, pela colaboração dos membros [...], os quais me ajudaram a visualizar pontos que precisavam ser revistos [...]” (Rodrigues, 2023, p. 57). Esperava entusiasmadamente as contribuições.

A experiência com a técnica artística antes da oficina de produção de dados com o grupo-pesquisador serve justamente para percebermos sua potencialidade, estranhamento, criatividade, imaginação, sensação, entre outros elementos. Além disso, recebemos as contribuições das pessoas que vivenciam o momento antes da utilização com o grupo-pesquisador. Algumas das contribuições:

1. Lembrar de mencionar a diferença entre os lados direito e esquerdo durante os movimentos.
2. Incentivar movimentos transversais, e não apenas circulares, pela sala.
3. Considerar vendar os olhos dos/as copesquisadores/as para intensificar a experiência tátil com a argila, gerando estranhamento antes da produção mutante.
4. Remover a contagem de 10 segundos durante a viagem imaginária para maior fluidez.
5. Sugerir que os/as participantes evitem lavar as mãos imediatamente após o contato com a argila, para que possam sentir e vivenciar a sensação da sujeira.
6. Organizar a sequência dos movimentos em: lentos, rápidos e novamente lentos.

7. Utilizar um tom de voz mais calmo e pausado durante o relaxamento guiado.
8. Disponibilizar um copo com água para que os/as participantes possam umedecer a argila, se desejarem.
9. Buscar uma postura menos pedagógica ao final da viagem imaginária.
10. Além das perguntas sobre o conteúdo da viagem imaginária, incluir questões sobre a experiência sensorial e emocional de vivenciar o momento.

As contribuições foram além das 10 mencionadas acima; no entanto, essas me fizeram pensar em como melhorar a técnica artística. A experimentação foi importante, pois a partir dela senti segurança para realizar a técnica com o grupo-pesquisador. Além disso, esse momento é uma vivência da prática, é o deslocamento de sair das leituras e viver a Sociopoética, visto que “[...] ninguém nasce sociopoeta, vai se tornando a cada dia, através das experiências e afetações que ela provoca e, assim, adentrando nesse lugar, nesse modo de fazer, escrever, pesquisar, olhar, reparar e ver [...]” (Santos, 2021, p. 86). A Sociopoética é feita fazendo, e ser sociopoeta é fazer vivendo.

“Corre” IV: Oficinas com o grupo-pesquisador

4. Primeiro “corre”: oficina de negociação e formação do grupo-pesquisador

A oficina de negociação é o momento em que o/a facilitador/a da pesquisa "[...] estabelece contato com os possíveis participantes da pesquisa, esclarecendo algumas questões como tema e a confidencialidade da pesquisa [...]" (Nascimento, p. 101, 2014). É o momento de negociar a pesquisa, o tema-gerador e outras condições da pesquisa, como os encontros para a realização das oficinas. Aqui temos o primeiro princípio da Sociopoética, que é a instituição do grupo-pesquisador, no qual cada sujeito/a da pesquisa é participativo/a em todos os processos, e o segundo princípio, que é a valorização das culturas dominadas e de resistência. Esse princípio "[...] valoriza o minúsculo, o esquecido, o silenciado, o suspeito, o invisível [...]" (Adad, 2014, p. 47), e o quinto princípio, que é a pesquisa ser acolhida por um grupo-pesquisador em uma perspectiva ética, política e espiritual (Gauthier, 2012; 2024).

A oficina de negociação foi um momento marcante, um grito silencioso. No dia 05/08/2024, pela manhã, realizei a experimentação da técnica artística “Mutante”. Na parte da tarde, seria realizada a oficina de negociação com os/as interessados/as na pesquisa. Desse modo, no dia 30/07/2024, enviei uma mensagem no grupo do WhatsApp perguntando sobre a disponibilidade para um encontro no dia 05/08/2024.

Desse modo, realizei uma enquete para escolhermos um turno e horário. A partir da enquete, duas pessoas tinham disponibilidade pela manhã, às 8h00, quatro pessoas às 14h00, e dos/as demais não obtive resposta. Então, ficou combinado para o dia 05/08/2024, às 14h00, na Sala dos Núcleos. Estava ansioso, pois nas dissertações e teses que havia lido anteriormente, as facilitadoras, nesse momento, tinham medo do não comparecimento das pessoas à oficina de negociação. Esse medo também tomou conta do meu corpo.

No dia 05/08/2024, cheguei cedo à universidade, pois pela manhã realizaria a experimentação da técnica artística e à tarde, a oficina de negociação. Na parte da tarde, após o almoço, fui organizar a Sala dos Núcleos, esperando ansiosamente as pessoas. O pensamento "e se ninguém vier?" me assombrava, mas Sabrina (cofacilitadora) me tranquilizava. O tempo passou e o relógio marcava 14h30, e ninguém havia chegado. Enviei uma mensagem no grupo de WhatsApp: uma pessoa confirmou que estava a

caminho, duas informaram que não conseguiriam comparecer, e o restante não respondeu.

Por dentro, a angústia me consumia diante daquele imprevisto, para o qual houve tanta organização e preparo. Corri para falar com a Prof.^a Shara, que estava na Sala do Observatório. Expliquei a situação e fui orientado a remarcar a oficina de negociação para o dia seguinte. Retornei à Sala dos Núcleos, agradei a presença da única pessoa que compareceu e perguntei se ela teria disponibilidade na manhã seguinte. Ela confirmou presença. Novamente, enviei uma mensagem no grupo do WhatsApp, informando sobre a remarcação da oficina de negociação para o dia 06/08/2024, a partir das 8h30, no mesmo local. Fiz uma nova enquete e seis pessoas confirmaram presença. Ao longo da tarde, reforcei o pedido de comparecimento para o dia seguinte. O receio de que a mesma situação se repetisse era grande.

No dia seguinte, repeti a mesma ritualística. Enviei um lembrete sobre o encontro no grupo do WhatsApp, cheguei cedo e organizei o espaço. Enquanto esperava no local combinado, resolvi enviar mensagens no privado de cada um/a. Com o passar das horas, apenas uma pessoa compareceu e duas estavam a caminho. Mandeí uma mensagem à minha orientadora, que me aconselhou a realizar a negociação com as três presentes. Infelizmente, pouco depois, as outras duas me informaram por mensagem que não poderiam mais comparecer. E, novamente, não seria possível fazer a negociação com apenas uma pessoa. O desânimo tomou conta de mim!

Na Sala dos Núcleos, minha cofacilitadora, percebendo meu turbilhão de emoções, perguntou se poderia ir até o "mesão" do CCE (o espaço onde os/as estudantes de pedagogia costumam se reunir) com o objetivo de atrair jovens cotistas para participarem da oficina de negociação. A princípio, fiquei receoso e reflexivo sobre essa solução ousada, pois não é uma prática habitual na Sociopoética. Contudo, após ponderar, concordei com ela. E lá se foi Sabrina, descalça, rumo ao mesão. A seguir, apresento o diário da cofacilitadora sobre esse dia:

Dia: 06/08/2024, Teresina/PI

Esperanças

Ao entrar na Sala dos Núcleos naquela manhã da oficina de negociação, com uns 20 minutos de atraso devido ao retorno do trabalho e à demora na locomoção até a UFPI, encontrei Wanderson e Fada. Não me surpreendi, imaginei que as outras pessoas também estariam atrasadas, considerando que no dia anterior apenas uma pessoa pôde comparecer. De fato, era essa a situação; entretanto, Wanderson me informou que algumas pessoas haviam confirmado presença, então resolvemos esperar mais um pouco na esperança de alguém chegar. Mais alguns minutos se passaram e ninguém entrava pela porta. Cada barulho que ela fazia com a leve e quente brisa de Teresina nos fazia virar imediatamente para olhá-la, na expectativa de vermos as pessoas entrarem, mas nada acontecia; era apenas o vento buscando espaço na sala.

A ansiedade era palpável, já que era um momento tão aguardado pelo pesquisador. Nós três ali: eu, Wanderson e Fada. O que fazer? Em meio à conversa, pedi autorização a Wanderson para procurar pessoas que se encaixassem na pesquisa pelos espaços do CCE (onde estávamos). Ele hesitou diante da minha solução, mencionando que não era comum essa abordagem na pesquisa Sociopoética, mas logo concordou. Sai descalça em busca de participantes, e Fada quis me acompanhar. Fomos ao Centro Acadêmico de Pedagogia, mas estava vazio, então retornamos. No caminho de volta para a Sala dos Núcleos, ao passarmos pelo mesão, observei cinco estudantes sentadas no banco próximo ao bebedouro. Cumprimentamos com um bom dia e perguntamos se eram da Pedagogia e se eram cotistas. Para nossa alegria, quatro delas confirmaram ambas as perguntas com um "sim". Parecia que ia dar certo! Convidei-as ali mesmo para fazerem parte de uma pesquisa de mestrado. Elas aceitaram! Então, fomos juntas ao local da oficina. Ao chegarmos à sala, apresentamos as novas participantes a Wanderson, que, contagiadas pela proposta, aceitaram permanecer. E a partir desse momento, Wanderson iniciou a negociação.

A formação desse grupo-pesquisador ocorreu de modo eventual e fortuito, não sendo essa abordagem comum na metodologia sociopoética. Sobre a formação deste grupo-pesquisador, apresento um registro em seu diário:

De certa forma, foi uma experiência bastante interessante, pois ocorreu de maneira inesperada e se revelou incrível. As rodas de conversa, as cirandas e os momentos de reflexão foram os mais marcantes para mim. O ambiente estava leve e animado.

Naquele momento de negociação, a ansiedade era tanta que alterei a ordem dos acontecimentos que havia planejado. Comecei falando sobre a pesquisa e a Sociopoética. Recordei os momentos de orientação, quando éramos constantemente lembrados/as da importância de despertar o interesse dos/as participantes em nossas pesquisas durante a oficina de negociação, momento crucial para a formação do grupo-pesquisador. Eu precisava seduzi-las – "negociar teve o sentido de seduzir, afetar, tecer possibilidades coletivas de produção do conhecimento entre/com a diferença" (Vieira, 2018, p. 157) –, e acredito que isso se relaciona diretamente com os princípios éticos da Sociopoética na constituição deste grupo-pesquisador.

Após essa apresentação, convidei-as para o centro da sala e as orientei a se espreguiçarem. Em seguida, pedi que caminhassem pelo espaço de forma lenta, rápida, de costas, pulando e, por fim, que ficassem de cócoras. Também solicitei que se aproximassem o máximo possível umas das outras, formando um círculo para realizarmos alguns movimentos.

O primeiro movimento realizado foi um alongamento com impulso do corpo para trás, segurando nos braços umas das outras. Nesse momento, falei sobre a importância da confiança. O segundo movimento consistiu em segurar no quadril da pessoa à frente e sentar na perna da pessoa de trás, o que gerou muitas risadas.

Imagem 9: Movimentação pela sala.



Fonte: Acervo do pesquisador (2024).

Imagem 10: Segurando-se pelos braços e jogando o corpo para trás.



Fonte: Acervo do pesquisador (2024).

Durante a realização dos movimentos, o silêncio inicial da sala foi substituído pelo som contagiante das gargalhadas. Esse som me alegrou profundamente e me fez rir também. Foi nesse riso espontâneo que senti, novamente, a força da Sociopoética como método de pesquisa.

Em seguida, convidei-as a se sentarem no chão para nos apresentarmos com a brincadeira “Através da janela eu vejo e sinto”. Expliquei que cada pessoa deveria abrir imaginariamente sua janela e dizer o que via e sentia, indicando outra pessoa para continuar, e assim sucessivamente. Penso na janela como "abertura, meio de acessar o mundo, de ter um mundo, logo, possibilidade" (Maria Regina Johann; Paulo Evaldo Fensterseifer, 2020, p. 03).

Imagem 11: Através da janela eu vejo e sinto.



Fonte: Acervo do pesquisador (2024).

A primeira pessoa a abrir a janela foi Fada, que vê prosperidade e sente tranquilidade; Icky vê descontração e sente animosidade; Lanna vê um jardim e sente felicidade; Blue vê alegria e sente calma; Martinez vê ruas e sente calma; e Alisson vê caminhos e sente indecisão. Alisson participou desse momento, mas, infelizmente, não é cotista, o que impossibilita sua participação como copesquisador nesta pesquisa.

Após todas se apresentarem, dei continuidade explicando sobre o diário e sua importância como dispositivo de memória-escrita da pesquisa e do grupo-pesquisador. Para este momento, trouxe fragmentos do texto de Sandro Soares de Souza, “Memória, cotidianidade e implicações: construindo o diário de itinerância na pesquisa”. Antes de compartilhar esses fragmentos, senti o desejo de ler um dos meus próprios diários para o grupo, o qual já apresentei anteriormente: 'O coser da pesquisa'.

Após a leitura do meu diário, Fada comentou: “A pesquisa é muito mais do que aquelas horas dedicadas ao trabalho. É muito mais do que aquele tempo que você passou digitando. Tem todo um estresse e insegurança no momento da escrita”. Em seguida, cada uma pegou um fragmento do texto e o leu em voz alta. A escolha desse texto se justifica porque, ao realizar sua leitura, compreendo o diário como um elemento vivo da pesquisa. O diário é um dispositivo de memória-escrita que está em constante movimento dentro da pesquisa, possibilitando-nos entradas e saídas poético-científicas. Desejava que o diário fosse compreendido como essa escrita “[...] de muitas mãos, em múltiplos afetos. [...] na produção de se produzir como grupo que pesquisa, escreve, pensa, sente... um corpo” (Clareto e Veiga, 2016, p. 31).

Finalizada a leitura dos fragmentos do texto, apresentei o diário que seria utilizado coletivamente durante a pesquisa. Escolhi o diário que ganhei da Prof.^a Shara, pois considerei justo utilizá-lo nessa trajetória do mestrado. Um diário coletivo que pudesse voar livremente entre os membros do grupo-pesquisador. Um diário ninho de afetos, trajetos, desejos e experiências.

Ainda na roda de conversa, sentadas no chão, realizamos a leitura coletiva do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (documento em apêndice). Ao final da leitura, perguntei se havia alguma dúvida, e não houve. Em seguida, questionei sobre o interesse em participar da pesquisa, e todas concordaram e assinaram o TCLE.

Imagem 12: Assinatura do TCLE.



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador (2024).

Logo em seguida, conversei com o grupo-pesquisador para agendarmos a oficina de produção de dados, e a disponibilidade unânime foi para o dia 13/08/2024, a partir das 9h00, no mesmo local. Após agendarmos a oficina de produção de dados, convidei-as para o centro da sala para realizarmos uma ciranda ao som da música de Lia de Itamaracá, “Eu sou Lia Minha Ciranda Preta Cirandeira”. E finalizamos o encontro com o primeiro registro no diário do grupo-pesquisador.

Imagem 13: Fazendo a ciranda.



Fonte: Acervo do pesquisador (2024).

Ao finalizarmos o encontro, senti um grande alívio. A pesada angústia que carregava foi suavizada pela presença e engajamento do grupo-pesquisador, deixando-me mais leve. As copesquisadoras e o copesquisador demonstraram um forte comprometimento com a pesquisa, o que me trouxe tranquilidade, apesar da formação inesperada do grupo. Encerro este relato com um registro no diário feito durante aquela manhã:

Diário do grupo-pesquisador: Oficina de negociação (06/08/2024)

Eu me senti única, e que estou participando e contribuindo com algo.

De certa forma foi uma experiência interessante porque foi algo que aconteceu por acaso e foi incrível, a parte das rodas, cirandas e reflexões foram as mais marcantes para mim. O ambiente estava leve e animado.

*Portanto, peço-te aquilo;
E te ofereço elogios;
Tempo, tempo, tempo, tempo;
Nas rimas do meu estilo;
Tempo, tempo, tempo, tempo.*

Eu sento alegria, mas também sinto as incertezas.

Experiência incrível, sentimento de descontração e de alegria. Foi um momento prazeroso.

Cofacilitadora - Estive presente neste meio-quase-lá da pesquisa. E que alegria contagiante! A maneira como as "novas" pessoas foram chegando encheu de esperança e energia o ambiente em que estávamos. Já me sinto otimista para os próximos passos que virão a constituir a pesquisa e o pesquisador-gigante.

4.1 Escrivências: jovens-cotistas copesquisadoras e copesquisador da pesquisa

Meu nome é Blue. Considero-me uma pessoa tranquila externamente, mas muito agitada internamente. Acredito que sinto as coisas de forma intensa e tenho dificuldade em administrar esses sentimentos, o que frequentemente me deixa mentalmente exausta. Uma boa forma de distração são a música, as séries e os livros. Não tenho um gosto musical específico; aprecio livros e séries de romance. Sou criativa, mas meu desafio é conseguir colocar as ideias em prática. Gosto de assistir futebol, principalmente aos jogos da seleção brasileira, embora eles me deixem bastante irritada. Às vezes, gostaria de ser jogadora de futebol ou escritora, mas me sinto insegura em relação à minha escrita.

Meu nome é Martínez e sou apaixonada por explorar o mundo à minha maneira. Uma das coisas que mais aprecio é ter tempo para mim. Nesses momentos de solitude, consigo refletir sobre a vida e me reconectar com meus próprios pensamentos.

Sou fascinada pelo universo de "Game of Thrones". A complexidade dos personagens e as reviravoltas da trama me cativam completamente. Adoro como cada personagem possui suas próprias motivações e desafios, e isso me faz pensar sobre as nuances da vida real. Além disso, a trilha sonora da série sempre me emociona e me transporta para Westeros.

Meus sonhos são simples, mas significativos. Desejo viajar pelo mundo, conhecer novas culturas e histórias, assim como os personagens que admiro nas minhas séries favoritas. Cada lugar tem algo único a oferecer, e eu quero vivenciar isso!

Minha paixão por "Game of Thrones" e a busca por aventuras em lugares desconhecidos refletem também meu desejo de explorar o mundo ao meu redor.

Meu nome é Fada e sou uma pessoa muito gentil e meiga. Gosto muito de melancia. Adoro a Pedagogia, especialmente a Pedagogia da Inclusão, que valoriza a inclusão de todas as pessoas. Aprecio descansar e amo ficar sem fazer nada, embora, às vezes, não consiga. Na universidade, fui uma aluna mais isolada da turma e enfrentei muitas dificuldades, mas essas experiências fizeram parte da minha trajetória acadêmica e contribuíram para formar a pessoa que sou agora. Minha banda favorita é The Beatles. Adoro me aventurar na natureza. Sempre sonhei em poder contribuir positivamente com as pessoas, e a Pedagogia me permite isso.

Meu nome é Icky, tenho 22 anos, sou estudante de Pedagogia e trabalho em meio período. Gosto de ler, escrever, ouvir música, assistir a filmes e séries, e conversar. Meu sonho é construir uma vida e carreira estabelecidas para poder proporcionar uma boa vida à minha família e realizar seus desejos e sonhos. Escuto um pouco de tudo, exceto sertanejo, trap e gospel. A experiência tanto na universidade quanto neste projeto tem sido única, e é um prazer vivenciar esses aprendizados e realizar trocas com as pessoas.

4.2 Segundo “corre”: oficina de produção de dados “Jovens Cotistas Mutantes da permanência

Dia 15/08/2024 - 8h57 - Teresina/PI

Fuxicando a oficina de produção de dados

Dois dias após a realização da oficina de produção de dados, venho compartilhar algumas impressões sobre esse momento. A oficina foi de grande importância para este sociopoeta-pesquisador. A poética das mãos sujas de argila fez meu corpo vibrar ao observar jovens cotistas do Curso de Pedagogia produzindo conhecimento com a sensibilidade das pontas dos dedos no chão da universidade. Celebremos a expressividade das pontas dos dedos.

Para chegarmos à oficina de produção de dados com o grupo-pesquisador, percorremos um caminho. Este momento da pesquisa, como registrou minha cofacilitadora no diário, é um “[...] meio-quase-lá da pesquisa”. Assim, o meio-quase-lá da pesquisa ecoa a ideia de que “estamos sempre no meio. Estar no meio é exercitar a arte dos (des)encontros, é nunca se fechar a eles, é rachar o corpo. É nunca chegar, é sempre estar a caminho” (Nascimento, 2014, p. 325).

Na oficina de produção de dados, vivenciamos o terceiro princípio da Sociopoética: pesquisar com o corpo todo, considerando que “os sociopoetas pretendem pensar, conhecer, pesquisar, aprender com o corpo inteiro, ao equilibrarem as potências da razão pelas da emoção, das sensações, da intuição, da gestualidade, da imaginação” (Gauthier, 2012, p. 74). Ao pensarmos no corpo em sua totalidade e em suas potências, compreendemos que “[...] o corpo é, por excelência, local e ambiente da memória [...] a memória grafa-se no corpo, que a registra, transmite e modifica perenemente” (Martins, 2021, p. 89).

Outro princípio presente nesse momento é o quarto: pesquisar utilizando técnicas artísticas para a produção de dados. As técnicas são dispositivos criados com o uso da arte, atravessados pela razão, intuição, emoção e sensação. A partir da técnica, o grupo-pesquisador é capaz de analisar, criticar e autocriticar (Adad, 2014). Nesse contexto, é importante a capacidade do grupo-pesquisador de estranhar a técnica

artística, pois “[...] o estranhamento propicia ao grupo a experiência como aquilo que toca e que afeta” (Adad, 2014, p. 53). O estranhamento se revela importante, uma vez que permite ao grupo-pesquisador um desenraizamento de seus referenciais (Souza, 2014).

No dia 12/08/2024, enviei uma mensagem no grupo do WhatsApp para lembrar as copesquisadoras e o copesquisador sobre a oficina de produção de dados que aconteceria no dia 13/08/2024, a partir das 9h00, na Sala dos Núcleos. Ao enviar a mensagem, uma das copesquisadoras me informou que não poderia comparecer à oficina, e as demais confirmaram presença. Alguns dias depois, essa mesma copesquisadora se desligou da pesquisa.

Mesmo vibrando com a produção de dados, meu receio se transformou. Se na oficina de negociação temia o não comparecimento, agora me preocupava com os objetivos da pesquisa. Nesses momentos, minha objetividade e racionalidade me assustam; tomam conta do meu corpo de tal modo que minhas mãos ficam frias e suadas. É como se os objetivos da pesquisa fossem um caminho retilíneo, onde fazer curvas é impossível e não me permite criar outras entradas e saídas. Nesses momentos, o pesquisador asfixia o sociopoeta, e sou capturado pela instituição.

Na noite do dia 12/08/2024, organizei os materiais para levar no dia seguinte. Ao desembulhar a argila e sentir novamente minhas mãos cobertas por ela, fui transportado à minha infância na cidade de Altos/PI: “fui criado numa casa de chão batido, onde andava descalço. As galinhas e os outros animais conviviam conosco dentro de casa” (Santos, 2023, p. 20). Apresento essa citação porque ela ecoa fortemente minha vivência infantil em uma casa de barro, sem cerâmica e com chão batido, e a argila me faz recordar esses tempos, assim como a leitura do livro “A terra dá, a terra quer” do nosso mestre Nêgo Bispo.

No dia da oficina de produção de dados, enviei uma mensagem no grupo do WhatsApp lembrando o grupo-pesquisador do nosso compromisso a partir das 9h00 na Sala dos Núcleos. Às 8h00, já estava pronto e me desloquei para a universidade. Chegando ao local, organizei o espaço e coloquei para tocar sons de pássaros enquanto aguardava o grupo-pesquisador e a cofacilitadora. Estava ansioso por este momento de produção de dados e, principalmente, pela reação do grupo-pesquisador ao contato com a argila.

Aos poucos, as copesquisadoras e o copesquisador foram chegando. Percebi que, desta vez, o grupo-pesquisador retirou os calçados apenas quando os convidei para o

centro da sala. Destaco que nosso grupo-pesquisador é formado por cinco pessoas e que, na oficina de produção de dados, tivemos a presença de quatro delas. Uma teve um imprevisto e ficou ausente neste momento, desligando-se do grupo-pesquisador logo em seguida.

Iniciamos a oficina de produção de dados com um alongamento corporal. Orientei a se espreguiçarem e pedi que realizassem os seguintes movimentos: caminhar lentamente pelo espaço, depois rapidamente, em seguida de costas (ao realizar este movimento, os sons dos pés no espaço eram interrompidos por gargalhadas e, ao andarem de costas, as copesquisadoras e o copesquisador se chocavam, gerando mais risos), depois pulando, e então desacelerar gradualmente os movimentos até deitarem no chão.

Imagem 15: Deitados/as no chão.



Fonte: Arquivo do pesquisador (2024).

No chão, pedi que não cruzassem as pernas nem os braços e que permanecessem de olhos fechados. Desliguei as lâmpadas da sala e, em seguida, as convidei para realizarmos uma viagem imaginária. Durante a experiência, esperava que este momento não fosse interrompido pela chegada inesperada de alguém à sala. Ao olhar para o chão e ver as jovens deitadas, dei início à técnica artística “Mutante”, seguindo o seguinte roteiro:

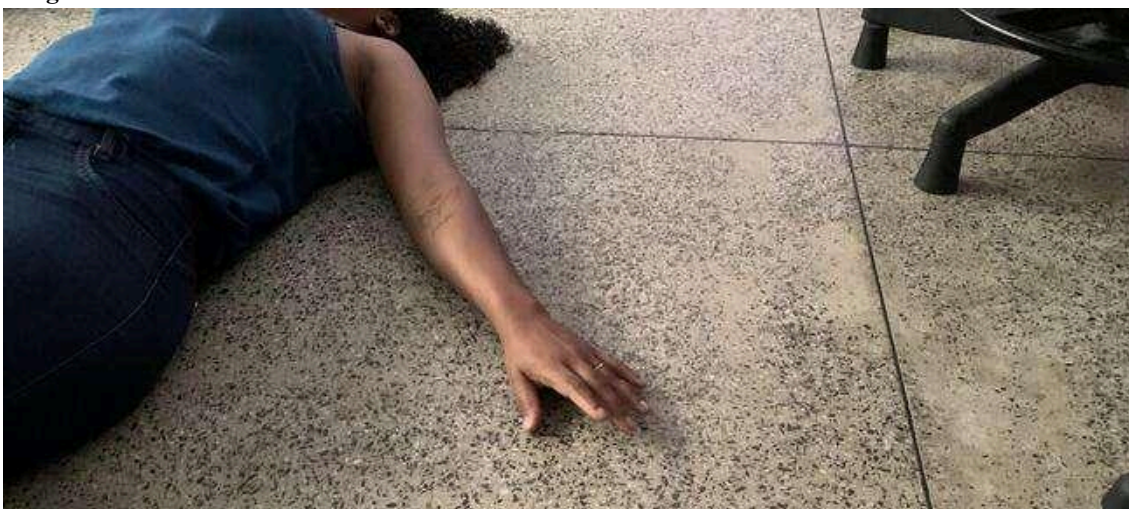
Quadro 2: Roteiro da viagem imaginária.

Deitadas no chão, fechem seus olhos. Respirem fundo e soltem o ar lentamente (três vezes). Sintam seu corpo em conexão com o chão. Tatiem o chão, percebam sua textura (pausa). Agora, sutilmente, com suas mãos, toquem seus cabelos, cabeça, pescoço, tórax, abdômen e pernas (pausa). Sintam-se, permitam-se conhecer através do toque. Estiquem agora seus corpos até o limite de seus ossos. Mantenham-se nessa posição alongada (pausa). Relaxem. Lentamente, comecem a encolher seus corpos até sentirem a curvatura de seus ossos. Permaneçam nessa posição curvada (pausa). Relaxem. Mantenham os olhos fechados e permaneçam deitadas no chão. Procurem não cruzar as pernas nem os braços. Concentrem-se e esqueçam tudo ao redor. Agora, faremos uma viagem imaginária. Vocês estão correndo, mas seus corpos permanecem imóveis (pausa). Começam a transpirar intensamente, de tal modo que o suor as dissolve (pausa). Dissolvidas, entram em contato com algo ou alguém que as transforma em mutantes. Como se chama esse mutante? Transitando e experimentando esse novo corpo mutante, vocês veem um portal (pausa). A curiosidade as impulsiona a atravessá-lo (pausa), levando-as para outro lugar, chamado universidade (pausa). Como é esse lugar? (pausa) Quais as características do mutante nesse lugar? (pausa) Nesse lugar, o mutante encontra obstáculos que dificultam sua permanência (pausa). Quais são esses obstáculos? (pausa) Qual o poder do mutante para enfrentar os obstáculos e permanecer nesse lugar? (pausa) Qual o sentimento do mutante ao enfrentar os obstáculos? Agora, movimentem seus corpos de um lado para o outro, alonguem-se (relaxem o corpo). Abram seus olhos e procurem uma posição confortável. Tentem não conversar verbalmente.

Fonte: Criação do facilitador (2024).

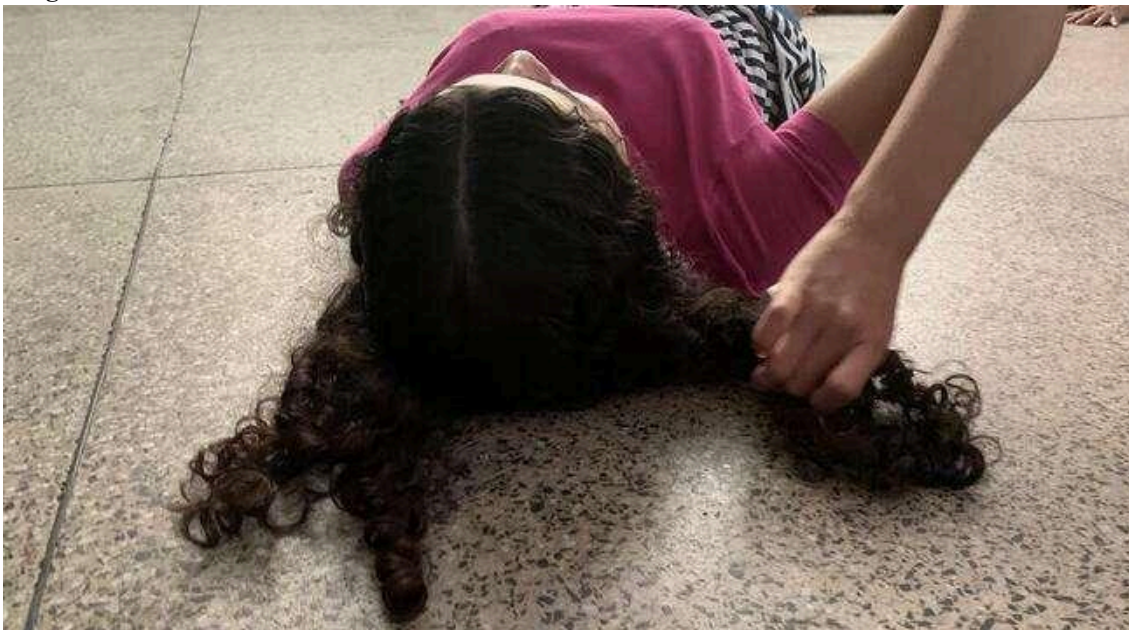
Minha voz ecoou pelo local, proferindo as palavras com calma e intercalando-as com pausas. Desejava que sentissem profundamente aquela experiência e, principalmente, a conexão de seus corpos com o chão, pois deitar e sentir o chão não é uma prática cotidiana: “um chão que acolhe corpos singulares absorvidos pelas bordas laterais de outros corpos: próximos, respiráveis, suspirantes, inquietantes” (Letícia Pereira Teixeira, 2019, p. 1733).

Imagem 16: Tateando o chão.



Fonte: Arquivo do pesquisador (2024).

Imagem 17: Tocando os cabelos.



Fonte: Arquivo do pesquisador (2024).

Outro aspecto que busquei durante a experiência foi que sentissem seus corpos a partir do próprio toque, vivenciando a totalidade do corpo (Adad, 2014). No roteiro da técnica artística, quando peço para esticarem seus corpos até o limite dos ossos e, em seguida, para se curvarem, inspirei-me após a leitura de Leda Maria Martins, pois o “[...] sociopoeta é artífice do roubo criativo” (Nascimento, 2014, p. 328).

Imagem 18: Esticado o corpo.



Fonte: Arquivo do pesquisador (2024).

Durante a viagem imaginária, movia-me suavemente pelo espaço, quase na ponta dos pés, pois não queria produzir sons que despertassem a curiosidade de abrirem os olhos. Desejava proporcionar ao grupo-pesquisador um estado de relaxamento próximo

ao adormecimento de suas mentes e corpos. Ao final da viagem imaginária, pedi que abrissem lentamente os olhos, que encontrassem uma posição confortável e evitassem conversar verbalmente. Ao acender as lâmpadas, percebi que as copesquisadoras e o copesquisador comunicavam-se por meio de olhares, expressões faciais e risos silenciosos.

Peguei a argila que estava embrulhada e ofereci a cada uma delas. Ao distribuí-la, suas reações de surpresa foram evidentes, e observei que, antes de tocá-la, houve um sutil esfregar dos dedos uns nos outros, uma espécie de preparo das pontas dos dedos para o contato com a substância incomum.

Imagem 19: Distribuição da argila.



Fonte: Arquivo do pesquisador (2024).

Assim que receberam a argila, orientei a modelar e esculpir seus mutantes. No centro da sala, estava disponível para o grupo-pesquisador material como papel A4, pincéis, canetas hidrográficas e giz de cera, para que pudessem registrar as respostas às perguntas realizadas durante a viagem imaginária. É importante ressaltar que, na concepção da Sociopoética, os dados que emergem dessa experiência não são “coletados”, como se estivessem à nossa espera em uma cesta, mas sim produzidos [...] (Petit, 2014, p. 32).

Para a produção dos dados, concedi um tempo de dez minutos, buscando estimular o grupo-pesquisador a não racionalizar excessivamente ao criar seus mutantes. Durante a produção, observei o grupo-pesquisador esculpindo suas criações, curioso para conhecer suas invenções. Em certo momento, interrompi a observação, pois senti que minha postura poderia ser interpretada como vigilância e gerar desconforto. Uma das copesquisadoras solicitou permissão para ir ao banheiro lavar as mãos, pois a sensação

da argila seca entre os dedos lhe causava agonia. As demais lavaram as mãos apenas no momento do lanche.

Imagem 20: Produção Mutante.



Fonte: Arquivo do pesquisador (2024).

Imagem 21: Produção Mutante.



Fonte: Arquivo do pesquisador (2024).

Após a conclusão das esculturas, orientei-as a realizar o registro escrito com base nas perguntas formuladas durante a viagem imaginária e enfatizei que não precisavam seguir uma abordagem pedagógica nas respostas, deixando o grupo-pesquisador com total liberdade.

Ao concluirmos as produções, permanecemos no chão para iniciarmos a socialização. Antes de começarmos, solicitei que cada um registrasse no diário uma palavra que definisse a experiência da oficina. As palavras registradas foram: Reflexão, incrível, gratidão e reviver. A seguir, apresento as produções do grupo-pesquisador:

Imagem 22: Mutante-Ele.



Fonte: Arquivo do pesquisador (2024).

Quadro 3: Relato oral e escrito - Mutante-Ele.

Mutante-Ele
Relato Oral
<p>Essa experiência sociopoética, o deitar no chão, fazer essa viagem imaginária, entre outros elementos, achei relaxante. A experiência de criar um mutante foi boa, porque a gente imagina uma coisa na cabeça, mas eu consegui transparecer um pouco o meu. O nome dele é Mutante-Ele. O Mutante-Ele tem um formato de borboleta, um rosto assustado e olhos grandes. O Mutante-Ele vê a universidade como um lugar um pouco assustador. O Mutante-Ele tem essas asas enormes e tem vergonha das suas asas até chegar à universidade e ver que todo mundo tem asas diferentes. O Mutante-Ele vai à universidade aprender a voar e a usar suas asas e ajudar a quem também tem essa dificuldade. É isso. O Mutante-Ele tem vergonha das asas porque são grandes e diferentes e no meio dele não é normal ter asas tão grandes. O obstáculo que o Mutante-Ele enfrenta na universidade para permanecer não são as asas grandes, é um caminho um pouco sombrio, é um caminho cheio de pedras e, ao decorrer desse desenvolvimento das asas, o Mutante-Ele vai aprendendo a voar e vai vendo um caminho mais alegre e mais colorido. O poder do Mutante para permanecer é voar. E o sentimento ao enfrentar essa obscuridade na universidade é o medo, e o sentimento ao enfrentar o obstáculo não é o</p>

medo, mas a alegria. Acho que essa relação do Mutante-Ele com a universidade é que antes ele não fazia ideia de que tinha capacidade de voar e, ao chegar aqui, viu que sim, essa capacidade existe e que tem várias maneiras. Então, voar faz o Mutante-Ele permanecer na universidade.

Relato Escrito

Rosto assustado, olhos arregalados, pequenas pernas, asas grandes demais para seu corpo e antenas que sempre o mantêm atento. Para o Mutante-Ele, a universidade é um lugar lindo e, ao mesmo tempo, assustador. O Mutante-Ele acha que suas asas são um motivo de vergonha até perceber que, nesse lugar, há várias asas diferentes, que é o motivo para o Mutante-Ele estar aqui e suas asas o trouxeram aqui, nesse lugar onde voar é lindo, onde ter asas é o que realmente importa. Lugar esse em que o Mutante-Ele vai aprender como usar e ajudar quem tem asas. É muito difícil para o Mutante-Ele se manter nesse lugar, já que o caminho é sombrio e cheio de pedras; algumas vezes, o Mutante-Ele não consegue ir para o tão sonhado lugar das asas, sente-se frágil e determinado, mas nada é impossível para quem tem asas e esse lugar frio e cheio de pedras, ao longo desta jornada, vai se tornando quente e feliz.

Imagem 23: Mutante-Flor.



Fonte: Arquivo do pesquisador (2024).

Quadro 4: Relato oral e escrito - Mutante-Flor.

Mutante-Flor
Relato Oral
<p>Ela se chama Mutante-Flor. A Mutante-Flor vê a universidade como um castelo gigante, com muitos muros e obstáculos difíceis para chegar ao atravessar. A Mutante-Flor vê essa universidade como um lugar muito assustador, mas é muito bonito, porque ela sabe como foi difícil chegar. A Mutante-Flor sente um sentimento de realização, mas também sente medo e ansiedade. O maior obstáculo é a Mutante-Flor, porque às vezes a Mutante-Flor não se sente o suficiente ou inteligente o suficiente para estar naquele local, então a Mutante-Flor vive lutando contra ela constantemente. O sentido ao enfrentar os obstáculos é medo, ansiedade, mas eu</p>

também senti muita coragem para poder continuar. A Mutante-Flor sente-se mais ou menos pertencente à universidade; está no caminho. A Mutante-Flor, embora você tenha medo, você ainda quer continuar ali encarando isso e, cada vez mais, achando coragem, de cada vez encontrar seu lugar.

Relato Escrito

É um lugar assustador, mas muito bonito; um grande castelo, com muros altos, montanhas ao redor, obstáculos difíceis; o superpoder é a força física e, com essa força, a Mutante-Flor vai arrancar as cordas que tentam prendê-la e quebrar as barreiras que tentam impedi-la de passar; A Mutante-Flor quer ir longe, mas os obstáculos são difíceis; há um grande sentimento de realização, mas também o medo de errar e não conseguir superar as próprias expectativas; medo, ansiedade e coragem são seus sentimentos; A Mutante-Flor tem olhos castanhos e cabelo curto.

Imagem 24: Mutante-Toggy.



Fonte: Arquivo do pesquisador (2024).

Quadro 5: Relato oral e escrito - Mutante-Toggy

Mutante-Toggy
Relato Oral
<p>O nome dele é Mutante-Toggy. O Mutante-Toggy se sente feliz em estar aqui, nessa universidade. Seu poder é sua coragem e força de vontade. A universidade significa para o Mutante-Toggy um mundo novo onde ele pode se conectar com as pessoas e ensinamentos, e se para ele foi uma incerteza, hoje é a certeza. O Mutante-Toggy vê essa universidade como algo que lhe irradia, como algo novo, algo diferente. O obstáculo que o Mutante-Toggy encontrou ao entrar foram as diferenças. E o Mutante-Toggy enfrentou essas diferenças tentando se adaptar a elas. E o sentimento que o Mutante-Toggy teve ao enfrentar foi de felicidade. Então, a felicidade faz o Mutante-Toggy permanecer na universidade. Suas características são a força física, força de vontade e, além de tudo, inteligência. A relação do Mutante-Toggy com a</p>

universidade é a certeza. Como eu disse, antes o Mutante-Toggy tinha as incertezas dele e hoje ele já tem a certeza de que está mais nesse lugar para se expandir.

Relato Escrito

Mutante-Toggy é o seu nome; seu poder é sua coragem e sua força de vontade; suas características são ser esforçado, ter garra para enfrentar obstáculos e força física; O Mutante-Toggy se sente bastante maravilhado ao entrar em contato com esse universo; esse universo é algo que lhe deixou irradiante e com curiosidade; A universidade, para o Mutante-Toggy, significa um mundo novo, onde ele pode se manter conectado com outras pessoas e com ensinamentos; no começo, teve incertezas, mas hoje é sua certeza.

Imagem 25: Mutante-Aquarela.



Fonte: Arquivo do pesquisador (2024).

Quadro 6: Relato oral e escrito - Mutante-Aquarela.

Mutante-Aquarela
<p>Relato Oral</p> <p>Primeiro, como eu me senti: tranquilidade. Foi muito lindo; eu já estava quase chorando, mas ainda bem que tu mandaste a gente se mexer. Nós andamos e então deitamos, e meu corpo sentiu todo o relaxamento proposto pela atividade. Foi muito lindo para mim. Quando eu estava imaginando o monstro, a cada instrução, iam entrando novos elementos. No primeiro momento, éramos nós e estávamos correndo, porém, sem sair do lugar. E aí nisso, eu pensei: meu Deus do céu, mas o que é esse correr sem sair do lugar? Você está correndo aqui, mas você está parado; é como, por exemplo, para mim sempre foi um sonho estar aqui na universidade. Um sonho que também foi imposto; eu não sonhei só, minha irmã entrou, aí pronto. Era minha obrigação entrar, e é como se eu corresse parada, porque eu queria muito, mas eu me sentia incapaz. Eu me sentia pouca, pequena para estar. O que é a Universidade Federal do Piauí quando você mora numa periferia, onde todo mundo que você conhece, ninguém nunca esteve, ninguém nunca nem veio aqui? E aí</p>

veio isso na minha cabeça. E aí, de repente, eu encosto em uma substância desconhecida e eu viro um mutante. Aí eu fiquei: meu Deus, mas o que eu vou virar? Primeiro, eu não visualizei o que seria de fato esse mutante e, sim, mais o formato dele, tipo como se ele fosse grande e estivesse derretendo. E aí esse monstro vê um portal. Quando eu consegui visualizar o portal, é como se o portal fosse me prometer um sonho, a realização desse sonho e dos meus desejos mais singulares. E quando eu caminhei, que não era mais eu, era o mutante. Quando esse mutante estava caminhando para chegar ao portal, ele foi ganhando forma de água; então, ele continuava sendo grande e todo derretido como se fosse água. Água, ela é livre, ela é solta, quando não está dentro de nada. E quanto mais chego perto do portal, eu mostro, eu, mutante, mas esse portal me promete a realização dos meus sonhos. Porém, quando esse mutante atravessa o portal, que se depara com o universo universidade, ele vê que é o único mutante ali, salvo alguns que eram elementos que acabavam destruindo a água, como, por exemplo, o fogo, o vento dependendo do vento, né, chega a espalhar a água. E inicialmente o meu mutante, eu fui dar um nome para ele já muito depois. Ele se chama Mutante-Aquarela, que inclusive ele não entende esse nome com relação a ele, porque nesse primeiro momento esse monstro mutante se sentia deslocado, intimidado, amedrontado, porque só ele era tão diferente ali. O Mutante-Aquarela se sentia muito só, acuado, não se sentia à vontade, porque sempre tinha um risco de evaporar, de ser esparramado pelo chão, enfim, dele ser destruído. O Mutante-Aquarela se colocava muita culpa, se culpava porque estava ali tentando se conhecer, saber o que era ele. E aí, de repente, ele é jogado nesse ambiente. Até que parou para se conhecer. Por que o que é a água? Água, ela é fonte de vida, a água tem esse poder de se transformar. E então tudo começou a fazer sentido. E quanto aos desafios, o Mutante-Aquarela foi percebendo que a água também é maleável. O Mutante-Aquarela está correndo, mas não é um correr desesperado como quando ele estava apenas correndo parado. Por isso eu quis deixar essa ideia de movimento nele e, como é água, aqui é como se ele estivesse prestes a lidar com o desafio. Nesse caso aqui, a cabeça dele, eu deixei quadrada, está em formato sólido, ou seja, gelo, e mais embaixo está derretendo, se transformando em água, porque ele percebeu que ele tem essa facilidade de encarar os problemas a partir de suas habilidades, que descobriu que tinha quando parou para se conhecer. O Mutante-Aquarela sentiu, ao encarar esses desafios, sentiu principalmente confiança. Se sentiu capaz de ir atrás desse sonho. O portal era sim, prometia um sonho, mas o portal não ia chegar e dizer “oh toma”, não, ele tinha que enfrentar aqueles desafios naquele universo para então alcançar o sonho prometido. E é isso, foi muito lindo participar, Wanderson, sou muito grata. O Mutante-Aquarela se sente confiante e outra coisa também, por exemplo, a água, se ela é posta dentro daquele galão, ela vai ter só o formato do galão. Ele está sem nenhum formato, está todo torto, ele é único e não está dentro de nada que o molde. O Mutante-Aquarela, o corpo se resume a água, a relação dele com a permanência é justamente essa capacidade de se transformar, de se perceber também, porque enquanto não se percebia como alguém capaz, estava sempre reprimido e acabava não se expondo também ao risco. Então acho que esse é o diferencial, ele se expôs e, ao se expôs, foi se conhecendo. Nesse processo, foi ajudado pelo autoconhecimento e muita terapia.

Relato Escrito

Ao entrar em contato com uma substância desconhecida, transformo-me em um mutante, cujo corpo se resume à água. Inconscientemente, sei que meu nome é Mutante-Aquarela, mas não compreendo ainda o significado do termo e sua relação com minha mutação. Então, em minha frente, surge um portal; não resisto e o atravesso. Ele parecia ser um caminho para meus sonhos e desejos sinceros! Do outro lado do portal, deparo-me com um outro universo chamado universidade. Neste novo universo, as pessoas não são mutantes como eu, exceto alguns indivíduos que possuem mutações opostas à água, como o fogo. Os desafios neste universo são difíceis, e não sei o que fazer com o que sou e como ir atrás do sonho que senti me pertencer ao ver o portal. Com o tempo, após tantas desculpas e receios, decidi me conhecer melhor. Eu sou a água; ela é fonte de vida, ela transforma o outro e a si próprio. Percebendo isso, sinto-me forte e único. Sou capaz de enfrentar adversidades e alcançar meu sonho prometido.

Após a socialização das produções pelo grupo-pesquisador, pedi para que fizessem o registro no diário, como podemos observar:

Diário do grupo-pesquisador: Oficina de produção de dados (13/08/2024)

Participar da viagem imaginária foi incrível, muito emocionante! Quando o facilitador sugeriu que usássemos a argila para dar vida ao que havíamos imaginado, foi como visualizar o mutante que tomou forma na argila e minha jornada na Universidade Federal do Piauí: moldar-se conforme o obstáculo, mas não se moldar ao obstáculo.

Foi uma experiência incrível; às vezes, parece um sonho poder desfrutar de um momento mágico. É algo que descontraí e deixa com vontade de mais. O sentimento é de felicidade e euforia.

Um momento de reflexão, de analisar nossos objetivos e escolhas, nossas metas e sonhos, de nos sentirmos e refletir sobre nós mesmos.

Foi um momento incrível; o parar para pensar e sentir o corpo, a mente e o ambiente trazem reflexões importantes para nossas vidas: essa dificuldade de permanecer num espaço que requer de você um esforço imaginário, dificuldade de se manter para conseguir enfrentar as dificuldades. O momento de criação do mutante foi perfeito; além de fazê-lo, fui trazendo do subconsciente algo que já estava guardado. O momento de relaxamento só ajudou a nós a identificar com clareza algo que já estava aqui. Essa experiência está sendo incrivelmente linda, relaxante e gostosa de fazer.

4.3 Terceiro “corre”: oficina de estudo das produções pelas copesquisadoras e copesquisador

A oficina de estudo pelas copesquisadoras e pelo copesquisador aconteceu no dia 22/10/2024, a partir das 14h00, na Sala dos Núcleos. Nesta oficina, o facilitador leva os relatos escritos, os relatos orais transcritos e as imagens das produções para que o grupo-pesquisador possa realizar seus estudos e, com base nisso, possamos produzir diários, memórias, desenhos, contos, isto é, uma forma de registro de seus estudos (Nascimento, 2014). Neste dia, cheguei à universidade às 9h00 para fazer as impressões das produções realizadas na oficina de produção de dados com o uso da técnica artística “Mutante”

"Após este momento, mandei mensagem no grupo do WhatsApp lembrando o grupo-pesquisador sobre a oficina que aconteceria à tarde. Uma das copesquisadoras não pôde participar devido ao horário, e as demais confirmaram sua presença. Aproveitei o momento e mandei mensagem para minha cofacilitadora, que também se prontificou a estar presente para me auxiliar e, principalmente, fazer os registros fotográficos.

Na Sala dos Núcleos, aguardava as copesquisadoras e o copesquisador e, à medida que chegavam à sala, orientava-os a tirar os calçados e deixar no espaço: “Vamos desnudar os pés?”. Conforme chegam, percebo o cansaço em seus rostos e corpos, pois, além de terem tido aula no turno da manhã, também enfrentaram uma fila para almoçar. O cansaço acontece, pois aqui na universidade não temos espaços apropriados para descansarmos entre um turno e outro. Nessas horas, quem nos acolhe é o chão e os cantos das paredes.

Com todas as pessoas presentes, caminhamos para o centro da sala e pedi que se cumprimentassem usando os pés e a cabeça.

Imagem 26: Cumprimentando-se com os pés.



Fonte: Arquivo do pesquisador (2024).

Imagem 27: Cumprimentando-se com a cabeça.



Fonte: Arquivo do pesquisador (2024).

Após este momento, pedi que caminhassem pelo espaço de forma rápida, lenta e, em seguida, deitassem no chão. Este chão, que sempre é escolhido por elas para descansar seus corpos exauridos, neste momento proporciona acolhimento para a produção de conhecimento.

Ao observar as copesquisadoras e copesquisador no chão, convidei a realizar uma viagem imaginária, seguindo o seguinte roteiro:

Quadro 7: Roteiro da viagem imaginária.

Você vai viajar agora para o dia 13 de agosto de 2024, o dia da oficina de produção de dados quando fizemos uso da técnica artística “Mutante”. Procure lembrar a partir da hora que acordou... Respire... Lembre-se de cada acontecimento...(pausa)... Qual foi o primeiro cheiro que sentiu e o som que ouviu ao acordar?...(pausa)... Fazendo seu trajeto até a universidade, aconteceu algo durante o caminho que chamou sua atenção?...(pausa)... Caminhando até o local da oficina, qual era sua expectativa para esse momento? Que sentimentos ficaram em você desde a última oficina? Respire profundamente... Abra os olhos... Sente-se e permaneça em silêncio.

Fonte: Criação do pesquisador (2024).

Após o retorno da viagem imaginária, fiz a distribuição das produções: Martinez ficou com os relatos orais; Blue, com as imagens das produções; e Icky, com os relatos escritos. Orientei que observassem seu material e realizassem um estudo, como, por exemplo, aquilo que é diferente e/ou oposto. Expliquei que poderiam criar um texto em forma de música, poema, paródia, rap, dentre outros de sua preferência.

Quando finalizaram seus estudos, fizemos uma roda no chão para a socialização. Aqui tivemos dois momentos: a leitura de sua produção e um momento de conversa a partir de uma provocação que fiz, onde realizei a gravação e a transcrição que será apresentada posteriormente. A seguir, as produções feitas pelo grupo-pesquisador:

Quadro 8: Estudos de relatos orais - Martinez.

Copesquisadora: Martinez (Relatos Orais)

O medo de não conseguir permanecer é grande, mas o sonho de lutar é maior; ao encarar esses desafios, o sentimento que prevalece é a confiança. Desafios esses que nos fazem refletir se somos merecedores de tanta oportunidade: a universidade, que é para muitos algo irrelevante, para outros, um sonho. Sonho esse que, por consequência da vida, vai se tornando impossível. Permanecer é muito difícil, e crescer é desesperador. E o primeiro passo é atravessar o portal.

Fonte: Grupo-pesquisador (2024).

Quadro 9: Estudos dos relatos escritos - Toggy.

Copesquisador: Icky (Relatos Escritos)
Universidade, mundo conhecido, proporciona muitos sentimentos; mas, apesar de tudo, segue firme e forte.

Fonte: Grupo-pesquisador (2024).

Quadro 10: Estudos das imagens - Blue.

Copesquisadora: Blue (Imagens das produções)
As dificuldades estão sempre em embate com a vontade de vencer; o medo de falhar dificulta a entrada nesse mundo novo, mas a vontade de vencer e de superar destrói a insegurança e a desistência. A persistência é a palavra chave para permanecer nesse lugar; a luta para se encaixar nesse universo, que embora seja diversificado, é um ambiente desconhecido. O caminho por esse labirinto é cheio de desafios e obstáculos, mas também é um caminho com muitos aprendizados.

Fonte: Grupo-pesquisador (2024).

Quando as copesquisadoras e o copesquisador finalizaram a leitura, provoqueei-os perguntando: a partir das oficinas e de nossas vivências, o que vocês pensam sobre ser cotista na universidade na perspectiva da permanência? Ressalto que minha cofacilitadora sentiu-se afetada e pediu para falar também junto ao grupo-pesquisador; essa afetação se dá pelo fato de ela ser uma jovem cotista recém-formada em pedagogia. Vejamos:

Quadro 11: Falas do grupo-pesquisador das oficinas e vivências na universidade.

Eu estou nessa fase, sou de outra cidade; a questão financeira pesa muito mais. Às vezes, eu tenho esse pensamento: ‘realmente é necessário fazer essa graduação sem ter uma condição boa?’. E acaba que a gente tem essa questão do emprego; a gente acaba se dedicando mais ao emprego do que às questões da universidade, programas, palestras; a gente não participa de tudo que tem que participar, de tudo que a gente quer vivenciar na universidade, por essa questão da gente ter que se preocupar com nosso pessoal; acaba que o pessoal, querendo ou não, ele vai pesar mais.

Essa questão de depender dos pais é bem pesada; tem a questão das cópias e transporte. Eu estou procurando emprego agora, porque fica muito pesado pro meu pai, é ele que me banca na universidade; e me faz sentir muito... que nem sei explicar, sabe? É algo que me faz sentir mal de certo modo, por não conseguir me dedicar totalmente à universidade por essas questões.

Querendo ou não, a gente tá aqui e tem muita coisa que influencia nossa permanência; por exemplo, agora saiu a questão da inscrição no PIBID. Eu me inscrevi com uma esperança enorme de conseguir, e eu vou conseguir. Tem umas pessoas que vivem num mundo que não entende e dizem: ‘nossa, é só vir estudar’. Não, não é vir e estudar; tem toda uma questão por trás, tem toda sua vida, problemas, e acaba que impede da gente não conseguir prestar atenção em uma aula, falta a semana toda, e isso atrapalha muito.

Eu trabalho; eu vejo que a maior dificuldade é conseguir conciliar isso tudo: trabalho, universidade, estudo, as atividades. Você é ser humano, e o tempo fica corrido para fazer todas as demandas que a

universidade pede. Eu também me inscrevi no PIBID com a maior esperança do mundo; se Deus quiser, eu vou ganhar essa bolsa.

No meu caso também foi dessa forma; eu trabalhei e estudei. E foi assim até o final, trabalhando e estudando; e permanecer dessa forma me inibiu muitas vezes de viver a universidade. E essa rotina que eu tinha de trabalhar, estudar e estudar à noite era ainda pior; à noite é tudo mais difícil, à noite são as pessoas que trabalham, as que passam o dia inteiro trabalhando e à noite têm que estudar. E comigo não era diferente; eu também fui jovem aprendiz, eu trabalhava só um turno, pela manhã eu fazia as coisas da universidade, à tarde ia trabalhar e à noite assistir aula. Eu comecei a viver a universidade depois da pandemia, depois que eu consegui uma bolsa de PIBIC, que peguei monitoria, que entrei no grupo de estudo; é que consegui me proporcionar e a universidade me proporcionar a pesquisa e outras formas de não estar só aqui lendo, mas estar dentro de um projeto, compartilhando meus perrengues, meus corres, escutando os demais.

E tem muitas pessoas que acham que a gente não quer viver; a gente quer viver a universidade, a gente quer participar de tudo que é projeto e de adquirir mais conhecimento, mas a gente tem obrigação, querendo ou não, fora daqui que pesam.

Fonte: Grupo-pesquisador (2024).

Nas falas do grupo-pesquisador percebemos as diversas dificuldades enfrentadas, principalmente os que residem em outras cidades e enfrentam desafios financeiros. A falta de uma condição financeira favorável é um obstáculo constante, pois os custos com transporte, alimentação, materiais de estudo e as despesas gerais com a universidade pesam muito. A dependência financeira dos pais, especialmente quando o estudante não consegue se sustentar sozinho, é um peso emocional significativo, gerando sentimentos de culpa e frustração por não conseguir se dedicar integralmente à universidade. Muitos desses estudantes acabam priorizando o trabalho em detrimento da universidade, o que os impede de participar ativamente de atividades acadêmicas como programas, palestras e outros eventos que são essenciais para o desenvolvimento pessoal e acadêmico.

Além disso, a pressão constante de conciliar trabalho e estudo aumenta a carga de estresse. Nas falas é evidente que, apesar da vontade de viver plenamente a experiência universitária, as responsabilidades externas, como o emprego, acabam restringindo essa vivência. Muitos estudantes trabalham em turnos que dificultam a conciliação com os horários de aula, fazendo com que o tempo para se dedicar aos estudos e à universidade seja reduzido. O trabalho, embora necessário, se torna uma barreira para o pleno aproveitamento das oportunidades acadêmicas.

O desejo de obter uma bolsa, como o PIBID, surge como uma possibilidade para aliviar essas dificuldades. A esperança de ser contemplado com esse tipo de apoio financeiro é vista como uma forma de viabilizar a continuidade dos estudos e,

finalmente, proporcionar mais tempo para se dedicar à universidade. O PIBID, por exemplo, é uma das iniciativas que pode ajudar a garantir essa permanência e, ao mesmo tempo, proporcionar uma vivência mais intensa no ambiente acadêmico.

Porém, a realidade da conciliação entre trabalho, estudo e vida pessoal faz com que muitos estudantes vivam uma rotina exaustiva, na qual a universidade se torna algo secundário. A busca por bolsas de pesquisa ou monitoria, como o PIBIC, aparece como uma alternativa para vivenciar mais intensamente a universidade, com o apoio de programas que incentivam a participação em projetos acadêmicos. Quando finalmente conseguem esses apoios, muitos estudantes, como relatado, começam a viver a universidade de forma mais plena, participando de grupos de estudo e projetos de pesquisa, o que lhes proporciona uma experiência mais rica e diversificada, indo além das aulas e dos livros.

Apesar de todas as dificuldades, a persistência e a esperança permanecem, pois, para esses estudantes, o desejo de viver a universidade é muito mais do que um simples estudo acadêmico; é uma oportunidade de transformação pessoal e de construção de um futuro melhor, embora esse caminho seja permeado por desafios significativos.

Nesse contexto, a oficina de estudo das produções pelas copesquisadoras e copesquisador foi um momento enriquecedor para percebermos seus atravessamentos ao estabelecerem relação entre permanência e universidade, enquanto jovens cotistas do Curso de Pedagogia. O pensamento do grupo-pesquisador, a partir de cada oficina, vai rendendo problematizações acerca do tema-gerador: a permanência de jovens cotistas. Desse modo, a Sociopoética potencializou as copesquisadoras e o copesquisador a pensarem como se dá o processo de permanecer na universidade. Essa afirmação é possível ao lermos suas produções, implicando-nos a perceber a permanência como um problema a ser pesquisado e solucionado.

Ao finalizar a oficina, agradei ao grupo-pesquisador pelo comprometimento nesta pesquisa que é nossa, pois “o interesse contracolonial da Sociopoética é de instituir o grupo-pesquisador como autor da pesquisa [...]. A Sociopoética possui essa flexibilidade da jiboia que nos ensina os cantos e encantos da Terra” (Gauthier, 2024, p. 52). Para simbolizar essa caminhada que foi feita de pés no chão, pedi à minha cofacilitadora que fizesse o registro de seus pés. Este grupo-pesquisador, mesmo instituído de forma acelerada, foi potente em cada oficina.

Imagem 29: Os pés das copesquisadoras e copesquisador.



Fonte: Arquivo do pesquisador (2024).

Ao escrever estas linhas sobre a experiência dos acontecimentos ocorridos na oficina de estudo das produções com o grupo-pesquisador, apresento um diário escrito a partir do livro “Uma outra ciência é possível: manifesto por uma desaceleração das ciências” de Isabelle Stengers, discutido em sala de aula.

Dia: 16/10/24 - 13h10 - Teresina/PI

Uma outra ciência é possível?

É possível uma ciência situada/localizada sem pressa e desacelerada? Fazer uma pesquisa no entrever das coisas pela cocriação? Uma pesquisa em movimento e no tempo das coisas? Em tempos de aceleração, ao invés de desenvolvermos nossas pesquisas, devemos nos envolver nela. Produzimos conhecimento de pés descalços, sentados/as no chão, chão que acolhe nossos corpos singulares.

Diário do grupo-pesquisador: Oficina de estudo das produções (22/10/20224)

Ter um tempo para pensar e refletir sobre o momento e os sentimentos sentidos. Um momento para refletir sobre a situação atual e os desafios da jornada para se identificar com outras pessoas que passam pela mesma situação.

As oficinas são como as águas que escorrem no rio; toda essa preparação, o momento, os diálogos acalmam o corpo e a mente. Explorar a nossa criatividade através dos exercícios e refletir sobre essa permanência na universidade ajuda a enfrentar essa ansiedade e estresse.

Momento incrível de descontração e compartilhamento de pensamentos. Felicidade e alegria são os sentimentos que definem.

“Corre” V: Estudo das produções pelo facilitador

5. Estudo plástico das mutações do grupo-pesquisador pelo facilitador: o que eu sinto, do que eu vejo

O estudo plástico é “[...] uma análise intuitiva; geralmente, após essa análise, o pesquisador produz um poema ou outro gênero literário” (Nascimento, 2014, p. 102). A realização do estudo plástico foi um parto doloroso, pois estava/estou tão imerso na pesquisa que não conseguia observar as produções do grupo-pesquisador sem fazer relação direta com os relatos orais e escritos, assim como, tudo o que havia sido dito na oficina de produção de dados “havia me apegado às suas falas, que ressoavam nos meus ouvidos e haviam encarnado em mim” (Verônica Maria e Silva Pereira, 2021, p. 119-120). No estudo plástico, precisei passar por um processo de desenraizamento e desincorporação da pesquisa de modo a perceber e sentir as produções não pela oralidade e escrita; era preciso escutar as imagens (Martins, 2021).

Sabia que no estudo plástico, eu poderia compartilhar as produções do grupo-pesquisador com outras pessoas para que estas pudessem contribuir com suas percepções e seu olhar de fora: “o fora, em sua pluralidade de forças, potencializa novas possibilidades de vida” (Clareto e Veiga, 2016, p. 41). O compartilhamento é uma porta entreaberta potencializadora de produção criativa, isto é, torna-se uma produção de muita gente.

No entanto, mesmo sabendo dessa possibilidade, resolvi, no primeiro momento, fazer o estudo plástico sozinho. Então, abri uma página em branco do Word e dispus as produções do grupo-pesquisador na mesma página, possibilitando-me um olhar coletivo. A primeira imagem era o Mutante-Aquarela, a segunda, Mutante-Flor; a terceira, Mutante-Toggy; e a quarta, Mutante-Ele.

Olhava as imagens e não conseguia produzir algo a partir delas. Então, resolvi parar e procurar o caminho da cama (ir deitar para dormir). Foi uma noite de tormenta, só pensava no estudo plástico e no que fazer. Tive uma crise de ansiedade: estava suando muito, as pálpebras tremendo e com falta de ar. Quando finalmente adormeci, o sol já estava nascendo.

Então, na manhã do dia 05/10/2024, resolvi compartilhar as produções com Josy, Júlia e Sérgio. Pedi que observassem as produções e me enviassem suas percepções a partir daquilo que viam e sentiam ao olhar. Júlia mandou-me um áudio descrevendo as características das produções, dizendo: “A primeira imagem aparenta ser uma pessoa,

apesar dos braços grandes e pernas desengonçadas; a segunda, uma pessoa baixa e encolhidinha; a quarta parece um monstro, tem expressões faciais assustadoras que remetem a medo; e a terceira, uma aparência humana, mas também animalesca”. Josy disse que a quarta produção causava angústia. Sérgio mandou-me uma produção poética da quarta imagem (Mutante-Ele):

Monarca

Em muitas vezes me senti como uma borboleta.
 Fui de flor em flor colher o que há de mais puro naquelas doces senhoras.
 Na verdade, vinham até mim, na maioria das vezes pra comprar algo.
 Mas tantas outras eram as vezes que me procuravam para se sentirem (a)colhidas.
 Desabafavam, choravam, mas também sorriam e me faziam rir.
 Eu entregava meu tempo, meu carinho e elas me devolviam o mesmo.
 Sempre que uma flor aparecia no meu jardim tornava meu dia mais feliz.
 Eu era uma borboleta!
 Eu batia as asas e me sentia leve quando estava na presença das minhas flores.
 Cada uma com suas singularidades, cada uma com seu mel pra ser colhido, cada uma com
 pétalas delicadas a serem tocadas e a tocar.

Após escutar e ler as percepções de fora, ainda me sentia incapaz de realizar o estudo plástico. Então, realizei a leitura de dissertações e teses do acervo, uma leitura dos estudos plásticos. Durante esse momento, pude perceber que a análise plástica é “[...] uma rica possibilidade nas pesquisas sociopoéticas devido à sua atuação direta sobre as produções artísticas [...] não se resume à descrição das imagens, porque vai além, propiciando produção de sentidos a partir da arte naquele que analisa” (Pereira, 2021, p. 119).

Desse modo, distanciei-me por um dia das produções e, no dia seguinte, pari com os dedos as seguintes produções poéticas apresentadas logo abaixo:

Borboletante

Na universidade, entrei no casulo
 Vivia em um envoltório todo feito de seda
 Era minha capa protetora e, dela, quando saí, aprendi a voar
 Vou de flor em flor colher o que há de mais bonito nessas senhoras
 Por elas sou acolhida
 As flores por mim acolhidas são singulares e com pétalas delicadas
 Na presença das flores, elas dizem que sou diferente
 Me chamam de borboletante
 Dizem que é uma mistura de borboleta com mutante
 Minha permanência é saber voar
 Com elas posso chorar, desabafar e rir
 E o bater das minhas asas, como permanência,
 sempre faz-me voltar para esse jardim.

Corpo-tato

Na universidade, não sou olhado,
 não sou escutado, não posso falar.
 Um corpo pequeno provoca incômodos e estranheza.
 Na universidade, entro em brechas e faço brechas.
 Sou um corpo, sou um corpo em constante mutação.
 Como permanecer nesse espaço de inclusão e exclusão?

Lameado

Sou grande e talvez desengonçado,
 estou sempre correndo, não consigo ficar parado.
 Sou um corpo-lameado,
 venho de um lugar de árvores de raízes expostas e de solo lamoso.
 Cheguei até aqui pelos caminhos lamacentos,
 me reconheço como enlameado.
 Minha permanência nos lugares é pela infiltração,
 sou dissolúvel.
 Quando infiltrado, sou despercebido,
 alguns dizem que se sentem até invadidos.
 E outros querem me secar, dizem que não preciso me infiltrar para ocupar.
 De onde venho, não é comum estar neste lugar,
 outros dizem que sou sujo e aqui não posso ficar.
 Como faço para permanecer nesse lugar?

Quatro-pés

Sou rápido e minha cabeça gira em torno do meu corpo;
 sou capaz de observar minhas próprias costas e,
 na universidade, às vezes preciso do outro para vê-las por mim.
 Tenho olhos grandes que enxergam a longa distância;
 sou quatro-pés e correr me faz vivo para permanecer.
 Às vezes fico com rosto assustado e um pouco desconfiado;
 me sinto observado.
 Como permanecer nesse lugar em que me sinto acuado?
 Sou diferente e, por isso, não sou pertencente?
 Na universidade, aprendi com o mestre Carcará que somos diversos.
 Agora me sinto pertencente neste lugar onde todos somos iguais e, ao mesmo
 tempo, diferentes.

Durante todo este processo da pesquisa até chegar ao estudo plástico, sinto que a Sociopoética é um processo de formação daqueles/as que gostam de arriscar-se em caminhos tortos, sem antecedência daquilo que vai acontecer, mas é saber que haverá surpresas maravilhosas no percurso, com muita vida e intensidade de vidas (Gauthier, 2024).

As produções poéticas foram apresentadas ao grupo-pesquisador e, a partir disso, apresento seus pensamentos a respeito de cada uma delas, como podemos observar no quadro abaixo:

Quadro 12: Estudo das produções plástica pelo grupo-pesquisador

Poética	Grupo-pesquisador
Borboletante	<p>Passa uma sensação boa, de mudança e liberdade. Dá para imaginar a gente mesmo saindo de um momento difícil, como um casulo, e ganhando asas para explorar coisas novas. É um texto leve, que traz alegria e esperança.</p> <p>Esse poema me fez pensar em como a universidade pode ser um espaço de transformação. No começo, a gente chega meio fechado, tentando entender esse novo mundo, mas, com o tempo, nos permitimos abrir as asas. O mais bonito é que essa permanência não acontece sozinha; existem pessoas (as flores) que acolhem e fortalecem a caminhada.</p> <p>Antes de ser borboleta, aquele casulo era uma lagarta. O texto em questão apresenta uma linda narrativa que representa o estudante cotista em encontro de pares e afetos, que, hoje sendo borboleta, reconhece seu lugar no voar, pois já foi uma lagarta.</p>
Corpo-tato	<p>Faz a gente pensar de um jeito diferente. Ele mostra que nem sempre é preciso usar os sentidos como a gente conhece para sentir o mundo. É meio estranho no começo, mas depois faz a gente refletir sobre como muitas vezes vemos e ouvimos, mas não percebemos de verdade.</p> <p>Esse me pegou de um jeito diferente. Ele me lembra o que é estar num lugar onde parece que ninguém te vê de verdade. Algumas pessoas têm olhos, mas não enxergam a realidade de quem está ali tentando ocupar um espaço. Outras até escutam, mas fingem que não. E aí, para um jovem cotista na universidade, muitas vezes só resta o tato, o esforço, a presença que precisa ser sentida para não ser ignorado.</p> <p>O corpo-tato causa incômodo e estranheza, mas ele sente o que toca e faz sentir.</p>

<p style="text-align: center;">Lameado</p>	<p>Toca numa parte mais emocional. Dá para sentir a dificuldade de alguém tentando encontrar seu lugar em um ambiente onde parece não ser aceito. A história deixa um aperto no coração, mas também faz pensar sobre a importância de ser quem a gente é.</p> <p>Esse me deu um aperto no peito. Parece aquela sensação de entrar num ambiente onde você sente que não foi feito para estar. O medo de "sujar" um espaço que dizem não ser seu, a necessidade de se adaptar para não ser rejeitado é muito real para quem vem de um lugar de pouca oportunidade e chega num espaço que, historicamente, não foi pensado para ele.</p> <p>Todos os cotistas carregam o peso do corpo-lameado.</p>
<p style="text-align: center;">Quatro-pés</p>	<p>Começa com um sentimento de medo e insegurança, mas termina com uma mensagem de superação. A ideia de aprender a valorizar as diferenças é algo que inspira e traz conforto.</p> <p>Esse traz um respiro. No início, o personagem sente que não pertence, mas, aos poucos, descobre que a diferença não é um problema, e sim uma riqueza. A ideia de aprender com o "mestre Carcará" é linda, porque mostra que, às vezes, tudo o que a gente precisa é de alguém que nos ensine a ver nossa força.</p> <p>Que todos os cotistas possam se sentir pertencentes.</p>

5.1 Estudo classificatório: categorias nos relatos orais e escritos produzidos pelo grupo-pesquisador na oficina de produção de dados

No estudo classificatório, dediquei-me aos relatos orais e escritos do grupo-pesquisador com a finalidade de realizar a cartografia de seu pensamento sobre o tema gerador a partir de suas produções. No estudo classificatório, como será apresentado, debrucei-me sobre os relatos orais e escritos, identificando as categorias e,

em seguida, realizando o cruzamento das ideias. Antes de iniciarmos, apresento dois diários sobre essa etapa da pesquisa.

Dia 04/10/2024 - 20h23 - Teresina/PI

Estudo das produções do grupo-pesquisador

Ontem, dia 03/10/2024, tive uma orientação e estava entusiasmado. Levei para este momento os relatos orais que havia transcrito e os relatos escritos das copesquisadoras e do copesquisador. Desde a oficina de produção, eu sozinho olhava para os relatos orais e escritos e ficava inquieto, pois estava racionalizando muito e acreditava que os dados produzidos eram insuficientes. Com a chegada da Prof.^a Shara, fiquei maravilhado com a facilidade dela ao identificar as categorias nas produções. Durante o estudo, pude perceber que devemos reparar atentamente, ter sensibilidade e cuidado; é como se estivéssemos com bisturis em nossas mãos. Quando terminou a orientação, a Prof.^a Shara envolveu-me num abraço, falando próximo ao meu ouvido: “Vai dar tudo certo”. Foi meu fôlego para continuar.

Dia: 19/01/25 - 22h30 - Altos/PI

Estudo das produções do grupo-pesquisador - continuação

O estudo das produções dos dados foi realizado por mim e pela Prof.^a Shara por alguns dias consecutivos, seja na sala do observatório ou no quintal de sua casa. Esse momento é delicado, como se estivéssemos fazendo um crochê do pensamento do grupo-pesquisador: pontos de pensamentos são ligados, desfeitos, feitos, cruzados – é um trabalho de criação. A Prof.^a Shara, como crocheteira experiente, fazia a agulha dançar sobre seus dedos, fazendo com maestria um tapete cartográfico.

Durante o estudo das produções, devemos ter um olhar sensível, buscando acompanhar o pensamento do grupo-pesquisador a partir de suas produções: “[...] um estudo atento, rigoroso e preciso, na solidão, de como se organizam os dados de pesquisa” (Gauthier, 2012, p. 92). Na oficina de produção de dados com uso da técnica artística “Mutante”, além dos relatos orais, o grupo-pesquisador também produziu relatos escritos, e ambos foram estudados.

No estudo das produções, identificamos 6 (seis) categorias, como será apresentado no quadro abaixo. Cada categoria possui um número e uma cor, sendo: vermelha (categoria - 1), laranja (categoria - 2), amarela (categoria - 3), verde (categoria - 4), roxa (categoria - 5) e azul (categoria - 6). Além da cor e do número para identificação, a categoria foi destacada em negrito.

Quadro 13: Identificação das categorias por número.

Características do mutante	1
Percepção do mutante sobre a universidade	2
Potência (poder) do mutante na universidade	3
Obstáculos que o mutante enfrenta para permanecer universidade	4
Sentimento do mutante ao enfrentar os obstáculos para permanecer na universidade	5

Impressões sobre o relaxamento	6
--------------------------------	----------

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Para este momento, irei apresentar apenas um relato oral e escrito do grupo-pesquisador com a identificação das categorias encontradas em seu pensamento.

Copesquisadora – Martinez

Relato Oral

Essa experiência sociopoética, o deitar no chão, fazer essa viagem imaginária, entre outros elementos, achei relaxante. A experiência de criar um mutante foi boa, que a gente imagina uma coisa na cabeça, mas eu consegui transparecer um pouco o meu. O nome dele é Mutante-Ele-da-permanência **6**. O Mutante-Ele tem um formato de borboleta, um rosto assustado e os olhos grandes **1**. O Mutante-Ele vê a universidade como um lugar um pouco assustador **2**. O Mutante-Ele tem essas asas enormes, tem vergonha das suas asas até chegar à universidade **1**, chegar à universidade e ver que todo mundo tem asas diferentes **2**. O Mutante-Ele vai na universidade aprender a voar e a usar suas asas e ajudar a quem também tem essa dificuldade **3**. É isso. O Mutante-Ele tem vergonha das asas porque são grandes e diferentes e no meio dele não é normal ter asas tão grandes **1**. O obstáculo que o Mutante-Ele enfrenta na universidade para permanecer não são as asas grandes, é um caminho um pouco sombrio, é um caminho cheio de pedras **4** e, ao decorrer desse desenvolvimento das asas, o Mutante-Ele vai aprendendo a voar e vai vendo um caminho mais alegre e mais colorido **3**. O poder do Mutante para permanecer é voar **3**. E o sentimento ao enfrentar essa obscuridade na universidade é o medo e o sentimento ao enfrentar o obstáculo não é o medo, mas a alegria **5**. Acho que essa relação do Mutante-Ele com a universidade é que antes ele não fazia ideia que tinha capacidade de voar e, ao chegar aqui, viu que sim, essa capacidade existe e que tem várias maneiras **3**. Então, voar faz o Mutante-Ele permanecer na universidade.

Relato Escrito

Rosto assustado, olhos arregalados, pequenas pernas, asas grandes demais para seu corpo e antenas que sempre o mantêm atento **1**. Para o Mutante-Ele, a universidade é um lugar lindo e, ao mesmo tempo, assustador **2**. O Mutante-Ele acha que suas asas é um motivo de vergonha até perceber que nesse lugar há várias asas diferentes, que é o motivo para o Mutante-Ele estar aqui e suas asas o trouxeram aqui, nesse lugar onde voar é lindo, onde ter asas é o que realmente importa **3**. Lugar esse em que o Mutante-Ele vai aprender como usar e ajudar quem tem asas **2**. Muito difícil para o Mutante-Ele se manter nesse lugar, já que o caminho é sombrio e cheio de pedras; algumas vezes, o Mutante-Ele não consegue ir para o tão sonhado lugar das asas **4**, se sente frágil e determinado, mas nada é impossível para quem tem asas e esse lugar frio e cheio de pedras, ao desta jornada, vai se tornando quente e feliz **5**.

Dando sequência após a separação das categorias identificadas no pensamento do grupo-pesquisador, damos continuidade agora, fazendo o cruzamento das ideias de cada categoria, transversalizando-as em complementares, divergentes, ambíguas e opostas. A respeito das ideias complementares, “são convergentes, muitas vezes ampliando as primeiras ideias ao serem misturadas entre si; as divergentes são ideias que falam do

mesmo assunto com sentidos diferentes; as opostas são ideias binárias; e as ambíguas são ideias paradoxais presentes no interior de um mesmo enunciado” (Nascimento, 2014, p. 109-110).

Durante o estudo classificatório, categorizei os relatos orais e escritos do grupo-pesquisador: “[...] isso tem relação com o meu receio de que os dados produzidos somente a partir dos relatos orais talvez não fossem suficientes para o alcance dos objetivos [...]” (Vieira, 2018, p. 228). A partir disso, pude perceber que os relatos orais transcritos dialogam e, ora, se repetem com os relatos escritos. Mesmo com essa repetição, resolvemos estudá-los. A seguir, mostrarei o cruzamento das ideias da categoria (2).

Categoria (2): Percepção do mutante sobre a universidade

14. O Mutante-Ele vê a universidade como um lugar um pouco assustador.
15. Para o Mutante-Ele, a universidade é um lugar lindo e, ao mesmo tempo, assustador.
16. Lugar esse em que o Mutante-Ele vai aprender como usar e ajudar quem tem asas.
17. A Mutante-Flor vê a universidade como um castelo gigante, com muitos muros e obstáculos difíceis de atravessar.
18. A Mutante-Flor vê essa universidade como um lugar muito assustador, mas muito bonito, porque ela sabe como foi difícil chegar.
19. A Mutante-Flor se sente mais ou menos pertencente à universidade; está no caminho.
20. Para a Mutante-Flor, é um lugar assustador, mas muito bonito; um grande castelo, com muros altos e montanhas ao redor, com obstáculos difíceis.
21. O Mutante-Toggy se sente feliz em estar aqui nesta universidade.
22. Para o Mutante-Toggy, a universidade significa um mundo novo onde ele pode se conectar com as pessoas e os ensinamentos; e se, para ele, foi uma incerteza, hoje é a certeza.
23. O Mutante-Toggy vê a universidade como algo que lhe irradia, como algo novo e diferente.
24. A relação do Mutante-Toggy com a universidade é a certeza. Como eu disse, antes o Mutante-Toggy tinha as incertezas dele, e hoje ele já tem a certeza de que está mais neste lugar para se expandir.
24. Para o Mutante-Toggy, a universidade significa um mundo novo onde ele pode se manter conectado com outras pessoas e com os ensinamentos; no começo, teve incertezas, mas hoje é a sua certeza.
26. Você está correndo aqui, mas você está parada; é como, por exemplo, para mim sempre foi um sonho estar aqui na universidade. Um sonho que também foi imposto; eu não sonhei sozinha, minha irmã entrou, aí pronto. Era minha obrigação entrar.
27. O que é a Universidade Federal do Piauí quando você mora numa periferia onde ninguém que você conhece nunca esteve, ninguém nunca nem veio aqui?
28. E aí esse monstro vê um portal. Quando eu conseguir visualizar o portal, é como se o portal fosse me prometer um sonho, a realização desse sonho e dos meus desejos mais singulares. E quando eu caminhei, que não era mais eu, era o mutante.
29. Porém, quando esse mutante atravessa o portal e se depara com o universo universidade, ele vê que é o único mutante ali, salvo alguns que eram elementos que acabavam destruindo a água, como, por exemplo, o fogo e o vento (dependendo do vento, né, chega a espalhar a água).
30. Ele se chama Mutante-Aquarela, que inclusive não entende esse nome em relação a ele, porque, nesse primeiro momento, esse monstro mutante se sentia deslocado, intimidado e amedrontado, já que só ele era tão diferente ali.

31. Então, em minha frente surge um portal; não resisto e o atravesso. Ele parecia ser um caminho para meus sonhos e desejos sinceros! Do outro lado do portal, deparo-me com outro universo chamado universidade. Neste novo universo, as pessoas não são mutantes como eu, exceto alguns indivíduos que possuem mutações opostas à água, como o fogo.

Cruzamento das ideias

IDEIAS COMPLEMENTARES

As ideias 21, 22, 23, 24 e 25 são complementares: o Mutante-Toggy se sente feliz em estar na universidade. A universidade significa para ele um mundo novo onde ele pode se conectar com as pessoas e os ensinamentos; se antes era uma incerteza, hoje é a certeza, pois vê a universidade como irradiante, como algo novo e diferente, e quer se expandir.

As ideias 26 e 27 são complementares: a universidade sempre foi um sonho; o que é a Universidade Federal do Piauí quando você mora numa periferia onde ninguém que você conhece nunca esteve, ninguém nunca nem veio aqui? Foi um sonho imposto; eu não sonhei sozinha, quando minha irmã entrou, foi minha obrigação entrar também.

As ideias 28, 29, 30 e 31 são complementares: quando surge um portal na sua frente, parecia ser um caminho para seus sonhos e desejos sinceros! O Mutante-Aquarela não resiste e atravessa. Do outro lado do portal, se deparou com outro universo chamado universidade, e ele vê que é o único mutante ali. Neste novo universo, as pessoas não são mutantes, exceto alguns indivíduos que eram elementos que acabavam destruindo a água, pois possuem mutações opostas à água, como, por exemplo, o fogo e o vento (dependendo do vento, que chega a espalhar a água). O Mutante-Aquarela não entende seu nome em relação a ele, porque, nesse primeiro momento, esse monstro mutante se sentia deslocado, intimidado e amedrontado, já que só ele era tão diferente ali.

IDEIAS AMBÍGUAS

As ideias 14, 15, 17, 18 e 20 são ambíguas porque a universidade, ao mesmo tempo, é um lugar lindo e assustador. É um lugar difícil de chegar, pois é um grande castelo, com muros altos e montanhas ao redor; são obstáculos difíceis.

Dando sequência, a partir das ideias e dos problemas identificados no estudo classificatório e no cruzamento dos dados, o facilitador realiza o estudo transversal, isto é, cria um texto transversal que é uma história ficcional, por exemplo. No texto transversal, é possível identificar o pensamento do grupo-pesquisador contendo provocações, reflexões e dando consistência aos problemas (Nascimento, 2014), como será apresentado no “corre” VI.

**“Corre” VI: Contra-análise e estudo transversal da permanência de jovens
cotistas na UFPI**

6. A contra-análise dos estudos transversais do pensamento juvenil sobre a permanência na UFPI

Dia: 23/01/2023 - 15h42 - Teresina/PI
Oficina de contra-análise

Faz um tempinho desde meu último diário. Meus dedos não estavam engessados; acontece que, na correria do dia a dia, tinha outras tarefas urgentes, então coloquei meu diário embaixo da cama. Após minha qualificação, comecei a ter pressa e meu diário ficou empoeirado. Hoje, resolvi pegá-lo, soprar a poeira e abrir suas páginas. Resolvi escrever um pouco, pois realizei minha oficina de contra-análise com o grupo-pesquisador e ainda tenho fôlego para caminhar ou até mesmo correr. A oficina de contra-análise simboliza o meio da pesquisa, e o começo será a defesa. Estou satisfeito com os achados e aquilo que não achei, não era o momento. Lendo o trabalho, penso que fui/sou um jovem-cotista-encantado, e talvez todos eles identificados na pesquisa também o sejam. Fazer parte desse grupo-pesquisador foi um reviver das experiências da graduação em um movimento Sankofá. São jovens de outro tempo e, mesmo assim, a pesquisa nos revela um pensamento comum, seja do/a jovem cotista de ontem, de amanhã ou depois de amanhã. O pensamento comum é que permanecemos e somos resistentes apesar das dificuldades.

A oficina de contra-análise aconteceu dia 20/01/2025 e, devido à correria do encerramento das aulas da graduação, o grupo-pesquisador optou por um encontro no Google Meet. Nesta oficina, apresentei a cartografia de seu pensamento utilizando a produção de um texto transversal. Desse modo, a contra-análise “tem força política, uma vez que permite que as copesquisadoras e os copesquisadores conheçam, confirmem, corrijam e, principalmente, contraponham-se às ideias da facilitadora, tornando, assim, suas reflexões mais concisas” (Costa, 2019, p. 110).

Para Gauthier (2010, p.7) a contra-análise:

É o momento em que o grupo-pesquisador estuda criticamente as hipóteses dos facilitadores sobre seu pensamento (sobre o inconsciente do seu pensamento!), hipóteses pelas quais os facilitadores propõem problemas e confetos. É um momento dialógico, onde não se trata de saber quem tem razão no caso de divergência entre copesquisadores e facilitadores, e sim de ampliar as visões, introduzindo mais diferenciação, mais heterogeneidade, numa palavra só: mais complexidade. Na contra-análise podem surgir novos problemas, novos confetos e novos personagens conceituais.

A contra-análise é o momento em que os/as copesquisadores/as realizam o estudo da produção transversal feita pelo facilitador. Apresentamos a cartografia de seu pensamento, que é colocada em evidência de forma transversalizada em uma produção textual, ou seja, um estudo por confluência da análise classificatória (Gauthier, 2024). Assim, “a partir de sua sensibilidade, o pesquisador insere nos textos questões

problematizadoras para os dados que podem alargar e apontar diferentes direcionamentos para os dados produzidos” (Nascimento, 2014, p. 102). Logo, no texto transversal, apresentamos de modo heterogêneo as linhas de constituição do pensamento do grupo-pesquisador para, assim, “[...] alimentar o debate e favorecer a criação de novos conceitos, além dos obtidos com a técnica [...] sobre o tema gerador [...]” (Gauthier, 2024, p. 52).

Nesse contexto, a produção transversal que será apresentada foi um desafio; fiz dois textos. O primeiro que escrevi tinha marcas de um pesquisador de corpo anestesiado, com a criatividade enfraquecida, um texto sem vida; eu precisava sentir prazer, e o remédio era descansar. A segunda produção, a qual foi levada ao grupo-pesquisador, foi escrita com prazer e criatividade em uma noite chuvosa por um pesquisador de corpo descansado, que fez uso do pensamento crítico e criativo – CRI-CRI: “[...] crítico por desconfiar radicalmente, conforme as exigências básicas do pensamento científico, de qualquer “fé” que consolide as zonas de conforto das pessoas [...] é criativo por juntar, gerar e transgredir [...]” (Gauthier, 2024, p. 24).

Seguindo, a oficina de contra-análise aconteceu da seguinte forma: iniciei uma conversa com o grupo-pesquisador sobre esse momento da pesquisa; em seguida, compartilhei no grupo do WhatsApp o texto transversal; logo após, realizei a leitura para o grupo-pesquisador e, quando finalizei, pedi que fizessem a leitura individual. A seguir, a produção transversal:

Em uma tarde chuvosa no interior da cidade de Altos/PI, as/os jovens Martinez, Blue, Icky e Fada são convidadas/os por um mestre a participarem de um ritual de passagem, usando os feitiços da Sociopoética. O ritual de passagem aconteceu em uma casa de paredes de barro e teto de palha. Ao chegarem ao local, são orientados/as a deitar no chão e ficarem descalças/os. Então, o mestre oferece em uma cuia de cabaça um líquido gomoso de propriedades poéticas. Após tomarem o líquido, as/os jovens ficam sonolentas/os, mas não perdem os sentidos completamente. Então, o mestre começa a esfarelar argila em cima de seus corpos.

Algumas palavras são ditas pelo mestre: sintam seu corpo em conexão com o chão; toquem seu corpo; tasteiem o chão; estiquem e encolham seu corpo até sentir a curvatura de seus ossos. Após esse momento, com outra cabaça, o mestre derrama água do açude em seus corpos. A água, ao entrar em contato com a argila, incorpora-se em seus corpos, e cada uma delas/es começa a sofrer mutações distintas que os fazem viajar.

Na viagem, chegam em frente a um portal, entreolham-se e se perguntam: vamos? Tomam coragem e atravessam o portal que os levou para o lugar chamado universidade. Durante a viagem, passam a ser **jovens-cotistas-mutantes**: Ele, Flor, Toggy e Fada. Com estes nomes serão outras/os, com outras características e percepções sobre o local, enfrentarão obstáculos, terão poderes e sentimentos sobre permanecer na universidade.

Na universidade, essas/es jovens-cotistas estão sempre em mutação, nunca são as/os mesmas/os. Suas experiências são coletivas, seu pensamento é heterogêneo, de tal forma que não se sabe no que se tornam para permanecer.

Passar o portal, metamorfosear-se em jovem-cotista e manter-se na universidade, eis a questão!

Um certo dia, jovens-cotistas se encontram no mesão do CCE para conversarem sobre a experiência com o mestre. Para **jovem-cotista-diferente**, a experiência com os feitiços da Sociopoética (o deitar no chão, fazer a viagem, transformar-se em mutante, dentre outros elementos) foi relaxante e está em complemento ao que diz **jovem-cotista-monstro**, que foi lindo e sentiu tranquilidade ao relaxamento proposto pelo mestre, mas estava quase chorando, pensando em como permanecer.

- Quase chorando? O que houve? indagou **jovem-cotista-encantado**.

- Estava quase chorando porque, para permanecer no Ensino Superior, nós, jovens-cotistas-mutantes, corremos sem sair do lugar: um paradoxo que faz pensar que a correria parada da permanência são as “corres” que despotencializam jovens, os fazem se sentir incapazes, poucas e pequenas, a exemplo da **jovem-cotista-monstro**, que é jovem-mutante que sonhou em estar na universidade, mas foi um sonho imposto, não sonhou sozinha; quando sua irmã entrou, era obrigação entrar também, era como **correr-parado**.

Em que outras situações ocorrem as “correrias” ao mesmo tempo paradas para permanecer na UFPI?

Além do sonho imposto, **jovem-cotista-monstro** é aquela jovem a quem o portal promete a realização de seus sonhos e desejos mais singulares, fazendo-a refletir:

- O que é a universidade quando você mora na periferia, onde ninguém que você conhece nunca esteve aqui?

Quando você se sentiu cotista? O que mudou em você como jovem-cotista vinda da periferia?

A universidade é percebida como um espaço de inacessibilidade e não lugar. Pela promessa de melhoria, **jovem-cotista-monstro** atravessa o portal, mas o portal não realizaria seus sonhos e desejos facilmente; era preciso permanecer.

Em oposição ao conceito **corre-parado-da-permanência**, a mutação **jovem-cotista-água** na universidade é aquela jovem em movimento – passa por um **devir-água** – que a potencializa, torna-se maleável e, com esta habilidade, enfrenta os desafios para permanecer.

Quais as dimensões da correria-movimento-da-permanência na universidade? Que habilidades este corpo incorpora para permanecer?

Na roda de conversa, ideias são postas e mostram a universidade de modo heterogêneo. **Jovem-cotista-diferente** vê a universidade como um lugar lindo e, ao mesmo tempo, assustador; em complemento, **jovem-cotista-mais-ou-mesmo-pertencente** vê a universidade também como um lugar muito assustador e difícil de chegar, mas muito bonito.

Ao ouvir as falas, **jovem-cotista-encantado** diz: **como pode ser bonito e, ao mesmo tempo, assustador?**

Já **jovem-cotista-amarrada** vê a universidade como um castelo gigante, com muros altos e montanhas ao redor, com obstáculos difíceis. É a jovem-cotista com o corpo preso a cordas que a impedem de viver a universidade; ela quer encontrar seu lugar, mas se sente insuficiente e não inteligente para permanecer; em vista disso, vive lutando contra ela mesma. É a jovem-cotista que tem medo de errar e não conseguir superar as próprias expectativas; por isso, sente-se mais ou menos pertencente à universidade; é a jovem que quer encontrar seu lugar nesse não lugar.

Em oposição, para **jovem-cotista-encantado**, a universidade significa um mundo novo onde esse jovem-cotista pode se conectar com pessoas e ensinamentos; e se antes a universidade era uma incerteza, hoje é a certeza. É o jovem-cotista que se sente bastante maravilhado ao entrar em contato com esse universo, que lhe deixou radiante e com curiosidade, e que nesse lugar quer se expandir.

Na universidade, **jovem-cotista-monstro** é aquela que se sente deslocada, intimidada e amedrontada porque é diferente, sente-se muito sozinha, acuada e não à vontade, porque

sempre havia um risco de evaporar, de ser esparramada pelo chão e de ser destruída por sua diferença; é a jovem-cotista alvo de destruição. Já em oposição, em meio às diferenças, **jovem-cotista-encantado** é aquele jovem que, para permanecer na universidade, prefere adaptar-se às diferenças.

A adaptação às diferenças é o apagamento de si?

Em oposição ao **jovem-cotista-encantado**, **jovem-cotista-água** é aquela jovem que se culpava inicialmente por não se conhecer e, após tantas desculpas, reconhece-se como fonte de vida, com poder de transformação, porque é maleável e, a partir do reconhecimento de si, tudo passou a ter sentido; é a jovem-cotista da **permanência-autoanálise**.

Ouvindo as falas, **jovem-cotista-diferente** é aquela que, antes de entrar na universidade, sentia vergonha de suas asas porque são grandes demais para seu corpo; e, ao chegar à universidade, viu que todo jovem tem asas diferentes. É a jovem-cotista que sabe que suas asas a levaram à universidade, nesse lugar onde voar é lindo, onde ter asas é o que realmente importa. Na universidade, é a jovem-cotista que aprende a voar e irá ajudar outras/os jovens que têm essa dificuldade para, assim, juntas/os irem ao lugar das asas. A **jovem-cotista-diferente** é aquela que cria condições com a **permanência-voou** e a **permanência-acolhimento**.

Como jovens-cotistas são acolhidas/os e acolhem para permanecer na universidade?

Durante a conversa, chega ao mesão do CCE **jovem-cotista-torto**, que é aquele jovem sem formato, que não está preso dentro de nada que o molde. Por ser **jovem-cotista-torto**, não tem forma normal ou natural; em vista disso, é um jovem único, livre e solto. A relação do **jovem-cotista-torto** com a permanência é justamente a capacidade de transformação e de se perceber, porque, enquanto o jovem-cotista não se percebe como alguém capaz, está sempre reprimido e acaba não se expondo ao risco.

Durante a conversa, jovens-cotistas-mutantes falam sobre os obstáculos para permanecer na universidade após seu ritual de passagem pelo portal. O obstáculo da **jovem-cotista-mais-ou-menos-pertencente** e da **jovem-cotista-amarrada** são elas mesmas, pois se sentem insuficientes e não inteligentes para estar na universidade. **Jovem-cotista-encantado** e **jovem-cotista-monstro** têm como obstáculo as diferenças; para isso, o primeiro jovem é aquele que se adapta às diferenças, e o segundo é a jovem que se reconhece – a jovem-cotista-monstro ainda tem medo de ser destruída pelo **mutante-fogo** e pelo **mutante-vento** devido à sua diferença.

Quem são?

Para **jovem-cotista-diferente**, o obstáculo é um caminho sombrio, frio e cheio de pedras.

O que fazer com as pedras no meio do caminho?

Para **jovem-cotista-água**, o obstáculo é inicialmente o não reconhecimento de si, e o **jovem-cotista-torto** tem como obstáculo a invisibilidade por sua diferença. Após falarem sobre os obstáculos, complementam falando de suas potencialidades para permanecer na universidade. Assim, **jovem-cotista-diferente** é aquela capaz de voar e de potencializar jovens com seu **dever-acolhimento**; **jovem-cotista-mais-ou-menos-pertencente** é aquela com coragem; **jovem-cotista-encantado** é aquele com coragem, força de vontade, garra, esforço e inteligência; **jovem-cotista-água** é aquela que tem maleabilidade; **jovem-cotista-monstro** é aquela grande (sólida) e que derrete (líquida); **jovem-cotista-amarrada** é aquela com força física; e **jovem-cotista-torto** é aquele com capacidade de autoconhecimento. Então, essas são suas potências que as/os fazem permanecer na universidade.

Como jovens-cotistas-mutantes, os obstáculos para sua permanência são enfrentados gerando em si os seguintes sentimentos: determinação, coragem, continuidade, felicidade, expansão, confiança, autoconhecimento, pertencimento, força e singularidade. Além disso, essas/es jovens-cotistas-mutantes percebem a universidade de dois modos: primeiro, como um lugar lindo, novo, diferente, de expansão, das asas, das diferenças e do pertencimento; segundo, como um lugar assustador, distante e não lugar.

Quando o grupo-pesquisador finalizou a leitura individual, uma copesquisadora pontuou que:

Quando eu estava lendo achei interessante, que você colocou o pensamento de todo o grupo-pesquisador; não deixou faltar nada, você soube por cada mutante, cada história e até algumas observações que fizemos nas oficinas.

Após esta fala, o grupo-pesquisador começou a apresentar suas implicações a partir da leitura. O primeiro fragmento destacado foi: "**jovem-cotista-diferente** é aquela jovem que tem como obstáculo um caminho sombrio, frio e cheio de pedras. **O que fazer com as pedras no meio do caminho?**. A partir desse fragmento, foi dito que:

Eu também me fiz essa pergunta, porque estou iniciando minha trajetória agora, então será um passo de cada vez.

Essas pedras são obstáculos. Acredito que a gente vai aprender a lidar com essas pedras quando estivermos avançando em nossa formação.

O grupo-pesquisador apresenta que, conforme avançam em sua trajetória acadêmica, as pedras no meio do caminho são removidas. Este pensamento tem relação com o tempo de filiação, pois “os estudantes descobrem e aprendem a utilização dos numerosos códigos, institucionais e intelectuais, que são indispensáveis a seu ofício de estudante. Eles começam a reconhecer e assimilar as evidências e as rotinas do trabalho intelectual” (Alain Coulon, 2017, p. 08). Logo, a partir das vivências e experiências, jovens-cotistas removem as pedras em seu caminho, efetivando sua permanência na universidade.

O segundo fragmento que o grupo-pesquisador problematizou foi: "na universidade **jovem-cotista-monstro** é aquela que se sente deslocada, intimidada, amedrontada, porque é diferente, se sente muito sozinha, acuada, não se sente à vontade, porque sempre tinha um risco de evaporar, de ser esparramada pelo chão e de ser destruída, por sua diferença é a jovem-cotista alvo de destruição. Já em oposição em meios às diferenças, **jovem-cotista-encantado** é aquele jovem que para permanecer na universidade prefere adaptar-se às diferenças. **A adaptação às diferenças é o apagamento de si?**. O grupo-pesquisador apresentou que:

Gostei dessa pergunta! Em minha percepção, eu acho que não, porque as diferenças, de alguma forma, irão se tornar uma grande soma em nossa vida e vão acrescentar no que temos a aprender no dia a dia.

Pode sim, porque você busca aprovação e, nessa busca, perdemos nossos traços e personalidade e vamos nos modificando para nos adequar ao grupo, para sermos aceitos, para termos alguém para conversar na fila e dentro do R.U. Uma coisa que sempre ouvi desde o primeiro período é “tenha amigos na universidade”, mas eu sempre estava sozinha e isso não me incomodava;

eu gosto de estar sozinha. Depois percebi que tem gente que realmente tem essa necessidade de aprovação e, por não saber lidar bem com a solidão, abre mão de sua personalidade para pertencer a um grupo. É muito estranho como vamos abrindo mão de quem somos para sermos aceitos; isso é uma problemática desde a adolescência.

Eu não vou abrir mão de minha identidade para ir no efeito manada. Sobre os grupinhos, ouvi que “deveria fazer um grupo, se não ia ficar sozinha”; realmente é ruim ser sozinha, mas não me importo de fazer minhas coisas sozinha, até porque não nascemos grudados. Só que essas panelinhas começam a destruir a turma, e a gente que é de grupo minoritário faz com que até os professores comecem a dar preferência a um grupinho de que ele mais gosta. Gente, fico besta, porque tem muita coisa que ainda vou vivenciar aqui na universidade e vejo que os professores têm um gosto por determinado aluno, e aqueles que não fazem parte do grupo acabam sendo deixados de lado.

A partir do fragmento do texto transversal e das implicações apresentadas pelo grupo-pesquisador, podemos perceber que as diferenças podem ser potencializadoras na vida acadêmica, assim como a tentativa de adaptação a elas pode levar a uma perda de identidade para pertencer e permanecer na instituição. Em vista disso, o branqueamento é uma adequação e perda identitária que, de acordo com Dyane Brito Reis Santos (2009, p. 179):

[...] é bastante dramática e diz respeito a uma metamorfose do estudante negro em branco ou mestiço-branco [...]. Quando este estudante [...] admite que manipula a sua aparência ele não apenas busca parecer o menos negro ou menos cotista possível para não ser discriminado, mas também abre mão da sua diferença, da sua biografia dos seus valores.

Nesse sentido, integrar um grupo no ambiente acadêmico é marcado de dois modos: 1) **efeito-manada**: para pertencer e permanecer a um determinado coletivo, às vezes é necessário anular seus traços e personalidade visando à aceitação da turma e do corpo docente; e o outro modo é 2) **efeito-deixado-de-lado**: fazer parte do grupo minoritário, que não abre mão de sua identidade, mas, como consequência, é deixado de lado; assim, “os estudantes negros podem enfrentar situações de isolamento e exclusão em algumas situações, especialmente em ambientes universitários onde as relações sociais são influenciadas por normas culturais e preconceitos implícitos e explícitos” (Rosario, 2023, p. 111).

O próximo fragmento discutido pelo grupo-pesquisador foi: "a universidade é percebida como um espaço de inacessibilidade e não-lugar. Pela promessa de melhoria, **jovem-cotista-monstro** atravessa o portal, mas o portal não realizaria seus sonhos e desejos facilmente; era preciso permanecer. Em oposição ao conceito **corre-parado-da-permanência**, a mutação **jovem-cotista-água** na universidade é

aquela jovem em movimento – passa por um **devir-água** – que a potencializa, torna-se maleável e, com esta habilidade, enfrenta os desafios para permanecer. **Quais as dimensões da correria-movimento-da-permanência na universidade? Que habilidades este corpo incorpora para permanecer?**

Conseguimos a bolsa do PIBID recentemente, mas antes havia essa incógnita de como irei fazer meus “corres” para permanecer na universidade, porque os horários não são tão flexíveis para procurarmos um serviço. A entrada no PIBID me trouxe essa certeza de permanência. Até conversei com a (coordenadora) sobre isso; estávamos na reunião e falamos sobre o quanto deveria abrir mais vagas para ter a permanência de mais jovens, porque, como ela falou, “é uma seleção dos melhores”. Acredito que deveria haver mais programas para ajudar jovens que ainda estão nessa dúvida de permanecer ou não, porque, infelizmente, a vida pessoal pesa muito, querendo ou não.

Antes, eu trabalhava como jovem aprendiz e, ao conseguir o PIBID, preferi sair. Agora, minha prioridade é ele, fazendo com que eu tenha mais tempo para participar dos eventos da universidade, dos quais antes não poderia participar porque estaria trabalhando.

Sobre isso de viver a universidade, porque, por incrível que pareça, a gente não está no PIBID só pelo dinheiro; é também para viver a universidade. Além disso, está sendo uma forma de aproximação com meu curso. O valor da bolsa consegue suprir nossas necessidades básicas, mas a gente tem um suporte por trás, como nossa família; minha família é minha base para me manter aqui em Teresina.

Para o grupo-pesquisador, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID atua como **corre-movimento-da-permanência** e tem três dimensões: 1) de assistência estudantil, favorecendo a permanência material na universidade; 2) contribuindo na aproximação com o curso e o fazer docente; e 3) oportunizando viver a universidade e não apenas passar por ela. Desse modo, são dimensões que consolidam a permanência na instituição pelo programa.

Sobre a permanência, Santos (2009, p. 68) dirá que:

[...] duração e transformação; é o ato de durar no tempo, mas sob um outro modo de existência. A permanência traz, portanto, uma concepção de tempo que é cronológico (horas, dias, semestres, anos) e outra que é a de um espaço simbólico que permite o diálogo, a troca de experiência e a transformação de todos e de cada um. Assim sendo, permanência é o ato de durar no tempo que deve possibilitar não só a constância do indivíduo, como também a possibilidade de transformação e existência. A permanência deve ter o caráter de existir em constante fazer e, portanto, ser sempre transformação. Permanecer é estar e ser continuum no fluxo do tempo, (trans)formando pelo diálogo e pelas trocas necessárias e construidoras.

Seguindo, o grupo-pesquisador ficou atravessado com o paradoxo do próximo fragmento: "na roda de conversa, ideias são postas e mostram a universidade de modo

heterogêneo. **Jovem-cotista-diferente** vê a universidade como um lugar lindo e, ao mesmo tempo, assustador; em complemento, **jovem-cotista-mais-ou-mesmo-pertencente** vê a universidade também como um lugar muito assustador e difícil de chegar, mas é muito bonito. Ao ouvir as falas, jovem-cotista-encantado diz: **como pode ser bonito e, ao mesmo tempo, assustador?**. O grupo-pesquisador evidencia que:

O primeiro contato que a gente tem com a universidade é aquela Semana dos Calouros, e achamos tudo incrível, porque os alunos que vêm de escola pública têm uma formação básica e, quando pisamos o pé na universidade e começamos a ter contato com pessoas de diferentes grupos sociais, começamos a ver coisas diferentes, culturas diferentes e conceitos diferentes; achamos tudo isso muito legal. Agora, quando a universidade começa a nos cobrar coisas, ela começa a ser assustadora, pois o que deveria acontecer era um olhar para trás e saber que viemos da rede pública com um ensino precário, às vezes. Então, quando ela começou a cobrar muito mais de mim, ela passou a ser assustadora; eu me perguntava se conseguiria, se saberia fazer e se conseguiria terminar.

Quando entramos na universidade, nos sentimos inseguros, não entendemos o conteúdo direito, não conseguimos acompanhar as atividades e nos sentimos inferiores.

Quando eu comecei, achei tudo lindo e maravilhoso, mas tinha a questão do meu trabalho que, às vezes, me desmotivava, porque tinha que ir da universidade direto para lá. Nossa, eu estava me cansando! Até que veio o PIBID e passei a dar prioridade a ele para ficar bem comigo mesmo.

A universidade se torna bonita quando ela vem como a realização de um sonho; você é a primeira pessoa da sua família a entrar na universidade pública, todos os olhares da família estão virados para você, todos orgulhosos. Nesse sentido, a universidade é bonita, porque ela vem como oportunidade, algo grandioso e a realização de um sonho. Ela se torna feia no momento em que o jovem-cotista entra e percebe que seu grau de instrução vindo do ensino médio público, às vezes, é precário e não conseguimos acompanhar a turma. A partir dessas dificuldades, a universidade vai se tornando feia, pois outras pessoas podem não ter essa dificuldade. Ela também é feia quando você é segregado e faz parte de um grupo que é deixado de lado, pela falta de representatividade dos professores e nos cursos ditos elitizados.

Inicialmente, a universidade é percebida como um lugar bonito, devido às diversidades e às experiências com os diferentes grupos sociais e culturais. No entanto, torna-se assustadora a partir das exigências e cobranças, pois é preciso acompanhar o ritmo acadêmico. Esse movimento tem relação com o tempo de estranheza: “em seu novo universo - tudo lhes parece estranho: o ritmo das aulas não é mais o mesmo, as regras mudaram, as exigências dos professores também mudaram, ao ponto em que certos estudantes se perguntam o que realmente devem fazer” (Coulon, 2017, p. 08),

como podemos observar em “me perguntava se conseguiria, se saberia fazer e se conseguiria terminar”.

Identificamos que a passagem do Ensino Médio para o Ensino Superior acontece de forma abrupta, não ocorrendo uma integração entre a educação básica e a superior. A respeito disso, o grupo-pesquisador, na oficina de produção de dados, nos apresenta que é um sentimento de ser “jogado nesse ambiente”. Assim, ingressar na universidade “[...] impõe uma mudança de rotina, de cultura e de pensamento [...] refere-se, sobretudo, aos modos de funcionamento da escola. Na educação superior, há um convite para a autonomia e responsabilidade com a própria trajetória formativa” (Sena e Oliveira, 2024, p. 154).

Ademais, é evidenciado pelo grupo-pesquisador o tempo de aprendizagem, visto que são jovens-cotistas da rede pública de ensino e seu ingresso na universidade revela um sentimento de incapacidade frente às novas aprendizagens complexas, que devem acontecer rapidamente, condicionando a continuidade de seus estudos, assim como sua permanência na universidade (Coulon, 2017).

Outra problemática identificada no pensamento do grupo-pesquisador que impacta sua permanência na universidade é a não representatividade do corpo docente. A baixa porcentagem de professoras/es negras/es nos cursos de graduação condiciona as/os jovens-cotistas ao pensamento de não pertencimento ao espaço acadêmico, e tal ausência repercute em sua permanência na instituição, visto que “os estudantes cotistas, e particularmente os negros, são considerados e percebidos, até por eles próprios, como estrangeiros no espaço da universidade” (Rita de Cássia dos Santos Camisolão, 2020, p. 42).

Diante do exposto, percebemos até aqui que o pensamento juvenil sobre a permanência e o acesso à universidade é vivido por jovens-cotistas a partir de três tempos, a saber: o da estranheza, o da aprendizagem e o da filiação – isso na relação com os estudos de Alain Coulon. Apesar de apresentarmos tais tempos de forma linear a partir dos fragmentos do texto transversal e das problemáticas apresentadas pelo grupo-pesquisador, é importante pontuar que estes são vividos de forma simultânea e não fragmentada por jovens-cotistas.

Outro fragmento destacado foi: ouvindo as falas, **jovem-cotista-diferente** é aquela que, antes de entrar na universidade, sentia vergonha de suas asas porque são grandes demais para seu corpo; e, ao chegar à universidade, viu que todo jovem tem asas diferentes. É a jovem-cotista que sabe que suas asas a levaram à universidade, nesse

lugar onde voar é lindo, onde ter asas é o que realmente importa. Na universidade, é a jovem-cotista que aprende a voar e irá ajudar outras/os jovens que têm essa dificuldade para, assim, juntas/os irem ao lugar das asas. A **jovem-cotista-diferente** é aquela que cria condições com a **permanência-voou** e a **permanência-acolhimento**. **Como jovens-cotistas são acolhidas/os e acolhem para permanecer na universidade?** Foi dito pelo grupo-pesquisador que:

Em relação ao acolhimento, eu não sou bem acolhida, mas para os calouros, eu teria aquele momento de conversar, falaria que ficaria tudo bem, que as coisas se aprendem aos poucos, que não precisamos de pressa e ansiedade. Eu fiquei com ansiedade de “Meu Deus, o que eu estou fazendo aqui?” “Como vim parar aqui?”, sendo que não percebi que estou aqui pelo meu esforço; eu me dediquei dois anos estudando para estar aqui e, quando pisei, fiquei com essa incógnita na cabeça: “Como eu vim parar aqui?”. Então, acolheria desse modo, porque a gente entra muito afoito. Quando a gente entrou, tivemos uma acolhida geral com explicações básicas e foi apenas isso; o restante a gente foi descobrindo sozinho, até porque cada um aqui vive sua subjetividade com experiências próprias.

Percebo que os alunos de pedagogia são bem acolhedores. Me senti muito acolhida. No entanto, minha turma foi se tornando uma turma-bolha, e cada pessoa entrava em grupos com os quais se identificava. Nessa questão de acolhimento, o Centro Acadêmico tem um papel que é fundamental, principalmente no acolhimento dos calouros, mas em minha época o C.A. faltou, e acabei não me incluindo nessas bolhas porque não me identificava com o pessoal, mas em nenhum momento me sentia excluída; muito pelo contrário, todos os grupos me cumprimentavam e acolhiam de forma calorosa. Porém, eu observava, conforme o passar dos períodos, que havia grupos que ficavam à parte; sempre tinha um grupo deixado à parte pelos corredores, e as pessoas passavam e não tinham empatia para incluir no grupo. Percebo que são pessoas tão envolvidas com os seus que esquecem outras pessoas. O C.A. tem um papel importante porque desenvolve atividades que facilitam a comunicação entre os diferentes períodos.

Nunca pensei que entre adultos em uma universidade existiria bullying em sala de aula, esse preconceito, porque se a gente não seguir os padrões estabelecidos, viramos chacota. Nunca pensei em vivenciar isso em um curso de graduação com pessoas adultas; percebo isso vindo até de professores, e isso me assustou.

Na percepção do acolhimento, fazemos duas identificações destacadas pelo grupo-pesquisador: um **acolhimento-institucional**, sendo aquele que acontece na Semana dos Calouros e que tem como finalidade uma introdução ao Curso de Pedagogia e às funcionalidades da universidade, isto é, um momento marcado pela institucionalização; e a outra dimensão é o **acolhimento-com-entre-nós**, que acontece durante toda a trajetória acadêmica e é um fortalecimento coletivo mesmo diante das subjetividades e experiências próprias: “aquilombe-se! Será importante para manter o foco e a sanidade mental” (Carine, 2023, p. 83).

Um outro confeto identificado a partir do fragmento destacado pelo grupo-pesquisador foi a **turma-bolha**, sendo aquela composta por pessoas tão envolvidas com os seus que esquecem as outras. A **turma-bolha** é aquela de maior aceitação, e jovens-cotistas que estão de fora são alvos de chacota. Além disso, essa violência de exclusão parte do corpo docente, tendo um impacto maior sobre estes. Esse pensamento tem relação direta com as panelinhas a partir do grupo de destaque e do grupo minoritário, como apresentamos anteriormente.

O grupo-pesquisador estava bastante provocado com o texto transversal e o próximo ponto foi: "durante a conversa, jovens-cotistas-mutantes falam sobre os obstáculos para permanecer na universidade após seu ritual de passagem pelo portal. O obstáculo da **jovem-cotista-mais-ou-menos-pertencente** e da **jovem-cotista-amarrada** são elas mesmas, pois se sentem insuficientes e não inteligentes para estar na universidade. **Jovem-cotista-encantado** e **jovem-cotista-monstro** são aqueles jovens que têm como obstáculo as diferenças; para isso, o primeiro jovem é aquele que se adapta às diferenças, e o segundo é a jovem que se reconhece – a **jovem-cotista-monstro** ainda é aquela que tem medo de ser destruída pelo **mutante-fogo** e pelo **mutante-vento** devido à sua diferença. **Quem são?**

É a pressão colocada nos alunos, principalmente quando você é cotista, porque tem gente que acredita que, pelo fato de sermos cotistas, não somos capazes de estar na universidade. Somos pressionados do lado de fora (sociedade) e aqui dentro (universidade). Isso nos leva, às vezes, a perder o interesse sobre determinadas coisas; esse seria o **mutante-fogo**.

Para mim, são mutantes que causam a insegurança. Embora estejamos no mesmo barco, estamos pela primeira vez fazendo um curso de graduação e, mesmo assim, ainda temos insegurança de não sermos suficientes.

Para mim, esses mutantes são as dificuldades do dia a dia durante nossa caminhada acadêmica. São esses acontecimentos em nossa vida pessoal, seja um problema com a família, no relacionamento ou no emprego.

Mutante-fogo é aquele que é acolhedor, podendo nos aquecer, ou aquele que pode nos queimar. Então, depende de como a pessoa entra nesse universo-universidade-cotista. O **mutante-vento** é aquele com oportunidades; então, vem muito de suas vivências antes de entrar na universidade, porque, se temos uma ideia formada, compreendemos que as cotas não são um favor, você não está aqui apenas por ser negro, você está aqui porque conquistou o lugar; nós viemos de toda uma caminhada e, ao bater de frente com o **mutante-fogo** e o **mutante-vento**, irá depender de sua vivência e da sua história como pessoa negra. Então, esse **mutante-fogo** pode te aquecer ou queimar. O **mutante-vento** pode te soprar oportunidades para perto ou para longe. Então, esses dois mutantes podem nos agregar ou segregar.

Nesse fragmento, observamos o estigma atribuído ao marcador institucional cotista, pois “ser cotista passou a ser um fardo, pois estes são estigmatizados, menosprezados e caracterizados como inferiores” (Oliveira; Martins, 2016, p. 420). Além dessa violência, estas/es jovens-cotistas são pressionadas/os do lado de dentro (universidade), visto que são percebidas/os como incapazes por terem ingressado na universidade pela Lei de Cotas, além da pressão do lado de fora (sociedade), pois é cobrado dessas/es jovens-cotistas uma excelência acadêmica. Desse modo, essas duas instâncias podem contribuir para a não permanência na universidade.

Percebemos um paradoxo relacionado ao mutante-fogo, como sendo aquele capaz de acolher no sentido de **aquecer** ou **queimar**. Assim, a partir do pensamento juvenil, o mutante-fogo é capaz de aquecer enquanto é acolhedor e, ao mesmo tempo, pode queimar jovens-cotistas em um processo de destruição ou rejeição. Em contrapartida, o mutante-vento apresenta as oportunidades na universidade; no entanto, estas podem ser sopradas para perto ou para longe. Logo, ambos os mutantes podem agregar ou segregar jovens-cotistas do Curso de Pedagogia em uma relação de proximidade ou afastamento.

Além do mais, o grupo-pesquisador compreende que a Lei de Cotas não é um favor, é um direito; não estão na universidade por serem negras/os, pois foi um lugar conquistado. E essa compreensão a respeito da ação afirmativa como justiça social não desqualifica o grupo negro e outros beneficiários da política pública, uma vez que esse reconhecimento parte de sua consciência como sujeito de direito à educação desde o acesso até a permanência.

O último fragmento discutido pelo grupo-pesquisador foi: "além do sonho imposto – **jovem-cotista-monstro** é aquela jovem a quem o portal promete a realização de seus sonhos e desejos mais singulares, fazendo-a refletir: o que é a universidade quando você mora na periferia, onde ninguém que você conhece nunca esteve aqui?" **Quando você se sentiu cotista? O que mudou em você como jovem-cotista vinda da periferia?**

Em mim, foi a forma de pensar; antes, eu era muito meio termo, hoje tenho meu próprio pensamento crítico. Então, consigo olhar para uma situação e ter minha própria opinião e respeitar as dos demais. Meu comportamento com as pessoas mudou, porque hoje em dia consigo conversar mais e ter essa comunicação que antes não tinha; eu era muito fechada e hoje consigo falar abertamente sobre qualquer assunto.

Para mim, foi a responsabilidade; acredito que, a partir do momento em que entrei na universidade, me tornei uma pessoa responsável, porque aqui na universidade temos nossos compromissos, então eu comecei a estabelecer regras para mim mesma para fazer as atividades.

Para mim, foi o crescimento pessoal, porque entrar na universidade foi especial; então, depois que entrei, vejo um crescimento em mim.

Quando fiz minha inscrição, o SISU me colocou automaticamente como cotista e tudo bem, porque minha média daria para passar tranquilamente em ampla concorrência e não questionei. Quando eu vi o resultado e veio a aprovação, fiquei muito feliz e, em nenhum momento, ser cotista me diminuiu; isso me impulsionou ainda mais a fazer, por exemplo, postagens em meu Instagram sobre a aprovação. Desde cedo, minha mãe me ensinou a amar minha cor de pele e minha raça, e nunca tive problemas com minha identidade. Quando cheguei à universidade e vi que havia outras pessoas felizes com sua cor de pele, isso me impulsionou ainda mais a falar sobre o assunto e abertamente, apesar de nunca ter sofrido racismo e não querer passar por isso. Então, enquanto jovem-cotista, existe um tabu de que nós só estamos na universidade porque a gente é preto ou de baixa renda; isso me deixa um pouco triste e com raiva, então brigo com pessoas que têm esse pensamento de milênio.

Acredito que esse pensamento não parte de cotistas, parte de terceiros, com esse preconceito de acreditar que são “superiores”, por exemplo, “ah, você é cotista” e “daí, meu filho, eu passei também, estou aqui e tenho direito, oxe”.

A entrada na universidade oportuniza a essas/es jovens-cotistas da periferia a terem um pensamento crítico-reflexivo, a autoresponsabilidade, o crescimento pessoal e a oportunizar debates abertos sobre raça, entre outros atravessamentos. Nesse fragmento, o grupo-pesquisador novamente apresenta o estigma atribuído ao jovem-cotista, e este pensamento entristece, causando raiva, mas aqui “a raiva é pressuposta de recusa e de transformação, pois refuta os modelos unilaterais que são refletidos pelo espelho colonial” (Teixeira, 2021, p. 60), pois não basta ser preto ou de baixa renda para ingressar à universidade; é preciso conquistar o lugar.

O grupo-pesquisador ainda explica que o pensamento inferiorizante parte de terceiros por acreditarem que são superiores por não terem ingressado na universidade pela Lei de Cotas. Esse argumento vai de encontro ao pensamento de Kilomba (2019, p. 56) ao dizer que:

Tal hierarquia introduz uma dinâmica na qual a negritude significa não somente “inferioridade”, mas também “estar fora do lugar” enquanto a branquitude significa “estar no lugar” e, portanto, “superioridade”. Dizem-me que estou fora do lugar, porque em sua fantasia eu não posso ser a rainha, mas apenas a plebeia. No racismo, corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão “fora do lugar” e, por essa razão, corpos que não podem pertencer. Corpos brancos, ao contrário, são construídos como próprios, são corpos que sempre pertencem.

Em vista disso, são jovens-cotistas percebidas/os como corpo fora do lugar, e as atribuições inferiorizadas configuram o acesso pela Lei de Cotas como demérito, sendo o ingresso reduzido à condição de ser preto ou de baixa renda. E, mesmo neste contexto

de inferioridade, essas/es jovens-cotistas reconhecem a política pública como um direito, pois ser jovem-cotista não é uma diminuição.

Em suma, a oficina de contra-análise foi potencializadora, e as problemáticas apresentadas pelo grupo-pesquisador a partir do texto transversal evidenciam o pensamento juvenil sobre a permanência na UFPI. Desse modo, identificamos que na trajetória acadêmica de jovens-cotistas do Curso de Pedagogia há pedras no caminho, que são removidas a partir de suas experiências e vivências durante sua formação e integração na vida universitária. Ao falar de pedra no caminho, lembro-me de um contrapoema dito por Conceição Evaristo em um vídeo no YouTube a partir de Carlos Drummond de Andrade: “no meio do caminho havia uma pedra e a removi”.

Além disso, as diferenças na universidade são percebidas de dois modos: como potencializadoras, uma vez que se somam à vivência, ou podem ser inibidoras, levando o jovem-cotista à perda de sua identidade e personalidade na busca por aprovação. Nessa linha de pensamento, o efeito-manada é a modificação para se adequar ao grupo e, conseqüentemente, implica a não solidão em certos espaços da universidade, como, por exemplo, na fila do restaurante universitário. Nesse movimento, o efeito-deixado-de-lado são jovens-cotistas que não abrem mão de sua identidade.

Outra problemática no pensamento juvenil sobre a permanência na UFPI são os grupinhos que surgem em sala de aula e iniciam uma destruição da turma no sentido coletivo, que é dividida em dois grupos, sendo um de destaque e outro minoritário. Em vista disso, jovens-cotistas que compõem o grupo minoritário são deixados de lado pela turma e denunciam a prática do corpo docente, pois são coniventes com a manifestação.

Na sequência, o pensamento juvenil sobre o *corre-movimento-da-permanência* manifesta-se por meio da assistência estudantil, especialmente com o PIBID, que contribui para a permanência material na instituição através da bolsa, além de possibilitar uma maior aproximação com o curso, permitindo que jovens cotistas vivenciem a universidade de forma mais plena. O grupo-pesquisador ainda ressalta a importância da ampliação dos programas de auxílio assistencial, “para ajudar jovens que ainda estão nessa dúvida de permanecer ou não”. Para além da bolsa pecuniária do PIBID, o grupo também conta com o suporte da família como fator fundamental para a continuidade no curso.

O pensamento juvenil sobre a UFPI é marcado por um paradoxo: a universidade é percebida, ao mesmo tempo, como um lugar bonito e assustador. É considerada bonita porque proporciona experiências e vivências com diferentes grupos sociais, culturas e

conceitos. Também é bonita por representar a realização de um sonho, simbolizando oportunidades e algo grandioso. Por outro lado, torna-se assustadora quando a instituição — especialmente o corpo docente — adota uma postura autocentrada, desconsiderando que muitos desses jovens são cotistas oriundos de escolas públicas, frequentemente com formações precárias. Essa falta de sensibilidade dificulta a integração desses estudantes, que acabam se sentindo inseguros e inferiores diante das exigências acadêmicas e das leituras complexas. O grupo-pesquisador ainda ressalta que a ausência de representatividade no corpo docente, tanto no curso quanto em outros espaços elitizados da universidade, é outro fator que contribui para essa sensação de estranhamento e exclusão.

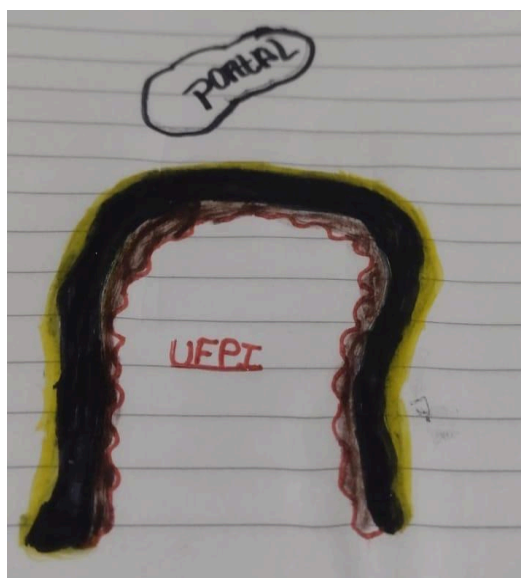
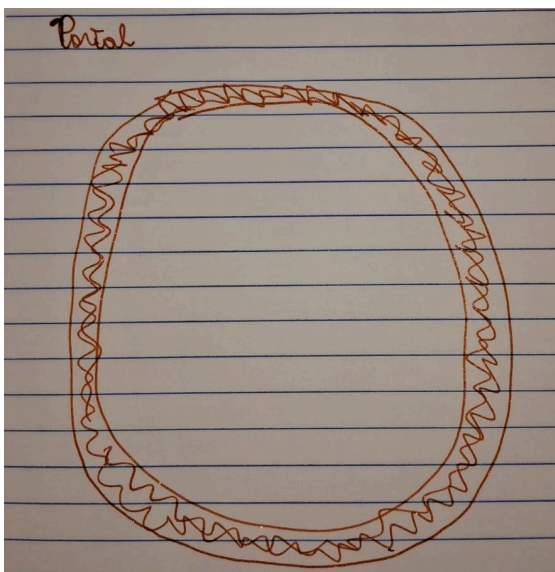
Logo depois, o grupo-pesquisador, a partir do texto transversal, nos apresenta a dimensão do acolhimento. Destacam que esse acolhimento ocorre de duas formas: uma institucional, promovida pela coordenação do curso durante a Semana dos Calouros, e outra articulada pelo Centro Acadêmico, marcada pela coletividade. Enquanto a primeira é caracterizada pela formalidade e pela estrutura institucional, a segunda se dá em uma lógica mais horizontal e colaborativa. Ambas têm como objetivo principal inserir os jovens na vida universitária. No entanto, apesar dessas iniciativas promoverem a integração ao espaço acadêmico, muitas descobertas e adaptações ocorrem de maneira individual, uma vez que se trata de jovens cotistas que vivem subjetividades e experiências próprias. Dentro dessa dimensão do acolhimento, o pensamento juvenil também reitera que aqueles que não se enquadram nos padrões estabelecidos acabam se tornando alvo de chacotas — o que é percebido como mais uma faceta assustadora da instituição.

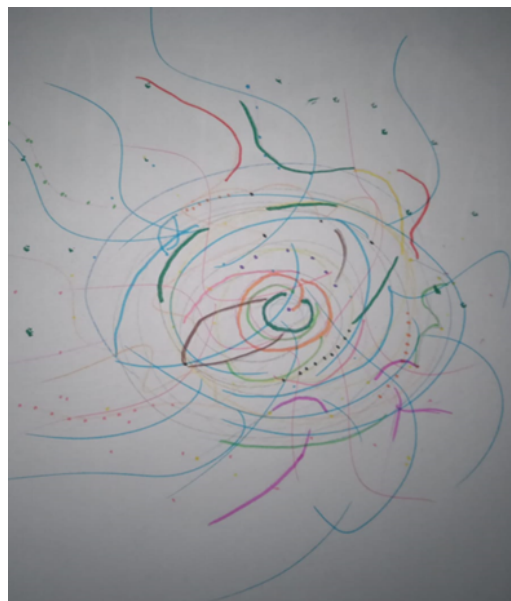
Outrossim, o marcador institucional de cotista estigmatiza o grupo-pesquisador, que frequentemente é percebido como incapaz de ocupar o espaço universitário. A partir disso, enfrentam pressões tanto externas (da sociedade) quanto internas (da própria instituição), sendo constantemente cobrados por uma excelência acadêmica que, muitas vezes, desconsidera suas trajetórias e desigualdades de origem. Essa cobrança excessiva pode gerar insegurança, afetar o interesse pela permanência e intensificar o medo da insuficiência. Em contrapartida, ao longo de sua trajetória, esses estudantes passam a ressignificar sua presença na universidade, compreendendo que a Lei de Cotas não representa um favor, mas sim uma política de reparação. Sua permanência não se deve unicamente ao fato de serem pessoas negras e de baixa renda, mas é fruto de sua dedicação, esforço e direito legítimo de ocupar esse espaço.

Por fim, jovens cotistas que residem nas periferias da cidade, ao acessarem a universidade, desenvolvem um pensamento crítico-reflexivo, assumem a autoresponsabilidade, criam estratégias e estabelecem regras próprias para dar conta das exigências acadêmicas, além de vivenciarem um processo significativo de crescimento pessoal. Outro ponto de destaque é que, para esses/as jovens, o marcador cotista não é percebido como uma condição de inferioridade, mas sim como parte de uma trajetória de conquista e resistência.

Após todas as problematizações apresentadas pelo grupo-pesquisador por meio do estudo transversal, expressei minha gratidão pela caminhada percorrida e pelo compromisso demonstrado até aqui. Em seguida, convidei-as/os para a defesa de nossa dissertação, fruto de um processo construído coletivamente, como uma casa de barro: feita com as mãos, com tempo, escuta e cuidado. Para encerrar o encontro, propus que desenhassem o portal que as/os trouxe até a universidade e, na sequência, que escrevessem em seus diários. Abaixo, apresento os portais produzidos pelo grupo-pesquisador e, em seguida, os registros escritos na oficina de contra-análise:

Imagens 29, 30, 31 e 32: Portais.





Diário do grupo-pesquisador: Oficina de contra-análise (20/01/20225)

Participar desta pesquisa foi imensamente significativo. Vivenciamos muitas trocas e compartilhamos experiências de vida, tanto no âmbito pessoal quanto acadêmico. Os encontros foram marcados por leveza, escuta e também por momentos de criação artística que nos conectaram de forma profunda. Com certeza, levarei essa pesquisa com muito carinho como parte fundamental da minha trajetória e construção acadêmica.

A oficina de segunda-feira foi ótima! A conversa fluiu de forma leve e, ao mesmo tempo, foi cheia de reflexões importantes — especialmente sobre a realidade do jovem cotista. Foi um momento de troca muito enriquecedor, que nos provocou a pensar de outras maneiras e nos fez sair dali com novas ideias e perspectivas.

Participar das oficinas propostas foi um desafio que me trouxe reflexões profundas e significativas. Ser uma jovem cotista marca e define a minha trajetória na UFPI — fui resistência e permanência. Saber que muitos virão depois de mim é gratificante, porque o nosso corre também honra quem veio antes. É uma caminhada que atravessa gerações, feita de luta, memória e continuidade.

Participar deste projeto abriu meus olhos para diversas formas de viver e enxergar a universidade, além de me fazer refletir sobre os desafios diários que enfrentamos para nos manter nesse espaço. Pude me reconhecer nos relatos de outros estudantes, compartilhar nossas dificuldades — dentro e fora da universidade — e me conectar com os demais. A universidade é um lugar lindo e, a cada dia, sinto mais vontade de permanecer e vivenciá-la plenamente. Apesar de todos os obstáculos, ela nos permite conhecer novas pessoas e abre inúmeras portas em nossas vidas. É incrível como, mesmo com trajetórias distintas, conseguimos nos identificar com cada história compartilhada. Ser cotista, por um tempo, me fez duvidar da minha própria capacidade e questionar se eu realmente merecia estar aqui. Mas, após esse projeto, compreendi que sou tão merecedora e capaz quanto qualquer outra pessoa.

Copesquisadora - Na tarde do dia 20 de janeiro de 2025, realizamos mais uma oficina, desta vez de contra-análise, onde os/as copesquisadores/as não apenas escutaram, mas também compartilharam suas impressões sobre o texto transversal produzido por Wanderson. A tarde foi repleta de aprendizados e trocas significativas. Wanderson iniciou com a leitura do texto,

apresentando a produção que agora se configurava como uma construção coletiva e una. Em seguida, o grupo-pesquisador leu o texto individualmente e discutiu suas implicações, permeados pelos questionamentos levantados por Wanderson. Falaram sobre as pedras no caminho, a potencialização, mas também o apagamento de si no portal; sobre os "mutantes", o que os/as assusta, mas também sobre os potenciais de transformação e engrandecimento de personalidade. Ao final, afetos foram trocados, boas energias circuladas e desejos de esperança para os dias futuros, à medida que se aproxima a data da defesa da dissertação. O convite foi feito para que todos estivéssemos presentes nesse momento tão significativo.

Em seguida, fecho provisionalmente este estudo!

Conclusão: o “corre” final ou o início de outros?

O medo de não conseguir permanecer é grande!
Grupo-pesquisador, 2024.

Esse foi o meu “corre”! Nesse momento de escrita, estou friccionando as mãos buscando estimulá-las, pois é preciso fechar este portal para abrir outros. Realizar uma pesquisa Sociopoética com um grupo-pesquisador é bagunçar com o corpo inteiro (Gauthier, 2024). Meu corpo, ao longo desta pesquisa, foi feito, desfeito, rasgado e costurado; não é mais o mesmo. Neste momento, preciso apresentar os achados da pesquisa, aquilo que emergiu do corpo potencializado das copesquisadoras e do copesquisador nas oficinas, tendo como dispositivo a argila, o chão e as pontas de seus dedos.

Durante essa pesquisa meu lado frágil foi exposto a mim mesmo, sendo uma parte adormecida na camada mais profunda do meu corpo. Nesta investigação senti essa fragilidade serpentear em movimentos sinuosos, pois tecer esse escrito foi um “corre” e compreendo que a realização de uma pesquisa Sociopoética é capaz de desestabilizar um corpo e todas suas certezas. Essa pesquisa também foi encarnada e incorporada em cada momento, foi cheia de humanidade. Ao chegar aqui, sinto que fui escolhido pela Sociopoética, quero viver meus devires de corpo inteiro e o medo de não ser sociopoeta, não habita mais minha mente, porque agora sou um.

Nas vivências e experiências com a Sociopoética, dados foram produzidos por jovens cotistas do Curso de Pedagogia sobre a permanência na UFPI, possibilitando, através da criação de problemas e confetos, outras maneiras de pensar esta temática. Nesse sentido, a partir do objetivo geral proposto nesta pesquisa, a saber: analisar os modos de permanência de jovens cotistas do Curso de Pedagogia da UFPI, Campus de Teresina/PI, constatamos que por meio das oficinas reiteramos a potencialidade da Sociopoética na produção de conhecimento e novas formas de problematizar a permanência na universidade.

Dessa forma, vejo-me ao final deste escrito como um sociopoeta, potente e de corpo sensível, que se aventurou pelo caminho de chão batido chamado mestrado. Nessa trajetória pude andar descalço e perceber que o que importa é o andar e não o chegar, pois, nesse trajeto, ao serpentear, também troquei de pele. E ao trocar de pele em meu percurso formativo, guardo-as na minha caixa de afecção, porque fazem-me recordar aquilo que fui.

Nesse contexto, nessa caminhada, vivi no entrelugar, entre o Centro de Ciências da Educação e o Centro de Ciências Humanas e Letras, cursando disciplinas. Vivi intensamente o mestrado, as intervenções Sociopoéticas, estudos e reflexões que me causavam inquietações, estranhamentos, encantamentos e deslocamentos, o que me permitiu pensar com o corpo inteiro. Dessa maneira, pude criar linhas de fuga para pensar e questionar os atravessamentos sobre a Lei de Cotas, a partir do tema-gerador: a permanência de jovens cotistas.

Ao empreender essa pesquisa tecida com grupo-pesquisador formado por jovens cotistas do Curso de Pedagogia, ficou evidenciado em suas produções artísticas, relatos orais e escritos suas dores, desejos, afetos, sonhos e denúncias. A partir disso, fizeram desabrochar problematizações que vão além da permanência na UFPI. Como já dito anteriormente, realizar uma pesquisa Sociopoética é bagunçar o corpo e suas verdades prontas. E nesta pesquisa meu corpo foi bagunçado inúmeras vezes, mas é uma bagunça potente, que não implica a ausência de organização e responsabilidade com o pesquisar.

No que diz respeito às oficinas de negociação, produção de dados, estudo das produções pelo grupo-pesquisador e contra-análise, processos narrados e refletidos ao longo do trabalho, o grupo-pesquisador expôs toda sua potencialidade, criatividade e inventividade, oportunizando a criação de confetos e problemas, apontando seu pensamento heterogêneo de jovens-cotistas na relação com a permanência na UFPI, confirmando outros modos de perceber a si e o mundo.

Dos momentos realizados acima, a negociação foi responsável por, inicialmente, fazer meu corpo desabar. Na oficina de negociação, meu planejamento foi retirado de minhas mãos e rasgado pela imprevisibilidade. Diante disso, incorporado de aceleração e medo, realizei um movimento atípico, que foi a instituição de um grupo-pesquisador pelo acaso dos acontecimentos. Mesmo instituindo um grupo-pesquisador de forma não habitual, ressalto que segui os princípios éticos de uma pesquisa Sociopoética. E em meio ao inesperado, o grupo-pesquisador acolheu a pesquisa e caminhou comigo de pés descalços em cada encontro.

Outro momento desestabilizador na pesquisa foi a realização da produção transversal. Inicialmente, era como se meu corpo estivesse sendo espremido e não fosse possível extrair nada. Na transversalidade do pensamento do grupo-pesquisador, duvidei de minha capacidade criativa e inventiva, mas logo percebi que estes saberes estavam recalçados em meu corpo e era preciso uma potencialização e revitalização. Foi quando parei para descansar, pois meu corpo já não aguentava mais. Então, após esse momento,

a produção do texto transversal veio com o vento da chuva, aguçando minha criatividade e potencialidade. Foi quando a produção foi parida com as pontas dos dedos, que digitava aceleradamente, não deixando escapar nada.

Desse modo, a partir das produções do grupo-pesquisador, identificamos dimensões em seu pensamento juvenil sobre a permanência na UFPI. Assim, jovens cotistas, ao ingressar na universidade, encontram pedras no caminho, que são removidas conforme avançam em sua trajetória acadêmica. São jovens cotistas que aprendem a lidar com tais pedras dando um passo de cada vez.

Na universidade, as diferenças são percebidas por jovens-cotistas de dois modos: como potencializadoras ou como fatores relacionados ao apagamento de si. Em vista disso, no primeiro modo, as diferenças tornam-se uma grande soma na vida de jovens-cotistas e acrescentam nas aprendizagens do dia a dia. No segundo, na busca por aprovação, perdem seus traços e personalidade para se adequar ao grupo e serem aceitas/os; isso implica a necessidade de ter alguém para conversar como, por exemplo, na fila do restaurante universitário.

Nesse contexto, temos o fenômeno do **efeito-manada**, que são jovens-cotistas que têm a necessidade de aprovação e, por não saberem lidar bem com a solidão, abrem mão de sua personalidade para pertencer a um grupo. Em movimento contrário, temos jovens-cotistas que não abrem mão de sua identidade para aderir ao **efeito-manada** e, como consequência, enfrentam o **efeito-deixado-de-lado** e, por não seguirem os padrões estabelecidos, são alvos de chacota.

A respeito dos grupos instituídos na universidade e, principalmente, em sala de aula, as/os jovens-cotistas apresentam que os grupinhos são responsáveis pela destruição da turma no sentido de coletividade e, a partir disso, constitui-se a **turma-bolha**, que são pessoas tão envolvidas com os seus que esquecem as outras pessoas. Nessa junção, jovens-cotistas fazem uma crítica à prática dos professores/as que estimulam isto, pois começam a dar preferência a um grupinho com o qual se identificam, e jovens-cotistas que não fazem parte dele acabam no **efeito-deixado-de-lado**.

É destacado por jovens-cotistas o **corre-parado-da-permanência**, que são os “corres” que as/os despotencializam, fazendo-se sentirem incapazes, poucas/os e pequenas/os. Em oposição a este pensamento, as/os jovens-cotistas apresentam o confeto **corre-movimento-da-permanência**, que potencializa jovens-cotistas em um **dever-água**, as/os tornando maleáveis para enfrentar os desafios para permanecer. O

corre-movimento-da-permanência possibilita aos jovens-cotistas viver a universidade.

Sobre o acolhimento na universidade, jovens-cotistas destacam duas formas: o **acolhimento-institucional** e o **acolhimento-com-entre-nós**. O primeiro, de caráter institucional, acontece na Semana dos Calouros e tem como finalidade a introdução ao Curso de Pedagogia e às funcionalidades da universidade, sendo promovido pela Coordenação do Curso. O segundo é fomentado pelo Centro Acadêmico do Curso de Pedagogia, promovendo atividades como palestras, rodas de conversa, tutoriais, tour pela universidade e o trote.

Em outra dimensão do acolhimento, jovens-cotistas apresentam o **mutante-fogo** como aquele que é acolhedor, mas que pode **aquecer** ou **queimar** as/os jovens-cotistas em um processo de destruição ou rejeição. Em contrapartida, o **mutante-vento** apresenta as oportunidades na universidade; no entanto, estas podem ser sopradas para perto ou para longe. Logo, ambos os mutantes podem agregar ou segregar jovens-cotistas do Curso de Pedagogia em uma relação de proximidade ou afastamento.

Na universidade, jovens-cotistas são pressionadas/os por serem cotistas, pois há quem acredite que são incapazes de estar ali. Por isso, sofrem pressão tanto do lado de fora (sociedade) quanto do lado de dentro (universidade), o que acarreta a perda do interesse sobre determinadas coisas na universidade e causa insegurança aos jovens-cotistas de não serem suficientes. Isso acontece porque existe um tabu de que jovens-cotistas estão na universidade por serem pretos ou de baixa renda, sendo que este pensamento não parte somente de jovens-cotistas, mas também de terceiros com esse preconceito de se acreditarem superiores.

Em relação à universidade, jovens-cotistas apresentam uma ideia paradoxal da instituição: um lugar bonito e, ao mesmo tempo, assustador. A universidade se mostra bonita quando jovens-cotistas da escola pública, ao chegarem, estabelecem contato com pessoas de diferentes grupos sociais, tendo uma aproximação com culturas e conceitos distintos. Ela também é bonita quando representa a realização de um sonho, como ser a primeira pessoa da família a ingressar, o que é algo grandioso.

Para jovens-cotistas, o lado assustador são as cobranças e a não compreensão de que são jovens-cotistas da rede pública, com um ensino, por vezes, precário. Então, estas/es se perguntam se conseguem e se sabem, e a partir disso o sentimento é de insegurança de não conseguir acompanhar as atividades, assim se sentem inferiores.

Outras características assustadoras são quando um grupo é deixado de lado e a falta de representatividade no corpo docente nos cursos elitizados.

Outro ponto de destaque é a compreensão de que ser jovem-cotista não é uma diminuição, mas sim um direito conquistado, e as cotas não são um favor. Ingressar na universidade é uma realização que não leva em consideração apenas raça e renda. Desse modo, apesar das dificuldades de acesso e permanência na universidade, a Lei de Cotas é uma política pública que acolhe as diferenças; em vista disso, as instituições devem ampliar suas políticas de assistência estudantil, buscando a efetivação da permanência dessas/es jovens.

Por fim, chego até aqui com fôlego e maquinando novas peripécias. Este escrito é uma produção coletiva com/entre jovens-cotistas do Curso de Pedagogia que, ao longo da pesquisa, se tornaram jovens-cotistas-mutantes pensadoras/es da permanência na UFPI. Finalizo esta pesquisa com a Sociopoética em minhas veias. Viva a ponta dos dedos!

Referências

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. A Sociopoética e os cinco princípios: a filosofia dos corpos misturados na pesquisa em educação. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa [et al.]. **Tudo que não inventamos é falso**: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética. Fortaleza: EdUECE, 2014.

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. **Corpos de rua**: cartografia dos saberes juvenis e o sociopoetizar dos desejos dos educadores. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

BAIROS, Luiza. Lembrando Lélia Gonzalez 1935-1994. **Afro-Ásia**, n. 23, 1999.

BERNARDINO-COSTA, Joaze et al. Radiografia das políticas de ação afirmativa na pós-graduação das universidades federais. **Dados**, v. 67, n. 3, p. e20210175, 2023.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei nº 12.711**, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências, Brasília, DF, 29 ago. 2012.

BRASIL. **Lei nº 12.990, de 9 de junho de 2014**. “Dispõe sobre a reserva aos negros 20% (vinte por cento) das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração pública federal, das autarquias, das fundações públicas, das empresas públicas e das sociedades de economia mista controladas pela União”. Brasília, 2014.

BRASIL. **Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Brasília, DF, 09 de janeiro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 28 ago. 2024.

BRASIL. **Lei 11.645, de 10 de março de 2008**. Brasília, DF, 10 de março de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm>. Acesso em: 28 ago. 2024.

CAMISOLÃO, Rita de Cássia dos Santos. Cartografia do acolhimento: escritórias do estudante negro na UFRGS. **Dissertação** (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: A construção do outro como não ser como fundamento do ser. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARINE, Bárbara. **Querido estudante negro**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHALETA, Maria Elisa Rolo. Afeto e Aprendizagem em contextos de Educação Superior. In: Silvia Virginia Coutinho Areosa; Silvana Regina Ampessan Marcon; Mônica Ramos Daltro; Luana Carramillo Going; [Orgs.]. **Pesquisas & Práticas de Cuidado**: Desafios dos Mestrados Profissionais em Psicologia. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024

COULON, Alain. O ofício de estudante: a entrada na vida universitária. **Educação e Pesquisa**, v. 43, n. 4, p. 1239-1250, 2017.

COSTA, Samara Layse da Rocha. Retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade: experiências juvenis em uma escola pública de Teresina. **Dissertação** (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Piauí, 2019.

CLARETO, Sônia Maria; VEIGA, Ana Lygia Vieira Schil da. Uma escrita de muitos ou uma escrita em travessia. In: CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice (Org.). **Uma escrita acadêmica outra**: ensaios, experiências e invenções. 1 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.

DANTAS, Luís Thiago Freire. Enegrecer a Universidade para vivenciar o conhecimento. **Revista de Filosofia Aurora**, v. 33, n. 59, p. 349-361, 2021.

SOUZA SOUTO, Stéfane Silva de. Aquilombar-se: Insurgências negras na gestão cultural contemporânea. **Metamorfose**, v. 4, n. 4, 2020.

SILVA, Vera Regina Rodrigues da. Cotas Raciais: caminhos abertos entre o “facão” e o “bisturi”. **Revista Vértices**, v. 25, n. 1, p. e25117159-e25117159, 2023.

DIAS FILHO, Marcos Napoleão do Rêgo Paiva. Branquitude e política de cotas para docentes nas universidades: uma análise a partir do contexto da Universidade Federal da Bahia. **Dissertação** (Mestrado em Educação), Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2022.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1º ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Traduzido por Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FONSECA, Dagoberto José. **Políticas públicas e ações afirmativas**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

GAUTHIER, Jacques. **O oco do vento**: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais. Curitiba: CRV, 2012.

GAUTHIER, Jacques. **Sociopoética**: O livro do iniciante e do orientador. Mimeografado, 2010.

- GAUTHIER, Jacques Moendy. **Sociopoética e contracolonialidade**: relatos de pesquisas e diálogos teóricos com Ailton Krenak, Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo) e alguns filósofos de tradição ocidental. São Paulo: Editora Dialética, 2024.
- GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- GOMES, Nilma Lino; LABORNE, Ana Amélia de Paula. Pedagogia da crueldade: racismo e extermínio da juventude negra. **Educação em Revista**, v. 34, p. e197406, 2018.
- GOMES, Caryne Maria da Silva. A heteroidentificação da UFPI, Teresina, PI: experiência de participantes das bancas. **Dissertação** (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Piauí, 2023.
- GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor. **Educação & Realidade**, v. 27, n. 2, 2002.
- JESUS, Rodrigo Ednilson de. **Quem quer (pode) ser negro no Brasil?** 1ª ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2021.
- JOHANN, Maria Regina; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Linguagem e Conhecimento: “Janela” como Metáfora da Condição Humana. **Revista Ilustração**, v. 1, n. 2, p. 69-78, 2020.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano; Tradução: Jess Oliveira, 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LARROSA, Jorge. **Escritos sobre experiência**; Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1º ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.
- MACHADO, Vanessa. **Lei de Cotas no ensino superior e racismo institucional**: conhecendo o trâmite legislativo da Lei 12.711/2012. 1ª ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2020.
- MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Editora Cobogó, 2021.
- MEDEIROS, Maria Gessi-Leila et al. Os corpos (in)disciplinados nas “escolas de vidro” versus corpos em devir e propostas de cultura de paz. **Linguagens, Educação e Sociedade**, n. 28, p. 65-88, 2013.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Corpo-território & educação decolonial**: preposições afro-brasileiras na invenção da docência. Salvador: EDUFBA, 2020.
- NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. Modos de educar entre jovens transvestigêneres na universidade: cartografias desejantes. **Tese** (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2023.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. Descolonizando sexualidades e currículo na escola: confetos produzidos por jovens da ilha. **Dissertação** (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Piauí, 2014.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. O sociopoeta inventor: rastros da composição da técnica cartográficas sexuais. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa [et al.]. **Tudo que não inventamos é falso**: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética. Fortaleza: EdUECE, 2014.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NAJMANOVICH, Denise. **O sujeito encarnado questões** - para pesquisa no/do cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NOGUERA, Renato. O ensino de filosofia e a lei 10.639. Rio de Janeiro: Palla, 2014.

OLIVEIRA, Mayara Danyelle Rodrigues de. O que se transcrita na formação em pedagogia com alegria: lugares, experiências e saberes de jovens da Universidade Federal do Piauí. **Dissertação** (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Piauí, 2019.

OLIVEIRA, Samantha Rodrigues de; MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. Vamos brincar de racismo? Olhares sobre os jovens cotistas do CEFET/RJ. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 8, n. 18, p. 413–425, 2016.

OLIVEIRA, Juliana Augusta Nonato de. Estudantes negros ingressantes na universidade por meio de reserva de vagas: um estudo sobre processos educativos de construção de identidade negra e pertencimento étnico-racial no ensino superior. **Dissertação** (Mestrado em Educação), Universidade Federal de São Carlos, 2013.

PAIVA, Angela Randolpho. **Ação afirmativa em questão**: Brasil, Estados Unidos, África do Sul e França, 2013.

PETIT, Sandra Haydée. Sociopoética: potencializando a dimensão poética da pesquisa. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; PETIT, Sandra Haydée; SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques (Orgs.). **Tudo que não inventamos é falso**: dispositivos para pesquisar, ensinar e aprender com a Sociopoética. Fortaleza: EDUECE, 2014.

PETIT, Sandra Haydée. Recriando o círculo de cultura freireano pela sociopoética: exemplos de uma trajetória de ensino em educação popular. In: SILVA COSTA, Hercilene Maria e; ADAD, Shara Jane Holanda Costa [et al.] (orgs.). **Círculo de cultura sociopoético**: diálogos com Paulo Freire sempre!. Fortaleza: EdUECE, 2019.

PEREIRA, Verônica Maria e Silva. “O que pode o corpo negro e periférico?”: (r)existências de jovens mulheres na Universidade Federal do Piauí. **Dissertação** (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal do Piauí, 2014.

PIOVESAN, Flávia. Ações afirmativas da perspectiva dos direitos humanos. **Cadernos de pesquisa**, v. 35, p. 43-55, 2005.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Fazer do caos uma estrela dançarina no currículo: invenção política com gênero e sexualidade em tempos do slogan “ideologia de gênero.** In: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**, 2. ed. Belo Horizonte: Mazza, 2021.

NOGUERA, Renato. **O ensino de filosofia e a lei 10.639**. 1º ed. Rio de Janeiro: Pallas - Biblioteca Nacional, 2014.

RODRIGUES, Wesley da Silva. Sociopoética de jovens gays nas performatividades do corpo giz da escola pública do Piauí/Brasil. **Dissertação** (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Piauí, 2023.

RODRIGUES, Gabriela Machado Bacelar. Incorporando a mestiçagem: a fraude branca nas comissões de heteroidentificação racial. **Horizontes Antropológicos**, v. 28, n. 63, p. 307-331, 2022.

RODRIGUES, Gabriela Machado Bacelar. “E eu não posso gritar com você?”. In: MARCUCCI, Ana Carolina Oliveira; VILHA, Jinx; CUSTÓDIO, João Henrique [et al.] (orgs). **PorFiar: ações afirmativas e transformações da universidade**. Curitiba: huya, 2023.

ROSARIO, Luiz Gustavo Borges do. Ser ou tornar-se negro na UENF? a construção da identidade racial de estudantes negros cotistas. **Dissertação** (Mestrado em Sociologia Política), Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2024.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda: educação e descolonização**. 1º ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

ROCHA, Ruth. **Quando a escola é de vidro**. [S.I.]: Virtual Books, 2003.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

SANTOS, Gevanilda. **Relações raciais e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

SANTOS, Vanessa Nunes dos. Formação docente em sociopoética como metodologia sensível e inovadora na convivência escolar. **Tese** (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2021.

SANTOS, Vanessa Nunes dos. Sociopoetizando a filosofia de jovens sobre as violências e a relação com a convivência na escola, em Teresina-PI. **Dissertação** (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Piauí, 2014.

SANTOS, Thaysa Tâmara Maciel dos. Caixa de afecções sankofa 2015-2017: metodologias e dispositivos inventivos e afroreferenciados de jovens na formação inicial desde a lei nº 10.639/2003. **Dissertação** (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Piauí, 2021.

SANTOS, Dyane Brito Reis. Para além das cotas: a permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa. **Tese** (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SANTOS, Laudemir Pereira dos. A filosofia do malandro: estéticas de um corpo encantado pela desobediência. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 12, n. 31, 2020.

SOUZA, Sandro Soares de. Memória, cotidianidade e implicações: construindo o diário de itinerância na pesquisa. In: SILVA COSTA, Hercilene Maria e; ADAD, Shara Jane Holanda Costa [et al.] (orgs). **Círculo de cultura sociopoético: diálogos com Paulo Freire sempre!**. Fortaleza: EdUECE, 2019.

SOUZA, Emanuella Geovana Magalhães. Práticas educativas em espaços digitais: narrativas de mulheres afrodescendentes em experiências de leitura. **Tese** (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2023.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SENA, Anne Karoline Cantalice; OLIVEIRA, Mariana Lins de. Universidade e condição discente: experiências de acolhimento e apoio estudantil. **Educere et Educare**, v. 19, n. 49, p. 150-167.

TEIXEIRA, Thiago. **Descolonizar valores: ética e diferença**. 1ª ed. Salvador: Devires, 2021.

TEIXEIRA, Thiago. **Políticas de descontinuidade: ética e subversão**. 1ª ed. Salvador: Devires; 2024.

TEIXEIRA, Letícia Pereira. Chão: o sentido do “entre”. Anais do VI Encontro Científico da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança - ANDA. Salvador: ANDA, 2019. p. 1732-1737.

VAZ, Livia Sant’anna. **Cotas raciais**. São Paulo: Jandaíra, 2022.

VIEIRA, Maria Dolores dos Santos. Maria-José-pode-ser-o-que-quiser: jovens mulheres e as mutações do gênero na formação inicial em pedagogia. **Tese** (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

VIEIRA, Leandro Costa. Políticas de acesso e permanência na educação superior: Reflexões de negras/os egressas/os da Pedagogia do CPAN/UFMS. **Tese** (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2023.

APÊNDICES

Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor (a)

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) de uma pesquisa denominada **O “corre” como ação afirmativa e política de permanência de jovens cotistas da Universidade Federal Do Piauí**. Esta pesquisa está sob a responsabilidade do pesquisador Wanderson William Fidalgo de Sousa, do programa de pós-graduação em educação e tem como objetivos: analisar o “corre” como ação afirmativa e micropolítica de permanência de jovens cotistas da Universidade Federal do Piauí; Identificar a poética do “corre” como ação afirmativa e micropolítica de permanência de jovens cotistas da Universidade Federal do Piauí e compreender as implicações dos/a jovens cotistas em fazer o “corre” para permanecer na Universidade Federal do Piauí. Esta pesquisa tem por finalidade possibilitar uma ampliação da política de permanência e assistência estudantil institucional, pois se faz urgente que jovens cotistas vivam a universidade e não apenas passem por ela. Neste sentido, solicitamos sua colaboração mediante a assinatura deste termo. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), visa assegurar seus direitos como participantes. Após seu consentimento, assine todas as páginas e ao final desse documento que está em duas vias. O mesmo também será assinado pelo pesquisador em todas as páginas, ficando uma via com você participante da pesquisa e outra com o pesquisador. Por favor, leia com atenção e calma, aproveite para esclarecer todas as suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de indicar sua concordância, você poderá esclarecê-las com o pesquisador responsável pela pesquisa através dos seguintes telefones (86) 99546-6997 ou e-mail: wandersonfidalgo33@gmail.com. Se mesmo assim, as dúvidas ainda persistirem você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFPI, que acompanha e analisa as pesquisas científicas que envolvem seres humanos, no Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, Bairro Ininga, Teresina –PI, telefone (86) 3237-2332, e-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br; no horário de atendimento ao público, segunda a sexta, manhã: 08h00 às 12h00 e a tarde: 14h00 às 18h00. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Esclarecemos mais uma vez que sua participação é voluntária, caso decida não participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento

da pesquisa, não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo e o (os) pesquisador estará a sua disposição para qualquer esclarecimento.

A pesquisa tem como justificativa a pesquisa justifica-se na perspectiva de compreender o “corre” como ação afirmativa e micropolítica de permanência criada por jovens cotistas, a fim de se manterem na universidade, uma vez que a entrada desses/a jovens pela Lei de Cotas nº 12.711/12 garante apenas seu acesso e o “corre” é uma possibilidade de permanência, visto que a política de permanência e assistência estudantil não beneficia a todos/a e para sua realização serão utilizados os seguintes procedimentos para a coleta de dados Metodologicamente a pesquisa será utilizada nos pressupostos teóricos e metodológicos da pesquisa Sociopoética. Valendo-se de seus princípios, os quais são: a formação de um grupo-pesquisador, onde cada participante será ativo na pesquisa tornando-se copesquisador/a; a valorização das culturas dominadas e de resistência, reconhece os corpos que estão à margem para melhor compreender o mundo, a partir de suas cosmopercepções; pensar com o corpo todo, para além da razão, pois o corpo pensa; a utilização de técnicas artísticas na produção dos dados e a responsabilidade ética, política, ética e espiritual.

Esclareço que esta pesquisa acarreta os seguintes riscos aos procedimentos realizados para a produção de dados poderão trazer risco de desconforto. Caso o/a participante sinta-se desconfortável no decorrer das oficinas de produção de dados, estará livre para questionar, pausar ou até mesmo desistir se for o caso, porém os mesmos serão contornados - o facilitador compromete-se em manter o mais completo sigilo quanto à identidade do grupo-pesquisador da pesquisa. Em caso de desconfortos emocionais, gatilhos, entre outros, o facilitador compromete-se, ainda, em realizar a coleta de dados em ambiente reservado e sem a presença de pessoas não relacionadas à pesquisa.

Os/a participantes serão identificados/a com pseudônimos para garantir total anonimato durante a organização e análise dos dados da pesquisa. Além disso, após a realização da pesquisa, as produções serão entregues aos participantes para qualquer alteração ou confirmação de seu teor. Os/a participantes poderão ter acesso às informações em todas as etapas da pesquisa.

Com o desenvolvimento desta pesquisa, e os estudos realizados, espera-se contribuir com a ampliação das políticas de permanência e assistência estudantil na Universidade Federal do Piauí, além das discussões a respeito de ações afirmativas no ensino superior, sendo um dos benefícios da pesquisa do Mestrado em Educação.

Os resultados obtidos nesta pesquisa serão utilizados para fins acadêmico-científicos (divulgação em revistas e em eventos científicos) e os pesquisadores se comprometem a manter o sigilo e identidade anônima, como estabelecem as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde nº. 466/2012 e 510/2016 e a Norma Operacional 01 de 2013 do Conselho Nacional de Saúde, que tratam de normas regulamentadoras de pesquisas que envolvem seres humanos. E você terá livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo, bem como lhe é garantido acesso a seus resultados.

Esclareço ainda que você não terá nenhum custo com a pesquisa, e caso haja por qualquer motivo, asseguramos que você será devidamente ressarcido. Não haverá nenhum tipo de pagamento por sua participação, ela é voluntária. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente de sua participação neste estudo você poderá ser indenizado conforme determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, bem como lhe será garantido a assistência integral.

Após os devidos esclarecimentos e estando ciente de acordo com os que me foi exposto, Eu _____ declaro que aceito participar desta pesquisa, dando pleno consentimento para uso das informações por mim prestadas. Para tanto, assino este consentimento em duas vias, rubrico todas as páginas e fico com a posse de uma delas.

Preencher quando necessário

- Autorizo a captação de imagem e voz por meio de gravação, filmagem e/ou fotos;
- Não autorizo a captação de imagem e voz por meio de gravação e/ou filmagem.
- Autorizo apenas a captação de voz por meio da gravação;

Local e data: _____

Assinatura do/a Participante

Assinatura do Pesquisador Responsável

Apêndice B – Formulário de inscrição

05/03/2025, 11:46

FICHA DE INFORMAÇÕES DOS/AS INTERESSADOS/AS NA PESQUISA

FICHA DE INFORMAÇÕES DOS/AS INTERESSADOS/AS NA PESQUISA

Olá, sou Wanderson Fidalgo! Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Piauí, Teresina.

O projeto insere-se no Observatório das Juventudes e Violências na Escola – OBJUVE que se adiciona nas investigações do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Cidadania – NEPEGECI, na linha de pesquisa Educação, Diversidades/Diferença e Inclusão do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí – UFPI.

** Indica uma pergunta obrigatória*

1. Nome completo *

2. Nome Social

3. Qual sua idade? *

Marcar apenas uma oval.

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

4. Período do Curso de Pedagogia *

Marcar apenas uma oval.

1º

2º

3º

4º

5º

6º

7º

8º

9º

5. Ano de Ingresso? *

Marcar apenas uma oval.

2018

2019

2020

2021

2022

2023

2024

6. Qual seu turno? *

Marcar apenas uma oval.

Manhã

Tarde

Noite

7. Como se autodeclara? *

Marcar apenas uma oval.

Preto(a)

Negro(a)

Pardo(a)

Indígena

Quilombola

Prefiro não definir

8. Passou pela Comissão de Heteroidentificação da UFPI? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

9. Qual sua modalidade de ingresso? *

Marcar apenas uma oval.

I - (EP 2) integralmente em escola pública, independentemente de renda;

II - (PCD 2) integralmente em escola pública, independentemente de renda, que sejam pessoas com deficiência;

III - (Q 2) integralmente em escola pública, independentemente de renda, que se autodeclarem quilombolas;

IV - (PPI 2) integralmente em escola pública, independentemente de renda, que se autodeclarem pretos, pardos ou indígenas;

V - (EP 1) integralmente em escola pública, com renda familiar bruta igual ou inferior a 1 (um) salário mínimo per capita;

VI - (PCD 1) integralmente em escola pública, com renda familiar bruta igual ou inferior a 1 (um) salário mínimo per capita, que sejam pessoas com deficiência;

VII - (Q 1) integralmente em escola pública, com renda familiar bruta igual ou inferior a 1 (um) salário mínimo per capita, que se autodeclarem quilombolas;

VIII - (PPI 1) integralmente em escola pública, com renda familiar bruta igual ou inferior a 1 (um) salário mínimo per capita, que se autodeclarem pretos, pardos ou indígenas

Ampla concorrência

10. Qual sua identidade de gênero? *

Marcar apenas uma oval.

- Travesti
- Pessoa não-binária
- Mulher Trans
- Homem Trans
- Pessoa a-gênero
- Homem
- Mulher
- Prefiro não definir

11. Qual sua sexualidade? *

Marcar apenas uma oval.

- Pansexual
- Assexual
- Bissexual
- Gay
- Lésbica
- Prefiro não definir
- Heterossexual

12. Qual seu horário de disponibilidade para participar das oficinas? *

Marque todas que se aplicam.

- Manhã
- Tarde
- Noite

ANEXOS**Anexo A - Autorização Institucional**

	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO Campus Ministro Petrônio Portella – Bairro Ininga CEP.: 64.049-550 – Teresina – Piauí – Brasil	
---	---	---

AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

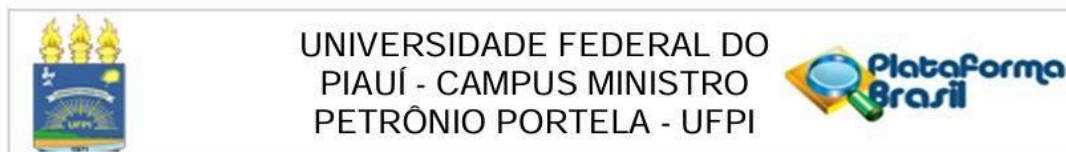
Autorizamos, sob orientação da Professora Shara Jane Holanda Costa Adad, nos termos e procedimentos estabelecidos pelos Centros, Departamentos e Coordenações pertinentes, a realização da coleta de dados do projeto de pesquisa intitulado "O "CORRE" COMO AÇÃO AFIRMATIVA E POLÍTICA DE PERMANÊNCIA DE JOVENS COTISTAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ" junto aos estudantes de graduação desta IFES, pelo discente Wanderson William Fidalgo de Sousa, do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED/ Centro de Ciências da Educação – CCE – Campus Ministro Petrônio Portella, em Teresina – PI, a fim de fomentar projeto de pesquisa.

Teresina, 14 de março de 2024.

Ana Beatriz Sousa Gomes
Ana Beatriz Sousa Gomes
Pró-Reitora de Ensino e Graduação

Profa. Dra. Ana Beatriz Sousa Gomes
Pró-Reitora de Ensino e Graduação

Anexo B - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PIAUÍ - CAMPUS MINISTRO
PETRÔNIO PORTELA - UFPI



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O *¿CORRE¿* COMO AÇÃO AFIRMATIVA E POLÍTICA DE PERMANÊNCIA DE JOVENS COTISTAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

Pesquisador: Wanderson William Fidalgo de Sousa

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 78948024.0.0000.5214

Instituição Proponente: Universidade Federal do Piauí - UFPI

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.941.156

Apresentação do Projeto:

A apresentação do projeto foi baseada em informações extraídas dos documentos "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2310919.pdf" e "PROJETO_ATL.docx".

1.1. Informações Gerais

Este parecer refere-se à análise de resposta às pendências, emitidas pelo CEP/UFPI no parecer número 78948024.0.0000.521, em 29/05/2024, referente ao projeto de pesquisa intitulado *¿O ¿CORRE¿* COMO AÇÃO AFIRMATIVA E POLÍTICA DE PERMANÊNCIA DE JOVENS COTISTAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ.

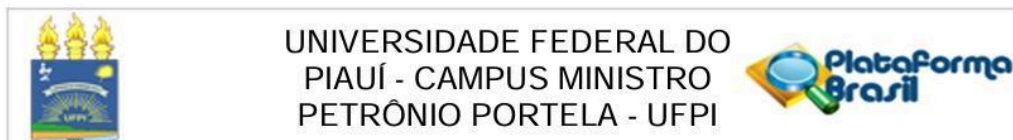
1.2. Equipe de Pesquisa

O pesquisador responsável é o Sr. Wanderson William Fidalgo de Sousa, e o pesquisador assistente é a Sra. SHARA JANE HOLANDA COSTA ADAD.

1.3. Resumo do Projeto

A pesquisa tem como justificativa na perspectiva de compreender o *¿corre¿* como ação afirmativa e micropolítica de permanência criada por jovens cotistas, a fim de se manterem na universidade, uma vez que a entrada desses/a jovens pela Lei de Cotas no 12.711/12 garante apenas seu acesso e o *¿corre¿* é uma possibilidade de permanência, visto que a política de

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, sala do CEP UFPI (Bloco da Pró-Reitoria de Administração -
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)2222-4824 **Fax:** (86)2222-4824 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Parecer: 6.941.156

permanência e assistência estudantil não beneficia a todos/a, e utiliza a metodologia nos pressupostos teóricos e metodológicos da pesquisa Sociopoética. Para o recrutamento, o pesquisador não indica como será realizado. Os critérios de inclusão e exclusão são, respectivamente, ser jovem cotista, estudante da graduação da Universidade Federal do Piauí, campus de Teresina e ter idade entre 18 a 29 anos. Além de ter disponibilidade para participar das oficinas, interesse em participar da pesquisa e aceitação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; e não ser jovem cotista, estudante da graduação da Universidade Federal do Piauí, campus de Teresina e ser menor de idade. Não ter disponibilidade para participar das oficinas, sem interesse em participar da pesquisa e não aceitação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

1.4. Hipótese

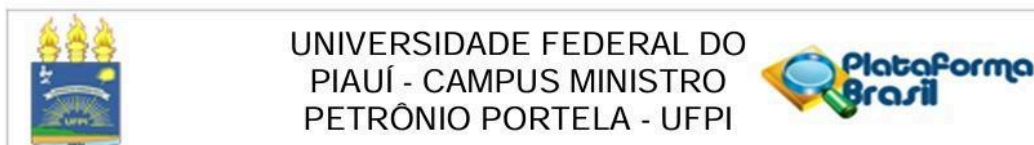
As hipóteses do projeto são:

1. Apoiados por oficinas Sociopoéticas, os/a jovens cotistas participam ativamente na construção poética das micropolíticas de permanência a partir do ζ corre ζ como ação afirmativa que buscam promover sua permanência na universidade, revelando estratégias e recursos criativos para superar desafios;
2. O ζ corre ζ impacta a permanência dos/a jovens cotistas, influenciando suas experiências acadêmicas e sociais.

1.5. Metodologia Proposta

A metodologia proposta consiste em Metodologicamente a pesquisa será utilizada nos pressupostos teóricos e metodológicos da pesquisa Sociopoética. Valendo-se de seus princípios, os quais são: a formação de um grupo-pesquisador, onde cada participante será ativo na pesquisa tornando-se copesquisador/a; a valorização das culturas dominadas e de resistência, reconhece os corpos que estão à margem para melhor compreender o mundo, a partir de suas cosmopercepções; pensar com o corpo todo, para além da razão, pois o corpo pensa; a utilização de técnicas artísticas na produção dos dados e a responsabilidade ética, política, ética e espiritual (Gauthier, 2012, Adad, 2014). Na negociação da pesquisa, institucionalizará o grupo-pesquisador a ser formado com até dez (10) jovens cotistas dos cursos de graduação na Universidade Federal do Piauí, campus Teresina. A amostra estabelecida para a pesquisa é de 10 participantes.

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, sala do CEP UFPI (Bloco da Pró-Reitoria de Administração -
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)2222-4824 **Fax:** (86)2222-4824 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Parecer: 6.941.156

Objetivo da Pesquisa:

1. Objetivo Primário

O objetivo primário da pesquisa é Analisar o ζ corre ζ como ação afirmativa e micropolítica de permanência de jovens cotistas da Universidade Federal do Piauí.

2. Objetivos Secundários

Os objetivos secundários da pesquisa são Identificar a poética do ζ corre ζ como ação afirmativa e micropolítica de permanência de jovens cotistas da Universidade Federal do Piauí e compreender as implicações dos/a jovens cotistas em fazer o ζ corre ζ para permanecer na Universidade Federal do Piauí.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

1. Riscos e Benefícios do TCLE

O(A) pesquisador(a) aponta os riscos e benefícios da pesquisa, conforme descritos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE):

Riscos:

ζ Esclareço que esta pesquisa acarreta os seguintes riscos aos procedimentos realizados para a produção de dados poderão trazer risco de desconforto. Caso o/a participante sinta-se desconfortável no decorrer das oficinas de produção de dados, estará livre para questionar, pausar ou até mesmo desistir se for o caso, porém os mesmos serão contornados - o facilitador compromete-se em manter o mais completo sigilo quanto à identidade do grupo-pesquisador da pesquisa. Em caso de desconfortos emocionais, gatilhos, entre outros, o facilitador compromete-se, ainda, em realizar a coleta de dados em ambiente reservado e sem a presença de pessoas não relacionadas à pesquisa. ζ

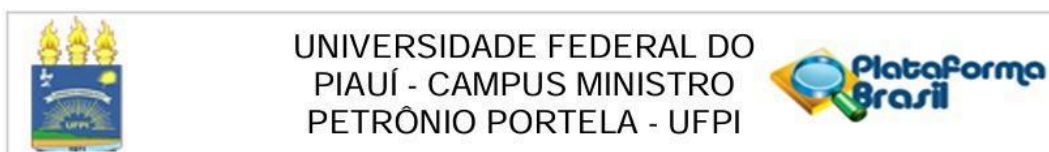
Benefícios:

ζ Com o desenvolvimento desta pesquisa, e os estudos realizados, espera-se contribuir com a ampliação das políticas de permanência e assistência estudantil na Universidade Federal do Piauí, além das discussões a respeito de ações afirmativas no ensino superior, sendo um dos benefícios da pesquisa do Mestrado em Educação. ζ

2. Riscos e Benefícios do Documento Informações Básicas do Projeto

O(A) pesquisador(a) aponta os riscos e benefícios da pesquisa, conforme descritos no documento "Informações Básicas do Projeto":

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, sala do CEP UFPI (Bloco da Pró-Reitoria de Administração -
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)2222-4824 **Fax:** (86)2222-4824 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Parecer: 6.941.156

Riscos:

¿ Esta pesquisa oferece risco de danos. Nesse caso, os procedimentos realizados para a produção de dados poderão trazer risco de desconforto. Caso o/a participante sinta-se desconfortável no decorrer das oficinas de produção de dados, estará livre para questionar, pausar ou até mesmo desistir se for o caso. Como forma de contorno de possível risco de desconforto, o facilitador compromete-se em manter o mais completo sigilo quanto à identidade do grupo-pesquisador da pesquisa.¿

Benefícios:

¿ Com o desenvolvimento desta pesquisa, e os estudos realizados, espera-se contribuir com a ampliação das políticas de permanência e assistência estudantil na Universidade Federal do Piauí, além das discussões a respeito de ações afirmativas no ensino superior.¿

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

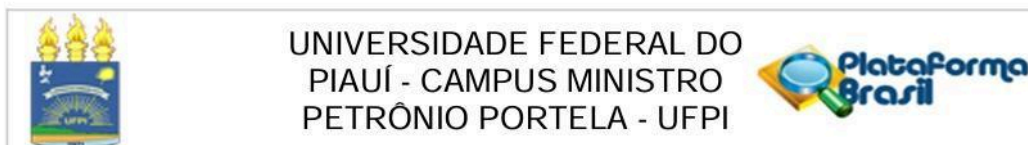
Após análise da documentação apresentada e considerando as Resoluções e Normas aplicáveis, considera-se que a pesquisa em questão é exequível e relevante para a área de atuação, uma vez que o tema é relevante, de interesse da comunidade e possui metodologia adequada.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Verificou-se que os documentos obrigatórios para a avaliação ética da pesquisa foram apresentados, são eles:

- ¿ Folha de rosto;
- ¿ Carta de encaminhamento;
- ¿ Projeto de pesquisa;
- ¿ TCLE;
- ¿ Autorização institucional;
- ¿ Declaração dos Pesquisadores;
- ¿ Termo de Confidencialidade;
- ¿ Curriculum Lattes de todo(a)s o(a)s pesquisadore(a)s;
- ¿ Instrumento de coleta (quando couber, e não precisa estar em documento separado);
- ¿ Cronograma (não precisa estar em documento separado);
- ¿ Orçamento (não precisa estar em documento separado).

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, sala do CEP UFPI (Bloco da Pró-Reitoria de Administração -
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)2222-4824 **Fax:** (86)2222-4824 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Parecer: 6.941.156

Recomendações:

Não há recomendações específicas a serem feitas neste momento.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

¿ Lista de pendências da versão anterior:

- o Pendência 1: Necessidade de um TALE para participantes menores de idade e de um TCLE para seus responsáveis - ATENDIDA;
- o Pendência 2: TCLE: formas apresentadas de contornar os riscos já são garantias (garantia de liberdade de participação e a garantia da manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes), apresente outras formas de contornar os riscos citados; Em caso de desconfortos emocionais, gatilhos, etc, como serão contornados? - ATENDIDA;
- o Pendência 3: TCLE: não apresenta os benefícios que constam no documento de informações básicos do projeto, favor padronizar - ATENDIDA;
- o Pendência 4: A forma de recrutamento não foi apresentada. Qual será a forma de busca e acesso aos potenciais participantes? - ATENDIDA;
- o Pendência 5: Instrumento de coleta apresenta o processo metodológico e não as perguntas que serão realizadas ou a forma em que dados serão coletados e armazenados. Detalhar a quais procedimentos os participantes serão submetidos durante a oficina - ATENDIDA.
- o Pendência 6: TCLE:
 - Assinaturas não podem ficar em página separada ¿ ATENDIDA;
 - Corrigir numeração das páginas (3-2) ¿ ATENDIDA.

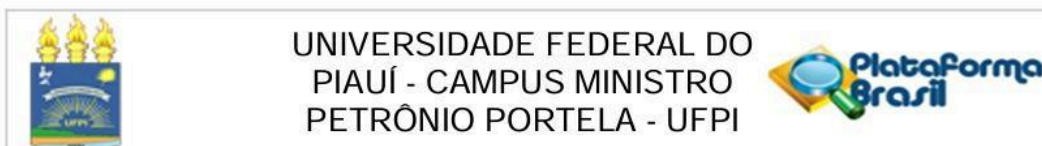
Após análise documental, não verificamos pendências ou inadequações e consideramos o projeto apto a ser desenvolvido.

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa ¿ CEP, de acordo com as atribuições definidas nas Resoluções CNS nº 466 de 2012 e nº 510 de 2016 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação protocolo de pesquisa.

o Solicita-se que seja enviado ao CEP-UFPI/CMPP o relatório parcial e o relatório final desta pesquisa. Os modelos encontram-se disponíveis no site: <http://ufpi.br/cep>

¿ Em atendimento as Resoluções CNS nº 466/2012 e 510/2016, cabe ao pesquisador responsável pelo presente estudo elaborar e apresentar ao CEP RELATÓRIOS PARCIAIS (semestrais) e FINAL. O relatório deve ser enviado pela Plataforma Brasil em forma de ¿notificação¿;

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, sala do CEP UFPI (Bloco da Pró-Reitoria de Administração -
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)2222-4824 **Fax:** (86)2222-4824 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Parecer: 6.941.156

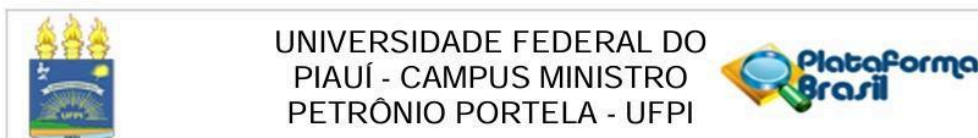
- o Qualquer necessidade de modificação no curso do projeto deverá ser submetida à apreciação do CEP, como EMENDA. Deve-se aguardar parecer favorável do CEP antes de efetuar a/s modificação/ões.
- o Justificar fundamentadamente, caso haja necessidade de interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.
- o O Comitê de Ética em Pesquisa não analisa aspectos referentes a direitos de propriedade intelectual e ao uso de criações protegidas por esses direitos. Recomenda-se que qualquer consulta que envolva matéria de propriedade intelectual seja encaminhada diretamente pelo pesquisador ao Núcleo de Inovação Tecnológica da Unidade.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	_corrigido.docx	08/06/2024 10:03:37	DAIANA DE SOUSA PINTO	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2310919.pdf	30/05/2024 17:42:41		Aceito
Outros	RECRUTAMENTO_ATL.docx	30/05/2024 17:10:13	Wanderson William Fidalgo de Sousa	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	30/05/2024 17:07:54	Wanderson William Fidalgo de Sousa	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_ATL.docx	30/04/2024 11:11:11	Wanderson William Fidalgo de Sousa	Aceito
Brochura Pesquisa	PROJETO_REVISADO.docx	30/04/2024 11:05:07	Wanderson William Fidalgo de Sousa	Aceito
Outros	Justificativa_Dispensa_TALE.docx	30/04/2024 10:54:33	Wanderson William Fidalgo de Sousa	Aceito
Outros	COLETA_DADOS.docx	30/04/2024 10:50:50	Wanderson William Fidalgo de Sousa	Aceito
Outros	Autorizacao_alt.pdf	12/04/2024 09:04:21	Wanderson William Fidalgo de Sousa	Aceito
Outros	Curriculo_pesquisadora_assistente.	08/04/2024	Wanderson William	Aceito

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, sala do CEP UFPI (Bloco da Pró-Reitoria de Administração -
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)2222-4824 **Fax:** (86)2222-4824 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Parecer: 6.941.156

Outros	pdf	13:30:35	Fidalgo de Sousa	Aceito
Outros	Curriculo_pesquisador_responsavel.pdf	08/04/2024 13:29:59	Wanderson William Fidalgo de Sousa	Aceito
Outros	Carta_Encaminhamento.pdf	08/04/2024 13:27:40	Wanderson William Fidalgo de Sousa	Aceito
Outros	Termo_confidelidade.pdf	08/04/2024 13:25:06	Wanderson William Fidalgo de Sousa	Aceito
Cronograma	Cronograma_atl.pdf	03/04/2024 12:20:48	Wanderson William Fidalgo de Sousa	Aceito
Outros	Termo_confidelidade.pdf	27/03/2024 10:06:37	Wanderson William Fidalgo de Sousa	Aceito
Outros	Carta_Encaminhamento.pdf	27/03/2024 09:56:03	Wanderson William Fidalgo de Sousa	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_pesquisador.jpg	27/03/2024 09:54:41	Wanderson William Fidalgo de Sousa	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	27/03/2024 09:52:13	Wanderson William Fidalgo de Sousa	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	27/03/2024 09:50:53	Wanderson William Fidalgo de Sousa	Aceito
Outros	Curriculo_pesquisadora_assistente.pdf	26/03/2024 12:48:46	Wanderson William Fidalgo de Sousa	Aceito
Outros	Curriculo_pesquisador_responsavel.pdf	26/03/2024 12:46:16	Wanderson William Fidalgo de Sousa	Aceito
Outros	AUTORIZACAO_UFPI.pdf	26/03/2024 12:44:56	Wanderson William Fidalgo de Sousa	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	26/03/2024 12:43:04	Wanderson William Fidalgo de Sousa	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TERESINA, 10 de Julho de 2024

Assinado por:
Emidio Marques de Matos Neto
 (Coordenador(a))

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, sala do CEP UFPI (Bloco da Pró-Reitoria de Administração -
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)2222-4824 **Fax:** (86)2222-4824 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br